



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE



VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA

Catharie Brandão de Souza

Campina Grande – PB
2024

CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA

VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

Orientadora: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves.

S729v

Souza, Catharie Brandão de.

Vivências com a poesia de Márcia Kambeba na sala de aula /
Catharie Brandão de Souza. – Campina Grande, 2024.

127 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves".

Referências.

1. Poesia Indígena. 2. Poesia Brasileira. 3. Literatura Antirracista –
Sala de Aula. 4. Formação de Leitores. 5. Kambeba, Márcia Wayna,
1979-. I. Alves, José Helder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-1(81)(043)

CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA

VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

Orientador: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves – UFCG/PPGLE
Orientador

Profa. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nobrega – UFCG/PPGLE
Examinadora interna

Profa. Dra. Maria Dulcinéa da Silva Loureiro
Examinadora Externa

Campina Grande – PB
2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **365** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Catharie Brandão de Souza**.

1. Aos 26 dias do mês de agosto do ano de 2024, às 14:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo(a) Prof(a). Dr(a). José Hélder Pinheiro Alves, (UFCG/PPGLE), orientador(a), e composta pelo(a) Prof(a). Dr(a). Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Prof(a). Dr(a). Maria Dulcineia da Silva Loureiro, (URCA), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) discente **Catharie Brandão de Souza**, intitulada: "**Vivências Com a Poesia de Márcia Kambeba na Sala de Aula**".

2. A sessão foi aberta pelo(a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao(à) mestrando(a). Este(a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições do(a)s examinadores(as).

3. Logo após, o(a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.

4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do(a) candidato(a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 78 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, o presidente da Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **9,0(nove)** correspondente ao conceito **APROVADO**. **A banca destacou a riqueza da experiência realizada e sugeriu uma revisão linguística de partes do trabalho.**

5. Nada mais havendo a tratar, Eu JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também o(a) mestrando(a) que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 10/09/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA MARTA DOS SANTOS SILVA NOBREGA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 10/09/2024, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Catharie Brandão de Souza, Usuário Externo**, em 22/09/2024, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Para meus pais, minha irmã e minha filha: Davi, Marinalva, Keldyma e Kerollen.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a Deus por sua constante presença em minha vida, me concedendo a força e a resiliência necessárias para superar os desafios e obstáculos que a vida me impôs.

Aos meus queridos pais, Marinalva e Davi Brandão, por serem meu porto seguro e fonte inesgotável de amor e apoio ao longo desta jornada acadêmica

À minha adorável filha, Hemyllle Kerollen Brandão, por ser minha inspiração diária e motivo de orgulho.

A minha amada irmã, Keldyma Brandão, e seu esposo, Luandro Alves, pelo carinho e compreensão durante os momentos de dedicação aos estudos.

Aos queridos professores Profa. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nobrega e Prof. Dr. Sergio Carvalho de Assunção por suas valiosas contribuições durante a qualificação, que foram essenciais para construção deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves, que com suas contribuições, tornaram possível a conclusão desta etapa, minha mais profunda gratidão, admiração e respeito.

Agradeço também o apoio incondicional de toda minha família, amigos e colaboradores, que estiveram ao meu lado em cada desafio, obrigado por fazerem parte dessa jornada e por tornarem possível a realização deste sonho.

*“Bonito é florir no meio dos ensinamentos
impostos pelo poder. Bonito é florir no meio
do ódio, da inveja, da mentira ou o lixo da
sociedade. Bonito é renascer todos os dias.
Um futuro digno espera os povos indígenas de
todo o mundo.”*

Eliane Potiguara

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal desenvolver um trabalho de educação literária antirracista junto a alunos do 9º ano do ensino fundamental com a poesia da autora indígena Márcia Kambeba. Buscou-se evidenciar a relevância da poesia indígena na resistência dos povos originários em relação à luta contra o racismo. A pesquisa lançou mão de poemas de várias obra de Kambeba, como, *Saberes da Floresta* e *O Lugar do Saber Ancestral*, etc. Como recortes teóricos que orientaram nossa investigação, destacamos: No campo das reflexões sobre a literatura indígena: Almeida (2009), Cagnet (2015), Dorrico (2021), Graúna (2013), Munduruku (2010 /2017), Potiguara (2019), Thiel (2012). No campo metodológico lançamos mão do método recepcional amparados por Bordini & Aguiar (1988) e performático em Oliveira (2018), também da concepção de conversas literárias em Bajour (2012), Pinheiro (2018) e Rosemblat (2002) que contribuem com a reflexão relativa a uma abordagem interativa com o texto literário. A experiência de leitura da poesia indígena em sala de aula favoreceu uma mudança na visão dos alunos sobre os povos originários. Houve um reconhecimento de percepções preconceituosas que circulam, bem como um maior interesse pelas diversas manifestações culturais dos indígenas brasileiros.

Palavras-Chave: Poesia indígena; Literatura antirracista na sala de aula; Márcia Kambeba.

ABSTRACT

This dissertation's main objective is to develop anti-racist literary education work with 9th year elementary school students with the poetry of indigenous author Márcia Kambeba. We sought to highlight the relevance of indigenous poetry in the resistance of original peoples in relation to the fight against racism. The research used poems from several works by Kambeba, such as *Saberes da Floresta* and *O Lugar do Saber Ancestral*, etc. As theoretical excerpts that guided our investigation, we highlight: In the field of reflections on indigenous literature: Almeida (2009), Cagnet (2015), Dorrico (2021), Graúna (2013), Munduruku (2010 /2017), Potiguara (2019), Thiel (2012). In the methodological field, we make use of the reception method supported by Bordini & Aguiar (1988) and performative in Oliveira (2018), also the conception of literary conversations in Bajour (2012), Pinheiro (2018) and Rosemblat (2002) that contribute to the reflection relating to an interactive approach to the literary text. The experience of reading indigenous poetry in the classroom favored a change in the students' view of indigenous peoples. There was a recognition of prejudiced perceptions that circulate, as well as a greater interest in the diverse cultural manifestations of Brazilian indigenous people.

Keywords: Indigenous poetry; Anti-racist literature in the classroom; Márcia Kambeba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Margarida com poema margaridas	23
Figura 2 –Mapa do território Kambeba século XVI e XVII	36
Figura 3-Biblioteca da escola ECI Virgínius da Gama e Melo	49
Figura 4- Quadro da sala da biblioteca	50
Figura 5- Biblioteca e sua diversidade	51
Figura 6- A biblioteca e sua organização	52
Figura 7- Mapa sonoro	61
Figura 8- Poema Grafismo com mapa sonoro feito pelos alunos	62
Figura 9 – Diário de leitura da aluna D	70
Figura 10- Diário de leitura da aluna E	71
Figura 11- Diário de leitura da aluna F	72
Figura 12- Diário de leitura da aluna G	73
Figura 13- Diário de leitura da aluna H	75
Figura 14- Diário de leitura da aluna I	76
Figura 15- Diário de leitura da aluna J	77
Figura 16– Diário de leitura da aluna K	77
Figura 17- Diário de leitura da aluna L	78
Figura 18- Diário de leitura da aluna M	80
Figura 19- Diário de leitura da aluna N	80
Figura 20- Diário de leitura da aluna O	81
Figura 21- Diário de leitura da aluna P	82
Figura 22- Diário de leitura da aluna R	82
Figura 23 -Diário de leitura da aluna S	83
Figura 24- Diário de leitura da aluna T	83
Figura 25- Diário de leitura da aluna U	84
Figura 26- Diário de leitura da aluna V	85
Figura 27- Diário de leitura da aluna W	87
Figura 28- Diário de leitura da aluna X	87
Figura 29- Diário de leitura da aluna Z	88
Figura 30- Cocar indígena	89
Figura 31- Apresentação do poema Grafismo	90
Figura 32- Contato com a autora Marcia Kambeba	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Diagnóstico	55
Quadro 2- Recepção Poética	56
Quadro 3- Continuação da recepção Poética	57
Quadro 4- Continuação da recepção Poética	58
Quadro 5- Vivenciando poemas com o método performático	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2. A POESIA INDÍGENA DE MARCIA KAMBEBA	18
2.1 Luta e resistência na poesia de Marcia Kambeba	20
2.2 O Povo Kambeba	36
2.3 A poesia indígena na sala de Aula	39
3. A FORMAÇÃO DE LEITORES, A ESCOLA E ASPECTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 Caracterizando a escola e os alunos	47
3.2 Discutindo os instrumentos da coleta de dados	52
3.3 Natureza da investigação	53
3.4 Os planos de aula e sua prática	54
4. VIVENCIANDO A POESIA INDÍGENA EM SALA DE AULA	64
4.1 O preconceito identificado	65
4.2 Ponderações sobre a Resistência	74
4.3 Identidade	79
4.4 O Sarau literário: um marco escolar	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	100
ANEXOS	108

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas voltadas para o trabalho com o poema em sala de aula no ensino fundamental revelam envolvimento dos leitores, quer pelo modo de abordagem, quer pelas temáticas próximas ao horizonte de expectativa deles, quer pela metodologia que favorece a interação texto e leitor. Algumas pesquisas realizadas no PPGLE atestam que o trabalho com o poema pode ser significativo e envolvente, como a dissertação de Bueno (2015), realizada com alunos do quarto do ensino fundamental, com temática sobre a dança. Já a pesquisa de Silva (2016), volta-se para as modificações na percepção social do idoso com alunos de uma turma do 6º ano do ensino fundamental, Batista (2016), por sua vez, trabalhou a recepção da poesia de Alice Ruiz em uma turma do 1º ano do ensino médio, com um fazer pedagógico calcado em algumas premissas do Método Recepcional, de Aguiar e Bordini (1993). Santos (2019), analisou a recepção de poemas de Sérgio Capparelli, no âmbito da sala de aula, com alunos do 4º ano do ensino fundamental.

Se por um lado, o trabalho com o poema na sala de aula permanece escasso, no que se refere aos poemas de autoria de indígenas, a ausência é ainda mais forte. Existe, portanto, uma lacuna relativa ao conhecimento sobre a literatura indígena do Brasil, no ensino fundamental anos finais, mesmo sendo um conteúdo obrigatório, conforme a lei nº 11.645/08, que modifica a lei nº 10.639/03, estabelecendo diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena."

A necessidade de levar a literatura indígena para a turma surgiu durante as aulas de literatura, em uma escola privada de ensino fundamental anos finais, no ano de 2021, em uma turma do 9º ano. O que desencadeou esse interesse foi a leitura do livro *Órfãos de Haximu*, de Daflon e Daflon (2010), que retoma o conhecido Massacre de Haximu (1993)¹ e a efervescência dos alunos levou-me a querer expandir este conhecimento por intermédio do desenvolvimento de um projeto com estudo da literatura indígena, mais especificamente com poemas indígenas.

Das leituras e pesquisas de autores indígenas resultou esta dissertação, cuja questão de pesquisa é a seguinte: a poesia produzida por autores indígenas pode contribuir para formação

¹ Na manhã de 23 de julho de 1993, um grupo de garimpeiros entraram na aldeia yanomami de Haximu, na fronteira da Venezuela com o Brasil, e assassinou 12 indígenas. Entre as vítimas, havia adolescentes, crianças e um bebê. Todos mortos a tiros ou a golpes de facão. Mesmo tendo ocorrido em solo venezuelano, o crime envolveu garimpeiros brasileiros que fugiram para o Brasil depois do massacre e alguns foram presos. Por isso, o caso foi julgado aqui no país e acabou sendo tipificado como genocídio. Disponível em < <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/massacre-de-haximu-completa-30-anos-em-agosto> >. Acessado em 12 de junho de 2023.

de leitores? É possível, a partir destas leituras, colocar em crise certas visões preconceituosas sobre nossos povos ancestrais?

Para responder a tais perguntas elegemos como corpus para a investigação poemas dos livros: *O lugar do Saber Ancestral* e *Saberes da Floresta* da Marcia Kambeba; selecionamos esta autora, devido a sua história que transita entre a aldeia e a cidade, sempre lutando por uma desmistificação do estereótipo instituído pelos não indígenas sobre os povos originários.

A hipótese desta investigação é de que a experiência com a poesia indígena propiciasse um diálogo entre leitor e a obra, provocando aproximação e empatia com a cultura indígena, favorecendo uma visão menos preconceituosa sobre os povos originários.

Elegemos como objetivo geral: Desenvolver um trabalho de educação literária antirracista junto a alunos do 9º ano do ensino fundamental com a poesia da autora indígena Márcia Kambeba. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: 1) Evidenciar a relevância da poesia indígena na resistência dos povos originários em relação à luta contra racismo, 2) Vivenciar com os alunos poemas que favoreçam a aproximação da cultura ancestral a partir dos livros *Saberes da Floresta* e *O lugar do Saber Ancestral*, 3) Refletir sobre a recepção desta poesia, atentando para aspectos da identidade dos povos ancestrais e possíveis reverberações entre os leitores.

Segundo Lajolo (2001), é por meio da literatura que o leitor pode ter contato com vários mundos: desde aquele que envolve elementos do sobrenatural até os da cientificidade. Assim sendo, a literatura pode ser compreendida como a “porta para variados mundos que ele cria e não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção”. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (Lajolo, 2001, p. 44-45).

Portanto, acreditamos que ao aprofundarmos o conhecimento da literatura indígena, por meio da leitura da poesia indígena, podemos vivenciar uma relação entre literatura, cultura e realidade; esta experiência pode contribuir para uma formação leitora reflexiva, abrindo espaço para antirracismo. Posto isto, essa pesquisa se justifica também pela necessidade de diminuir a lacuna sobre a produção escrita pelos povos originários na escola.

Metodologicamente, a nossa pesquisa é aplicada, uma vez que gera o conhecimento através de uma aplicação prática, também se trata de uma pesquisa participante, que se caracteriza pela intensa interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Compreende-se esse tipo de pesquisa ocorre quando há um interesse coletivo para resolver um problema ou suprir uma necessidade, nesse tipo de pesquisa é necessário envolvimento no trabalho de forma cooperativa (Gil, 2008). Quanto à abordagem, utilizamos a bibliográfica, porque investiga materiais teóricos e por meio do método qualitativo procura interpretar um

objeto, neste caso, os poemas da Marcia Kambeba e sua recepção em sala de aula.

A coleta dos dados para o desenvolvimento da pesquisa, aconteceu a partir das aulas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, na escola ECI Virgínius da Gama Melo, localizado na rua Penedo, SN - Malvinas, Campina Grande – PB, por meio do Diário de Leitura e os registros imagéticos.

A pesquisa foi dividida em três fases: 1) Planejamento: (preparação teórico-metodológicas, verificação e leitura da fortuna crítica sobre Marcia Kambeba, aprofundamento da leitura de poemas presentes nas obras *Saberes da Floresta* e *O Lugar do Saber Ancestral*. Este também foi o momento de selecionar os recortes teóricos para orientar nossa pesquisa, 2) Prática de sala de aula: nesta etapa tivemos três momentos: A) Sondagem diagnóstica: aqui utilizamos a leitura da crônica “É índio, não é índio”, no livro *Histórias de índio*, de Daniel Munduruku, para ter uma noção do que os alunos conheciam ou imaginavam sobre os indígenas. Após a discussão sobre a crônica, vimos o vídeo Fantasia de Índio no Youtube do canal indígena, Cristian Wariu Tseremwy’wa, do povo Xavante, com descendência do guarani nhandewa e do depoimento de Marcia Kambeba, gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas (2016).

Para essa sondagem, o debate em sala de aula foi suficiente para conhecermos o interesse e até onde os alunos sabiam sobre os povos originários. Para o registro das recepções utilizaremos o diário de leitura, bem como, os registros imagéticos: gravação de vídeo e áudio. B) Leitura dos poemas: observamos a recepção dos poemas, lançamos mão do método recepcional e performático, que favorecem o diálogo do leitor com o texto, bem como a expressão oral de modo mais intenso e significativo. C) Conclusão da experiência: os alunos compartilharam seus conhecimentos com toda a escola e convidados, aberto ao público por meio de um sarau literário poético indígena. 3) Reflexão sobre os dados e construção de categorias de análise: em que interpretaremos os dados coletados, refletindo sobre tudo que aconteceu em nossa pesquisa, buscando atingir os objetivos enfatizados durante nossa investigação.

O nosso estudo buscou apoio em dois campos teóricos: 1) no campo das reflexões sobre a literatura indígena destacamos: Almeida (2009), Cagnet (2015), Dorrico (2021), Graúna (2013), Munduruku (2010 /2017), Potiguara (2019), Thiel (2012). 2) No campo metodológico lançamos mão do método recepcional amparados por Bordini & Aguiar (1988) e performático em Oliveira (2018), lançamos mão também da concepção de conversas literárias em Bajour (2012), Pinheiro (2018) e Rosemblat (2002) que também contribuíram com a reflexão relativa a uma abordagem interativa com o texto literário.

No primeiro tópico: **Introdução**, situamos o leitor sobre a importância de nossa investigação, a motivação que levou à construção do trabalho, a pergunta que nos inquietou sobre o tema proposto, os objetivos que conduzem a relevância desta inquirição para o meio acadêmico, assim como a metodologia proposta, as fases de desenvolvimento e o nosso apoio teórico, além de destacar um breve resumo de como será exposto o primeiro, segundo e terceiro capítulo desta dissertação.

No segundo tópico: **A poesia indígena de Marcia Kambeba**, trazemos informações sobre a autora em foco nesta pesquisa, expondo sobre a história de vida, a importância da escrita presente em suas obras para a desconstrução de estereótipos, a representação da resistência da mulher por meio dos seus poemas e a identidade do povo das águas que marca a sua produção.

No terceiro tópico: **A formação de leitores, a escola e aspectos e metodológicos**, evidenciamos a composição do corpo metodológico, a exposição da caracterização da pesquisa e da escola, a apresentação do perfil da turma, a discussão sobre os instrumentos da coleta de dados e a importância da poesia na sala de aula.

O quarto e último tópico: **Vivenciando a poesia indígena em sala de aula**, apresentamos o percurso da investigação, os poemas trabalhados e aprofundamentos a reflexão sobre a recepção através de categorias temáticas que foram formuladas a partir da leitura, releitura e análise dos poemas com os alunos, elegemos assim três categorias: 1) Preconceito, 2) Percepção da resistência e 3) Identidade.

Concluimos com as considerações finais, fazendo um arremate de todo o trabalho em que sintetizamos o que foi planejado metodologicamente, a experiência na sala de aula e os resultados obtidos; em sequência temos as referências bibliográficas empregadas para o fundamento metodológico, teórico e reflexivo desta pesquisa, os apêndices que mostram os documentos produzidos por nós e os anexos com a crônica e os poemas trabalhados durante as aulas na experiência.

2. A POESIA INDÍGENA DE MARCIA KAMBEBA

A divulgação da literatura de autoria indígena é recente; a primeira indígena mulher a escrever um livro no Brasil foi Eliane Potiguara, cuja obra intitulada *A terra é a mãe do índio*, foi publicada em 1989. A partir deste marco, muitas obras surgiram e hoje compõem um quadro já bastante significativo, o qual indicamos a seguir, a partir da pesquisa de Moreira (2021): Lídia Krexu Rete Veríssimo, *O balaio enfeitado*, em 2002 / Sulamy Katy, *Meu lugar no mundo*, em 2004 / Kerexu Mirim, *A índia voadora*, em 2005 / Graça Graúna *Criaturas de Ñanderu*, em 2010 / Maria Kerexu, *A mulher que virou Urutau*, em 2011 / Marcia Mura *O espaço lembrado: experiências de vida em seringais da Amazônia*, em 2013 / Denízia Cruz, *Contos Indígenas*, em 2014 / Niara Terena *Amor essencial*, em 2015 / Marcia Kambeba, *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, em 2018 / Auritha Tabajara, *Coração na aldeia: pés no mundo*, em 2018 / Julie Dorrico *Eu sou macuxi e outras histórias*, em 2019 / Marcia Kambeba, *Saberes da floresta*, em 2020, *O lugar do saber ancestral*, em 2021 e *O povo Kambeba e a gota de água*, em 2022. (Moreira, 2021)

O primeiro poema indígena a ser publicado “Identidade indígena” de Eliane Potiguara, um marco na literatura brasileira, pois de acordo com Mielnik (2019), o presente ergue-se sobre as ruínas de um passado marcado pela opressão, pela imposição e pelo lamento das culturas perdidas. Esta construção visa um amanhã mais promissor para os povos indígenas, fundamentado no reconhecimento da capacidade de serem quem são, e poder abraçar suas crenças, visões de mundo e tradições culturais.

Sendo assim, o poema de Potiguara é um texto de confissão, tornando-se um convite à reflexão, ao olhar o sujeito indígena a partir de uma outra perspectiva, a sua própria. Ele permitiu assim, que outros autores pudessem expor suas obras e hoje ter a gama de literatura indígena que conhecemos.

Kambeba, assim como outras escritoras indígenas citadas acima, luta para desmistificar o estereótipo de que todos os indígenas são iguais, pois cada povo tem sua história e cultura, com línguas específicas, cada pessoa tem sua identidade marcada por suas próprias características que as tornam diferentes. A poesia é para a autora uma estratégia de resistência cultural explícita na literatura para resgatar o seu povo do esquecimento.

Entre os diversos exemplares escritos pela autora, a obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, em 2018, se destaca por diversos motivos: é o primeiro livro da literata, foi resultado de sua dissertação de mestrado e enaltece a história do seu povo, por meio de uma ponte entre a origem e a vida da autora em Belém do Pará.

Em sua dissertação de mestrado Marcia Kambeba Silva, na área de geografia, Silva (2012) abre um leque de investigações necessárias para a construção do conhecimento sobre a cultura, política e ensino da literatura indígena. A autora destaca a importância de levar a literatura indígena para a sala de aula. Logo, é importante para nós, pois colocamos isto em prática por meio dos poemas levados para a turma do 9º ano.

O texto aborda a importância da literatura indígena como uma ferramenta política e educacional para a resistência e a valorização das culturas indígenas no Brasil, destaca a necessidade de os pesquisadores contemporâneos criarem espaços para que os povos indígenas possam expressar suas próprias narrativas.

Além disso, é explorado o conceito de identidade nos estudos culturais, destacando como é formada pela interação entre o "eu" e a sociedade e como as identidades indígenas são construídas por meio de uma série de movimentos culturais e sociais.

Segundo Lima (2020), a literatura indígena é vista como uma forma de desafiar estereótipos e preconceitos e de transmitir conhecimentos e tradições, tanto para os povos indígenas quanto para os não indígenas. O ensino da literatura indígena nas escolas é visto como uma maneira de reescrever a história do Brasil, reconhecendo a contribuição dos povos indígenas para a formação do país e promovendo a valorização da diversidade cultural.

Por isso, a autora também apresenta a lei 10.639 e algumas mudanças que ocorreram na demonstração da temática indígena na escola após esta lei, enfatizando também a necessidade da literatura indígena neste ambiente para o desenvolvimento do estudo sobre o conhecimento da diversidade. Portanto, a dissertação é uma contribuição para se compreender a necessidade de trabalhar com esta temática na escola.

De acordo com Kambeba (2020, p. 13), “É preciso instruir-se com os povos ameríndios para viver no mundo e educar”. Sendo assim, a autora expõe a literatura vivenciada no cotidiano ameríndio, destacando os conhecimentos culturais e ancestrais que devem ser ouvidos, vividos e respeitados, uma vez que a literatura indígena é uma construção oral do cotidiano centrado na realidade entre ancestralidade e atualidade.

Posto isto, Marcia Kambeba enaltece o lugar da mulher na literatura indígena, que assume o papel de transportadora da memória para escrita, emergindo como uma das vozes da floresta, o que ajuda para uma formação identitária ao enfatizar a igualdade social como pessoa que luta pela floresta e para manter sua cultura. Segundo Kambeba (2020, p.18), a música e a literatura deste novo tempo são instrumentos de luta para a desconstrução dessas imagens preconceituosas, ainda presente no imaginário de muitos.

Os livros de poemas da Marcia Kambeba são propícios para a leitura da literatura

indígena em sala de aula. A poeta relata fatos cotidianos e expõe situações que demandam um olhar crítico-reflexo, como a destruição da natureza, o desrespeito ao próximo de outra cultura e a discriminação, pois de acordo com sua fala em entrevistas, um dos seus objetivos é que os poemas auxiliem na diminuição do prejulgamento vivenciado pelos indígenas devido os estereótipos criados pelos colonizadores.

Consoante (Kambeba, 2020, p. 15), o livro *O lugar do saber ancestral*, “é para educar a sociedade dominante a frear seu interrupto modo autoritário de ditar como o mundo deve viver. É preciso instruir-se com os povos ameríndios para viver no mundo e educar”, logo, a literatura indígena escrita pelos povos originários é relevante para os não indígenas saberem que eles foram silenciados, sua cultura negada e seus direitos roubados. De acordo com Munduruku (2018, p. 83), “É preciso interpretar. É preciso conhecer. É preciso se tornar conhecido. É preciso escrever – mesmo com tintas do sangue – a história que foi tantas vezes negada.”

Ainda sobre a escrita, ele reforça que esta habilidade é crucial para os povos indígenas, não como uma negação de sua identidade, mas como uma afirmação de competência. Ao transformar a memória em identidade, a escrita permite que eles se apresentem ao mundo, mantendo viva sua cultura e atualizando seu pensamento ancestral.

A literatura indígena desempenha o papel de reunir e reforçar memórias, enriquecendo o repertório tradicional com novas histórias e eventos. Embora haja uma linha tênue entre oralidade e escrita, estas não devem ser vistas como opostas, mas sim como complementares. A memória indígena busca incorporar novas tecnologias, como a escrita, para continuar relevante e fundamental na sociedade contemporânea. (Munduruku, 2018, p. 83).

Em vista disto, a escrita de Kambeba² reúne a cultura e os costumes dos omágua, por meio dos seus poemas, revelando uma história de luta, resistência e superação de um povo que foi dizimado e que teve que se esconder, e só bem depois, passaram a expor sua identidade novamente. Nasceu assim, uma escrita inspirada nas histórias contadas pela avó ou pelos anciões, ou com base na própria experiência de vida, seja na aldeia, seja na cidade, pois conforme Kambeba (2020), a escrita é o desenho da memória, do tempo, da história é por ela que aprendemos e partilhando saberes

2.1 Luta e resistência na poesia de Marcia Kambeba

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais

²² Márcia Wayna Silva mudou seu nome para Márcia Wayna Kambeba no intuito de demonstrar seu respeito aos ancestrais do povo Kambeba.

profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSSI, 2002, p.118). Os poemas de Kambeba trazem muito dessa resistência, inclusive um dos seus poemas é chamado de Resistência indígena.

Uma grande quantidade de poemas presentes no livro *O lugar do Saber Ancestral*, enaltece a mulher indígena diante do seu povo e as suas atividades diárias, a escrita literária como resistência do conhecimento ancestral, na relação de corpo-território, entre outros.

Os poemas que serão aqui analisados, alguns deles não foram levados para a sala de aula como: “Ser indígena — ser Omágua”, “Povo flutuante” e “Identidade”, os outros foram apreciados em sala de formas diferentes; enquanto os poemas: “A força da minha flecha”, “A garça e o gavião”, “Consciência indígena”, “Consciência negra”, “Chão Kambeba”, “Pra que serve a cultura indígena”, “Margaridas” e “Ainda dá tempo de correr” foram trabalhados com leituras coletivas em uma mesa com os alunos em círculo, outros poemas como: “A dança do amor”, “Cocar: identidade ou fantasia”, “Você sabe o valor que tem o maracá na cultura dos povos indígenas?”, “Amor de boto”, “Tambor nossa cor”, “Resistência indígena” e “o Tempo do clima” foram investigados individualmente em grupos separados para análise da performance sobre a apresentação de cada grupo.

O poema "Margaridas" foi o tema central dos debates, cativando a todos pela forte representação da mulher, tanto indígena quanto não indígena.

Força, garra, coragem, leveza
É bendita, filha da natureza
De teu seio saiu leite
Que alimento faz viver.

No teu colo, o acalanto
É luz, encanto
Desencantou o boto
Apaixonado ao luar.

Tens a altivez de uma samaumeira
Espalhando sabedoria
Feito flores ao ar
Memória viva, deusa, águia
Sedutora no olhar.

Que teu grito, tua dor
Eleve a Nhanderu a oração do amor
juntas negras, indígenas, brancas, mestiças
Unam as mãos pela vida das mulheres
Que morreram nesse chão.

Pelo sangue das Marielles

Que ofuscaram sua cor.
 Salve as mulheres!
 Margaridas, violetas, rosas em flor

Na primeira estrofe a autora celebra a força, a coragem e a leveza das mulheres, comparando-as a filhas abençoadas da natureza. Ele descreve a maternidade como uma fonte de vida e conforto, destacando a importância das mulheres na sociedade, enfatizando o colo, como algo mágico, capaz de transformar um povo, ao comparar com o desencanto do boto, uma referência a lenda indígena do animal aquático, que se torna homem para enganar as mulheres, namorando-as e depois sumindo no rio, ressalta a capacidade de resistência e transformação que a mulher possui, ao ser capaz até que acabar com este encanto.

Em seguida, a linguagem poética evoca elementos da natureza, como a samaumeira, árvore considerada sagrada na Amazônia, por sua dimensão de espaço e alimentação, segundo a Semma (Secretaria do Meio Ambiente, 2023), esta árvore pode atingir até 60 metros de altura e três metros de diâmetro de caule. Sua raiz conhecida como sapopema é extensa, achatada e ligada ao tronco, sendo o principal elemento que caracteriza a espécie.

Na terceira estrofe observa-se que é a partir da flor que são compartilhadas seivas que mantém a vida de outras árvores, além disso, tanto a sombra elaborada pelas folhas quando a resistência de seu enorme caule, são alimentos e proteção para as pessoas e força para as outras árvores ao seu redor. A partir disto, a mulher é exposta como símbolo de resistência, proteção e acolhimento da humanidade.

O poema ainda traz, o "grito" e a "dor" elevados a Nhanderu³, a divindade indígena, sugere uma busca por apoio espiritual e força em momentos de adversidade e injustiça. Também ressalta as crenças indígenas, conectando a importância de mantê-la para enfrentar as injustiças como a morte de Margarida Alves, uma trabalhadora rural e sindicalista, que, durante a sua vida foi defensora dos direitos humanos e trabalhistas no campo, assassinada por capangas a mando de latifundiários locais em 1983. torna-se um símbolo de luta pelo fim das desigualdades no campo até os dias de hoje. Também convoca a memória de Marielle Franco, uma ativista política assassinada brutalmente, acrescenta uma camada de urgência e indignação à mensagem do poema, destacando os riscos enfrentados por mulheres que se levantam contra injustiças.

Portanto, o poema não é apenas uma celebração poética da feminilidade, mas também

³ Nhanderukuery é o plural de Nhanderu – nosso pai: Nhande – (pronomes possessivos) nosso; Ru –pai. Nhanderu é o termo genérico usado para se referir aos deuses responsáveis pela criação e o cuidado deste mundo. São as divindades supremas para a humanidade, apesar de não estarem no rol dos deuses mais poderosos no panteão divinodocosmos Guarani.

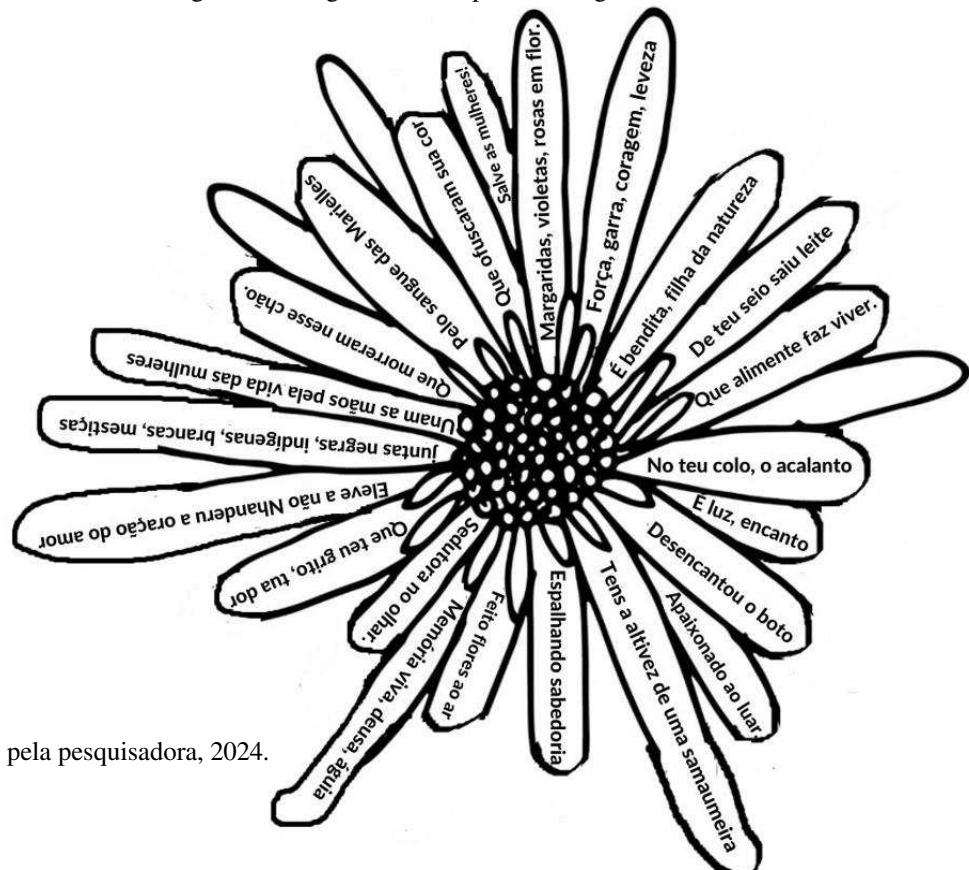
um manifesto de resistência e solidariedade, honrando a luta das mulheres por justiça, igualdade dignidade, lembrando aqueles que deram suas vidas nessa busca. A autora enfatiza a fraternidade ou unidade que une as mulheres, ao intitular o poema de “Margaridas”, tomando todas como flores do mesmo campo e expressando a relevância da morte de cada uma delas para que sociedade feminina se inspire e continue a lutar pelos seus direitos.

Falando um pouco sobre a estrutura dos poemas percebe-se que “Margaridas” foi construído com quatro estrofes, sendo a 1ª e 2ª e a 4ª formadas por quartetos e uma estrofe por uma décima.

Outro aspecto muito relevante do poema é quando relaciona a beleza e força da natureza representado pela mulher, através da comparação dela com a flor que é leve que pode ser levada pelo vento quando é forte e consegue resistir a muitas tempestades. Isso é reforçado à medida que a mulher é explicitamente comparada a maior árvore da floresta amazônica, enaltecendo a resistência da mulher não somente a indígena, mas todas as mulheres.

Quando se presta a atenção ao poema de forma visual, observando verso por verso é possível identifica-los como as pétalas de uma margarida, um verso menor e outro maior, depois outro maior e outro menor, simultaneamente, e esta alternância da dimensão de espaço no final, uma vez que as pétalas são umas maiores do que as outras com depressões em algumas ou mais alongadas nas outras como podemos identificar na imagem abaixo.

Figura 1-: Margarida com o poema Margaridas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

Outro poema que evidencia a presença da mulher na batalha por seus objetivos é “Resistência Indígena”, pois trata-se de um testemunho forte e emotivo da história de luta e resistência dos povos indígenas frente à colonização e exploração, retratando a perseverança desde os primeiros contatos com os invasores.

Homens altos, vestidos,
Com arma na mão,
Meu povo correu, se escondeu
Que confusão!

E numa conversa estranha,
Começava um perde e ganha,
Nossas casas invadidas
Pela espada da ambição.

Resistimos a uma guerra
De dizimação e epidemia,
Escravidão e exploração,
Maus tratos que covardia.
Falavam em nome de um Cristo,
Qual Cristo? Não se via.

Como mulher sofri
Vendo o povo lutar,
Vejam só que invasão
Invadido sem pensar
Que o sofrimento ora sentido
Ia por anos se arrastar.

Os abusos e violências
Não ficaram para traz,
Vários anos se passaram
Ainda ecoa nossa voz.

Sou indígena tenho alma,
Sou a riqueza, sou a nação,
Não sou enfeite, nem objeto,
Sou a barriga da gestação.
Que gestou em ti cultura,
Contribuindo com a miscigenação.

Na minha alma feminina,
Trago a letra da canção,
São vozes que gritam alto,
Com suavidade e beleza,
Sou mulher, sou o povo,
Sou rio, sou natureza.

Cada canto em sua língua,
 identidade quem me ressoa,
 sou cultura, ancestralidade.
 Sou sabedoria, eu sou pessoa.

O poema dá ênfase às injustiças, evidenciando as violências cometidas em nome da ambição e do poder dos colonizadores.

Ainda enfatiza a invasão das casas e à obstinação dos indígenas perante a guerra, a dizimação do seu povo, a epidemia, a escravidão e a exploração, revelando a brutalidade enfrentada pelos povos originários, na segunda, terceira e quarta estrofe.

Contudo, na quinta, sexta, sétima e oitava estrofe, o poema ressalta o papel das mulheres indígenas nessa resistência, destacando sua dor e sua força diante das injustiças, uma vez que, elas sofriam duas vezes, pelo seu sofrimento de exploração sexual, psicológica e física, quanto a dor em ver os seus parceiros e família sendo dizimadas na sua frente, muitas vezes como uma forma de tortura.

Além disso, as mulheres são enaltecidas como guardiãs da cultura e da identidade, gestoras da vida e portadoras da sabedoria ancestral. A voz poética reivindica a própria humanidade e dignidade das mulheres indígenas, desafiando a visão eurocêntrica que as tratou como objeto de exploração, como podemos a partir da quarta estrofe.

O poema exalta a diversidade e a riqueza da cultura indígena, mostrando sua contribuição para a formação da identidade nacional, por meio de uma linguagem poética cativante, a autora convida o leitor a refletir sobre a importância de conhecer e valorizar a história e a luta dos povos indígenas identificado na última estrofe.

Conforme a autora, “A mulher Omágua, escreve narrativas baseadas nas memórias contadas pelos seus avós, para marcar o lugar da sua identidade, seu lugar, suas linguagens e o seu ativismo. A luta pela visibilidade é feita através da escrita, para que o seu povo não seja esquecido”. (Kambebe, 2020). A vista disso, seus poemas trazem a relevância da escrita como registro e símbolo de luta e defesa do silenciamento imposto pelos governantes do começo da invasão até hoje.

Sobre a escrita, a autora no o poema “A força da minha flecha” é exposto uma narrativa poética com reflexão sobre a jornada de resistência e empoderamento de um indivíduo indígena frente os obstáculos impostos pela colonização e pela sociedade dominante, adquirindo autoridade e confiança para tomar as rédeas da própria vida por meio da escrita e alcançar seus objetivos de igualdade social.

Andei por terras distantes
 Cacei e fui caçada aos montes
 Arrancaram-me dos braços da terra
 Amarraram-me como animal pra morte.

Gritei me debati e soltei-me
 Corri me esquivei e livre-me
 A bala, minha pele não olharam
 Para a mata ligeiro voltei.

Meu arco e flecha peguei
 Sua conta arrumei, afiei
 Com raiva a flecha lancei
 Esperei, acertei, mas não venci.

Tempo passou! Vesti-me e sai
 Na escola estudei e me formei
 Aprendi outra língua e entendi
 Que é a palavra é força e com ela me defendi.

Argumentar desse jeito nunca pensei
 Liberdade para a nação sempre busquei
 Hoje a flecha é a palavra
 Que encontrei, afiei e lancei.

Milhares de pessoas
 Com um só lancei acertei
 Não machuquei, não sangrei e não me esquivei
 Abraços e apoio recebi

Com a liderança vivi e aprendi. E a paz?
 Essa vem no abraço
 Que dos amigos pedi
 Porque já é hora de se achegar, reunir e se unir!

Inicialmente, o eu lírico descreve a violência e a opressão sofridas, simbolizadas pela tentativa de aprisionamento e pela violência física, no entanto, ele se liberta e busca sua própria forma de resistência, da 1ª a 3ª estrofe.

Assim sendo, enfatiza o empoderamento do povo indígena por meio do eu lírico, que vê a literatura como meio mais importante para atingir a sociedade e resistir contra o opressor do que a luta braçal, é possível resistir e vencer uma mentalidade arcaica através da palavra e da educação identificado da quarta à sétima estrofe.

Ou seja, ao longo do poema, percebemos uma mudança do eu lírico, que passa de um estado de confronto físico para uma abordagem mais pacífica e construtiva. A palavra torna-se sua nova arma, ele utiliza suas habilidades recém-adquiridas para influenciar positivamente sua

comunidade e promover a união, transparecendo a necessidade da solidariedade e da paz, pensando não só no outro, mas em todos que rodeiam o outro, uma forma de atacar e resistir, sem sangue, sem mortes e sem dor.

O poema “A força da minha flecha” é estruturado em 7 estrofes de quartetos, ou seja, diferente dos outros poemas analisados aqui, este tem uma forma fixa o que também pode ser relativo à intenção da escritora em querer fazer a relação da estrutura do poema com o uma arma de sistema de projeção que é a flecha.

Os poemas “Ser indígena — Ser Omágua” e “Chão Kambeba” são dois escritos que discorrem em uma temática paralela, por isso é possível compará-los e identificar algumas reflexões. No poema, “Ser indígena — Ser Omágua”, que vamos chamar de poema 1, a autora reflete sobre uma grande síntese dos costumes, do cotidiano e da cultura dos Kambeba, enquanto no poema “Chão Kambeba”, que chamaremos de poema 2, demonstra-se a raiz de sua identidade Omágua. No primeiro, a autora fala do seu povo de modo geral, no segundo, fala dela, lutando junto ao seu povo pelo direito de exercer sua identidade indígena.

Poema 1

Sou filha da selva, minha fala é Tupi.
 Trago em meu peito,
 as dores e as alegrias do povo Kambeba e na alma,
 a força de reafirmar a
 nossa identidade
 que há tempo ficou esquecida,
 diluída na história
 Mas hoje, revivo e resgato
 a chama ancestral de nossa memória.

Essa parte do poema nos remete a um dos aspectos que refletem a identidade indígena, a memória que ela traz em seu corpo e a força da ancestralidade através dos conhecimentos e lutas passadas. Também retoma os conhecimentos que foram esquecidos pela história quando o seu povo foi obrigado a deixar sua identidade por conta da escravidão e violência. Destaque-se no poema a voz lírica feminina, que assume a luta para dar visibilidade à cultura de seu povo. Já na primeira e segunda estrofes do poema 2, a arte é posta como resistência:

No canto que sai de ti,
 Sinto o amor fluir,
 Vem ser o meu bem-querer,
 Sou Kambeba resisti.

Minha dança guardei para mostrar,

Essa terra, meu chão é meu lar,
Sou Kambeba e não vou negar
Eu voltei para lutar.

Pela cultura da minha nação,
Minha luta é de paz e união,
Minhas mãos desarmadas estão,
Busco minha afirmação.

A autora lembra que seu poema é uma das formas de afirmação da identidade do seu povo, lutando, desarmados, contra os opressores, através da escrita: uma nova arma que resiste ao preconceito, à discriminação, à exploração, agora por meio da sua poesia. De acordo com Graúna (2013, p. 45), “aos nativos cabe também o direito de imprimir sua licença poética que, surpreendentemente, continua causando estranhamento ao outro”. E continua:

A busca da palavra, mais precisamente a luta dos povos indígenas pelo direito à palavra oral ou escrita, configura um processo de (trans)formação e (re)conhecimento para firmar o desejo de liberdade de expressão e autonomia e (re)afirmar o compromisso em denunciar a triste história da colonização e os seus vestígios na globalização ou no chamado neocolonialismo. (Graúna, 2013. p. 54-55)

Graúna (2013, p. 55) defende que “os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com textos não indígenas.” Portanto, Kambeba na segunda estrofe do poema 1, aprofunda sua defesa e exposição da identidade de seu povo:

Sou Kambeba e existo sim:
No toque de todos os tambores,
na força de todos os arcos,
no sangue derramado
que ainda colore essa terra que é nossa.
Nossa dança guerreira tem começo,
mas não tem fim!
Foi a partir de uma gota d'água
que o sopro da vida
gerou o povo Omágua.
E na dança dos tempos
pajés e curacas
mantêm a palavra
dos espíritos da mata,
refúgio e morada
do povo cabeça-chata.

Márcia expressa a identidade de seu povo no cotidiano, entre os toques dos tambores, no exercício do uso dos arcos, na dança e na história da criação de seu povo a partir de uma gota d'água. Esse renascimento do povo Omágua, que passou um tempo fugindo de suas origens, é expresso como a resistência indígena, que ultrapassa as dificuldades, a brutalidade e o sacrifício sofrido durante a imposição dos colonos. Ainda nesta estrofe, Kambeba deixa a marca física que identifica seu povo ao dizer que são chamados de Cabeça-chata.

Na terceira estrofe do poema 2 a autora afirma novamente essa identidade, agora apresentada por meio das pinturas dos indígenas: “Na união com os povos eu vou, nas pinturas revivo quem sou, no meu canto, encanto de amor, sou Kambeba sonhador” (Kambeba, 2013, p. 25). Ao final do poema 1, ela diz:

Que o nosso canto ecoe pelos
ares como um grito de clamor a Tupã,
em ritos sagrados,
em templos erguidos,
em todas as manhãs!

Desse modo, a autora lembra que o clamor pela resistência de sua ancestralidade sobrevive por meio da cultura, da dança, da música, da pintura, dos costumes cotidianos que não são abandonados, seja onde estejam, na floresta ou na cidade. E o poema 2 completa essas afirmações ao expor:

Minha história se cristalizou,
Minha língua em silêncio ficou,
Minha aldeia o progresso tomou,
Resisti ao opressor.

Hoje canto e danço para ver,
Esse povo voltar a dizer,
Sem vergonha de ser o que é
Sou Kambeba e tenho fé.

A história não pode ser esquecida porque o povo resiste ao opressor e a autora deseja que seja manifestado sempre com orgulho tudo o que representa a identidade do seu povo. Potiguara (2019, p. 89) esclarece que não se trata só de uma vontade, mas de uma obrigação. “Receber a herança ancestral de nossa família ou de uma cultura é uma missão a cumprir, isso é praticamente obrigatório dentro da alma. Mas levar adiante essa herança é sabedoria”.

A sabedoria de que ela fala trata-se de saber quem você é através de sua herança

ancestral; isso permite ao indígena conseguir se identificar como pessoa e como parte de um povo, de um grupo que tem sua própria construção cultural. Segundo Potiguara (2019, p. 91), “só da conscientização de quem somos nós, como povos indígenas ou oriundos de outras raízes, é que brotará uma percepção, reveladora da riqueza, da preciosidade que existe adormecida na vastidão das mentes, dos corações e dos espíritos”. Sendo assim, justifica-se a importância de resguardar essa identidade.

Estruturalmente o poema “Chão Kambeba” é menor do que o poema “Ser indígena- ser omágua” já que o poema 1 é formado por 29 versos enquanto o poema 2 por 24 versos, contudo ao observar a estilística estrutural “Chão Kambeba” aparenta ser maior por ter maior quantidade de estrofes com 6 quartetos enquanto “Ser indígena- ser omágua” foi construído com 3 estrofes, mas com quantidade de versos diferentes: a primeira estrofe com 9 versos, a segunda com 15 versos e a última com 5 versos.

Outro aspecto interessante é que enquanto visualmente o poema “Chão Kambeba” parece algo firme e fixo devido a estrutura regular o “Ser indígena-ser omágua” parece algo descontínuo que está em constante construção como o crescimento deste povo diante das adversidades de vida, resgatando suas origens e acrescentando o que aprende diariamente com os não indígenas, assim vive com mudanças tanto territorial quanto acadêmicas e psicológicas, mas mantendo sua cultura.

O poema a seguir, “Povo Flutuante”, apresenta a identidade através da representação do cotidiano cultural dos povos Omágua.

Nas margens do rio
Vivem os povos das águas
A vida com desafio.
Acordam com a natureza,
Ao som de aves, assobios.

A rua tem eco de remada,
O transporte deslizando vai.
Canoa, remo, estrada molhada,
Que na mão do menino
É sabedoria de uma jornada.

A casa feita de madeira
Para flutuar precisa do açacu.
Flutua bela na água
E da janela a menina
Alimenta o pirarucu.

As crianças cedo aprendem
A confiar em quem lhes viu nascer.

Jogam-se sem medo
 Na escuridão das águas.
 Mergulham sem pressa
 No rio que lava o corpo, protege o ser.

A vida flutuante
 Na sua territorialidade de lugar,
 Vê no rio o sustento e morada,
 Amigo, pai e companheiro de caminhada

Os conhecimentos que os Omágua transmitem vem da ancestralidade de dentro de cada um, mas muitos desses conhecimentos que firmam sua identidade são descobertos no silêncio do cotidiano ao se encontrarem com a natureza e ouvir o que ela tem para falar, como nos confessa Márcia ao compartilhar parte do seu cotidiano com seu pai.

Cedo do dia meu pai me levava para esse barranco e de lá era possível contemplar a beleza da natureza. Nos juntávamos a outros Tikuna que também ficavam ali no silêncio de sua contemplação, observando entre tantas coisas o solapamento do rio no outro lado da margem, ao menos, era o que mais chamava atenção ver esse banzeiro ir e vir. No meu pensar de criança parecia estranho e incomodava um pouco ver as pessoas em pé com braços cruzados ou acocadas, totalmente em silêncio. E as águas batiam forte nas canoas que se movimentavam de um lado para o outro como se dançassem ao som do rio. (Kambeba, 2021, p. 13)

Os costumes culturais estruturam parte da identidade através da experiência, como nos confirma Silva (2014); um sistema simbólico social atribui um novo sentido às experiências de cada pessoa, de cada povo, o que contribui para a formação de uma identidade.

Ainda segundo Silva (2014, p. 19), “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...] somos constrangidos, mas também pelas relações sociais”.

Para mais, é retomado nos próximos versos, a relação dos Omágua com a água.

O rio é o lar deste povo que busca sempre na água a força que a natureza pode oferecer para lutar e vencer seus oponentes, não só os colonizadores, mas os outros povos indígenas, uma luta por território e identidade, pois, segundo Silva (2012, p. 50), “identidade territorial é na verdade uma identidade social, mas definida essencialmente através do território, que envolve apropriação/dominação”.

A relação entre o povo Omágua e o seu território é uma ligação entre a terra mãe, a condição daquele povo naquele lugar; a territorialidade dos Kambeba está ligada à vida flutuante, sempre perto do rio, ensinando a criança viver, a se encontrar, a se proteger. Sendo assim, é deste mesmo rio que se sustentam e sobrevivem, reiniciando a identidade marcada na ancestralidade entre o povo e o seu território.

O poema “Povo flutuante” é descritivo e isso facilita criar uma imagem, é fácil ler este poema e imaginar esses povos a beira do rio em seu cotidiano, e quanto a sua estrutura poética observa-se o ritmo conduzido pela alternância das rimas cruzadas (retomada, molhada e jornada) e rimas perdidas (vai e menino), presente na segunda estrofe, faz perceber que a organização dos versos parece o balançar no rio, o ir e vir das águas.

Ao analisar é possível identificar a figura de linguagem aliteração na primeira estrofe (A vida com desafio / Acordam com a natureza / Ao som de aves, assobios), e a assonância no terceiro verso da primeira estrofe (Canoa, remo, estrada molhada) parece as batidas do remo ao se deslocar no rio.

Segundo Silva (2012, p. 49), “Essa relação identidade-território toma forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo, tendo como principal elemento o sentido de pertencimento do vivido a um grupo ou povo com seu espaço de vivência”. Logo, o sentido de pertencimento desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva dos povos originários. Ele não é estático, mas sim moldado por experiências compartilhadas, memórias coletivas e interações contínuas com o território, abrangendo elementos culturais, históricos e sociais que conferem significado e valor à vivência local.

No poema “Identidade”, é expresso pela autora a luta em manter suas crenças e seus costumes na cidade, retratando de forma profunda os desafios enfrentados pelos indígenas ao tentarem afirmar sua identidade em ambientes urbanos permeados pelo preconceito e pela discriminação.

Minha indianidade,
Meu caminho na cidade,
Meus cabelos longos
Carregam minha identidade.

Identidade que represento
Com clareza na afirmação,
Com orgulho na minha alma,
Resisto à negação.

Negação de ser indígena
E assumir a vida na cidade,
No direito de poder vencer,
Convivendo com dignidade.

Mas o preconceito é vilão
E vem feroz como Jaguar.
Como flecha acertou meu ser,

E meu cabelo o “branco” fez cortar.

Para conseguir um emprego,
Essa dor tive de passar,
Cortei não só o cabelo,
Mas a magia que nele podia mostrar,

O ato de cortar os cabelos, imposto pelo preconceito, é um símbolo poderoso da perda e conexão com suas raízes, uma violência simbólica, física e psicológica que tenta apagar a suas raízes culturais identificadas em seu corpo, porém mesmo nas sombras da injustiça, a chama da resistência não se apaga e o eu lírico que persiste através da manifestação da música, no canto solitário que expressa saudade da aldeia e na nostalgia de atividades tradicionais como caçar e pescar.

Essa resistência é uma forma de afirmar sua existência e de rejeitar a ideia de que os povos originários precisam se encaixar em padrões alheios, mostrando que cada identidade é única e valiosa e devemos lutar contra qualquer tentativa de sufocá-la, por isso segundo palavras da autora: o preconceito é feroz como jaguar, chega destruidor, mas é possível perdurar e vencer o opressor.

A autora, transmite através desta escrita uma das formas de preconceito e racismo sofrido quando chegou na cidade, todavia, relata que outros também lhe marcaram, como narra com suas palavras em entrevista no programa do Conde, “sofri preconceito e racismo no mestrado, minha professora disse que meu conhecimento era incipiente e eu era “verde” para estar no mestrado e ter tirado o segundo lugar na UFAM”. (Conde, 2022)

Segundo, Aline Rochedo em Forte (2021), a escrita de autoria feminina indígena “É uma escrita sentida, uma escrita de realidade, uma escrita de amor pela Mãe Terra—e uma escrita que é também um grito pelo hiato que há na história brasileira em relação aos povos originários”.

A literatura feminina também traz em seu interior o corpo-território das mulheres indígenas, pois mesmo elas estando em outro lugar carregam em suas almas a marca da coletividade do seu povo, a sabedoria, a ancestralidade e o fortalecimento, pois para os povos originários, construímos o corpo-território desde o nascimento, desse modo, o corpo-território da mulher indígena é como tudo que integra a conjunção de experiências e da assistência de uma mulher para a outra. (Braulina, 2023, p. 4).

A mulher indígena em relação a sua cultura, de acordo com Potiguara (2019, p. 46) é uma fonte de energias, uma mulher sutil, uma mulher primeira, um espírito em harmonia, uma mulher intuitiva em evolução para com sua sociedade e para com o bem-estar do planeta Terra

(Potiguara, 2019, p. 46). Ou seja, ela não se encaixa no modelo da sociedade, ela se protege contra o opressor e é amparada com forças em seus ancestrais, possui uma ligação com a natureza e luta pela continuidade de sua família, coisas que não são tão intensas para os homens indígenas.

Após a análise dos poemas é possível identificar características que se repetem em todos como a utilização de pronomes possessivos (meu, teu, tua, minha, nosso, nossas), demonstrativos (nesse, essa), relativos (que) e pronomes oblíquos (me, ti,), além de títulos curtos e diretos.

A utilização de figuras de linguagem também é recorrente nos poemas da autora como a presença da metáfora poema “Margaridas” na terceira estrofe ao comparar a mulher com uma samaumeira, no poema Resistência indígena na oitava estrofe (Na minha alma feminina/ Trago a letra da canção), ainda neste poema encontra-se a hipérbole na primeira estrofe (Meus cabelos cobriam meu corpo), bem como a figura de comparação na sétima estrofe (Sou a riqueza, sou a nação/ Não sou enfeite, nem objeto/ Sou a barriga da gestação), esta figura também é encontrada na quarta estrofe do poema Identidade (Mas o preconceito é vilão / E vem feroz como Jaguar./ Como flecha acertou meu ser).

A metonímia se encontra na primeira estrofe do poema “A força da minha flecha” (Arrancaram-me dos braços da terra), assim como a figura anáfora tanto na terceira estrofe do poema “Ser indígena- Ser omágua” (em ritos sagrados/ em templos erguidos /em todas as manhãs!) quanto à quarta estrofe do poema “Chão Kambeba” (Minha história se cristalizou / Minha língua em silêncio ficou, / Minha aldeia o progresso tomou). Por fim, ainda se observa a figura de linguagem aliteração na primeira estrofe do poema Identidade (Minha indianidade, / Meu caminho na cidade, /Meus cabelos longos.⁴ . Assim sendo, a repetição é um reforço da afirmação da identidade.

⁴ Segue uma breve explanação sobre as figuras de linguagem identificadas nos poemas: **Metáfora:** trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma comparação entre seres de universos distintos. Ex.– Evanildo Bechara é uma fera da gramática. **Comparação:** não confunda metáfora com “comparação” (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação. Ex. – “Meu coração tombou na vida tal qual uma estrela ferida pela flecha de um caçador.” (Cecília Meireles) **Metonímia:** é uma “figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.”. Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte. Ex. – Gostaria de ter um Picasso (um quadro) em casa. (o autor pela obra) **Anáfora:** repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase. Ex. – “Quando não tinha nada, eu quis / Quando tudo era ausência, esperei / Quando tive frio, tremi / Quando tive coragem, liguei...” (Chico César) (P. 957) **Hipérbole:** ideia que denota exagero. Ex.– Já falei mil vezes para você calar a boca! **Aliteração:** repetição sistemática de uma determinada consoante. Ex.– “Em horas inda louras, lindas / Clorindas e Belindas, brandas / Brincam nos tempos das Berlindas / As vindas vendo das varandas” (Fernando Pessoa). (Pestana, 2013, p. 953-954-957-958)

Ainda sobre os poemas se contempla a presença de funções da linguagem⁵ coma a função poética encontrada principalmente no poema margaridas devido a sua preocupação estética e as figuras de linguagem encontrados nos outros poemas.

Na maioria dos poemas também é possível apreciar a função emotiva porque o eu lírico dos poemas normalmente traz seu ponto de vista sobre aquela determinada situação se colocando dentro do acontecimento e enaltecendo seu sofrimento sobre o ocorrido encontrado na quinta estrofe do poema “Resistência indígena” (Como mulher sofri / Vendo o povo lutar) ou na segunda estrofe do poema a força da minha flecha (Gritei me debati e soltei-me / Corri me esquivei e livre-me), Na primeira estrofe do poema “Ser indígena- ser omágua” (Sou filha da selva, minha fala é Tupi. / Trago em meu peito, / as dores e as alegrias do povo Kambeba), na quarta estrofe do poema “Chão Kambeba” (Na união com os povos eu vou/Nas pinturas revivo quem sou/ No meu canto, encanto de amor) entre outros.

Além de tudo isso, a função conativa ou apelativa está presente em todos os poemas aqui analisados já que tentam convencer o leitor da importância da resistência do indígena em relação a tudo que lhe é imposto de forma lhe tirar seus direitos, sejam culturais ou legislativos.

Ao longo dos poemas se verifica a estratégia poética da repetição de palavras com o intuito de enfatizar a importância da identidade, da resistência e da luta contra o preconceito, bem como inversões gramaticais para contemplar a formação das rimas, entre outras estratégias que mostram a riqueza dos poemas desta literatura, apesar de eles parecerem simples, diretos e didáticos, são ricos e complexos se aprofundar-se em suas reflexões.

Desse modo, a autora, por meio de seus poemas, atua como uma voz poderosa, emergindo um rio de palavras que flui como um cântico ancestral, ecoando a força e a resistência de seu povo. Suas metáforas enobrecem por intermédio de suas experiências, as lutas enfrentadas dentro e fora da cidade, desafiando a invisibilidade imposta aos povos indígenas.

⁵ **Funções da Linguagem:** a linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem! Vejamos as funções identificadas nos poemas: 1) **Função Emotiva (Expressiva):** o “eu” do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc. Ex. – “Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)” (Cecília Meireles) 2) **Função Conativa (Apelativa):** o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.; é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão. Ex. – “Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)” (Belo) 3) **Função Poética:** a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente. Essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.; Ex. Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro. (Mário Quintana) (Pestana, 2013, p. 975-977)

Assim, servem como instrumentos de mobilização e conscientização, incitando ações em prol dos direitos e da justiça para os povos originários, uma vez que, destacam questões sociais e políticas e traz um posicionamento de defesa dos direitos indígenas, utilizando a arte como ferramenta de transformação e empoderamento através da escrita.

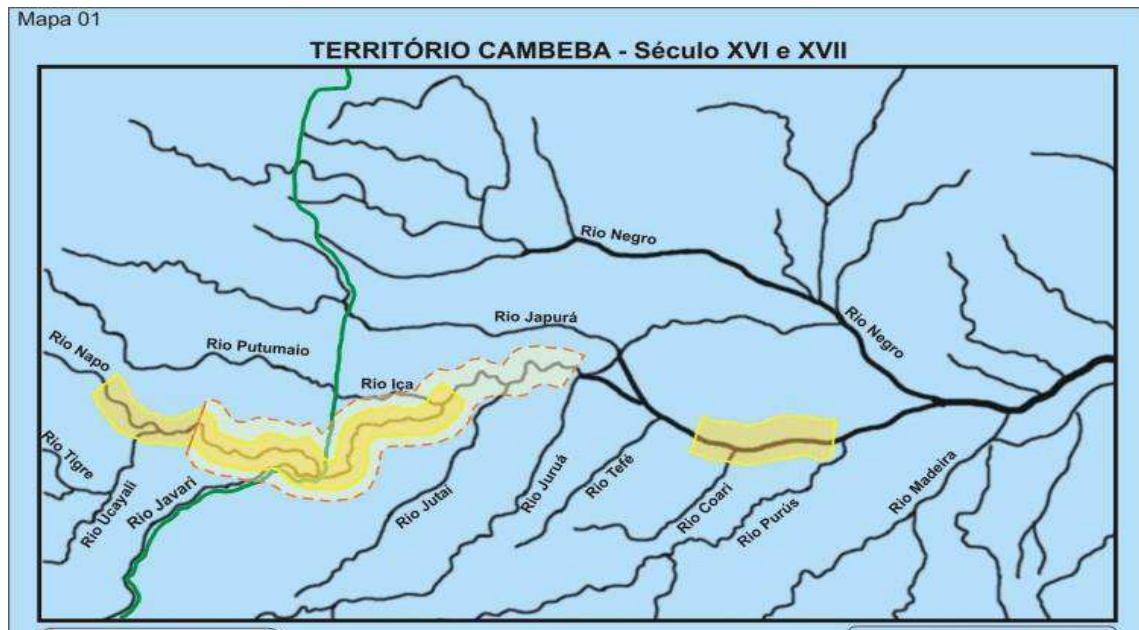
Segundo Daniel Munduruku (2021, p. 9), ler os poemas da Marcia Kambeba o fez entender melhor a sua existência, mas para chegar a tal compreensão é preciso “ler com os olhos do coração e não com os da racionalidade acadêmica ou pragmatismo ocidental”.

2.2 O Povo Kambeba

Neste tópico nos deteremos a expor o cotidiano e formação do povo Kambeba, uma vez que, o no tópico do capítulo quatro será específico sobre identidade e retomaremos sobre a formação da identidade do povo Omágua.

No Brasil, nos primeiros dois séculos de colonização viviam em dois grandes grupos, os “Omágua-Yetê”, que ficava onde hoje é o Equador e o outro grupo os “Omágua das Ilhas”, no território que se estendia de Fonte Boa até o território Peruano, como podemos ver abaixo no mapa.

Figura 2:- Território Cambeba- SÉCULO XVI e XVII



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

De acordo com Maciel (2013), a presença dos Kambeba na Amazônia remonta à

migração dos Tupi em direção à terra sem males⁶, séculos antes da chegada dos colonizadores europeus, as percepções sobre os Kambeba na documentação colonial variavam: alguns os viam como líderes nobres, hábeis na confecção de suas próprias vestimentas e com uma aparência considerada civilizada, enquanto outros os retratavam como violentos, sanguinários e praticantes de antropofagia. É importante ressaltar que essas diferentes imagens dos Kambeba refletem não apenas a perspectiva de quem registrou os relatos, mas também as diferentes maneiras como os indígenas responderam ao contexto colonial.

Nos dias atuais, os Kambeba vivem na região do Alto Solimões, nas terras Ticuna e Baixo Rio Negro, além das famílias que moram em Manaus. Nestes locais, os povos das águas firmaram seus territórios e construíram ao longo do tempo uma identidade, mas nem sempre a maré foi de glória, existiram diversas ocasiões, em que os Kambeba precisaram buscar alianças com seus antigos adversários, como os Ticuna e também com os colonizadores brancos.

Valdomiro Cruz, líder dos Kambeba, revelou em entrevista que durante a Guerra do Paraguai, foram "adotados" por um patrão branco, ganhando o sobrenome Cruz. Isso evitou que fossem recrutados, mostrando suas estratégias de adaptação ao contato com os brancos. Na década de 1980, retomaram sua identidade étnica, fortalecendo sua cultura e lutando por direitos. (Maciel, 2013)

⁶ Durante diversos espaços de tempo de formas variáveis, grupos guaranis reviveram historicamente o mito da terra sem males, procurando ao leste, na direção do litoral atlântico e para além do oceano o lugar adequado onde pudessem viver com segurança, conforme a sua cultura: plantar, caçar e celebrar como guarani. Para isso, é imprescindível a terra, sem ela não a cultura. A terra concreta é uma condição para chegar à terra sem males definitiva, no alto. Eles continuam hoje em busca da "terra sem males". Tendo suas terras invadidas e tomadas, eles se viram forçados a migrar em busca de novas terras, revivendo o seu mito e muitas vezes ficando sem lugar adequado para viver, morando em beiras de estradas. Pode-se encontrar o mito no livro *A terra sem males – mito Guarani*, em Alencar (2009, p. 4-14).

Nhanderu, nosso grande pai, vendo a maldade das pessoas e a vida piorando a cada dia, resolveu acabar com a terra, mas avisou antes Guirapoty, o nosso pajé, para que fizesse danças rituais. Ele obedeceu e passou a noite dançando ao som de cantos e instrumentos. Quando as danças terminaram, Guirapoty ouviu um grande trovão. Nhanderu retirou um dos esteios que sustentavam a terra e, com isso, provocou um incêndio devastador. Guirapoty partiu com sua família para o leste, em direção ao mar, escapando do incêndio. A fuga foi tão às pressas, que não tiveram tempo de colher mandioca para se alimentar durante a viagem. Todos teriam morrido de fome, não fosse o poder do pajé. Ele fez com que o alimento surgisse nos momentos em que precisavam. Caminharam muito até chegarem ao litoral. O pajé previa que em breve aconteceria enchentes. Por isso seu primeiro cuidado foi construir uma casa de tábuas, bem reforçada, para que, quando as águas viessem, ela pudesse resistir. Com a construção pronta, reiniciaram as danças rituais. O perigo se aproximava cada vez mais. O mar, como para pagar o grande incêndio, ia engolindo toda a terra. Quanto mais água subia, mas Guirapoty e sua família dançavam. Até que a água avançou muito e eles tiveram de subir na casa para não serem tragados Guirapoty ficou com muito medo e começou a chorar. Sua mulher então lhe disse: "Se tens medo, abre teus braços para que os pássaros que estão passando possam pousar neles. Se eles pousarem, pede para que nos levem para o alto." Mesmo em cima da casa a mulher continuava batendo a taquara de maneira ritmada em um esteio da casa, enquanto as águas subiam. Guirapoty entoou então a Nheengaráí, o canto solene e guarani, reverenciando a Nhanderu e pedindo para passar para o outro lado do oceano, para uma terra sem males. No momento em que iam ser tragados pelas águas, a casa se moveu, girou, flutuou, subiu... subiu... até chegar à porta do céu, onde ficaram morando. Esse lugar para onde foram chama-se Ivy marã ei, a "terra sem males". Lá as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem: aí não há sofrimento, doença nem maldade.

Dentro desta construção social, os Omágua se destacavam, posto que “tinham uma forma peculiar de se organizar que os diferenciava dos demais, essa peculiaridade era manifestada na organização sociopolítica, cultura envolvendo os mitos, rituais e outros elementos simbólico-culturais” (Silva, 2012, p.57). A autora enfatiza ainda que “A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais” (Silva 2014, p.10), o que nos leva ao segundo aspecto que transmite a identidade do povo indígena, a territorialização.

O território torna-se uma fonte permanente de socialização para os indígenas, é nele que se trocam informações sobre pesca, caça, forma de subsistência, histórias sobrenaturais, enfim, constroem sua realidade social e simbólica. Deste modo, o território ganha uma identidade, não em si mesmo, mais na coletividade que nele vive e produz. (Silva, 2012. p. 57).

O território dos Kambeba tinha suas particularidades nos séculos passados, como por exemplo: a organização das aldeias e o ordenamento das casas, que estas estavam organizadas linearmente à margem do rio. “Manifestava-se, ainda, na língua como elemento de comunicação e transmissão de conhecimentos, na realização de rituais, na alimentação, nas guerras como estratégia de controle populacional, nas lendas e crenças, nos costumes de vestir-se, na arte, etc.” (Silva, 2012. p. 63).

Na memória reside o saber ancestral, é a suave melodia que ecoa pelos ventos do tempo, entrelaçando as almas com as histórias tecidas por nossos antepassados. É o fio de luz que guia os passos na escuridão da incerteza, recordando-nos das raízes profundas que sustentam a existência. Como estrelas cintilantes no firmamento da memória, os ancestrais brilham, iluminando o caminho da jornada humana com sua sabedoria eterna, por isso, é através de um cotidiano repleto de construção cultural, saberes passados pela comunicação oral dos anciões, que reside a ancestralidade do povo omágua.

Segundo Kambeba (2021, p. 16), “esses ensinamentos mantidos até hoje contribuem para a constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, da percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena”. De acordo com Munduruku (2018, p. 81),

a memória é ao mesmo tempo passado e presente que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigarão elementos novos em movimentos de repetição à exaustão ao longo da história. Logo, observa-se que a memória é uma das marcas que contribuem para a constituição da identidade em vários povos indígenas.

Os Kambeba apresentavam uma das formas de identidade marcada pela característica

de sua condição física, em razão de apresentarem “a remodelação do crânio como um aspecto de diferenciação dos demais povos demonstrando que não eram antropófagos; a vestimenta produzida pelos próprios indígenas dava a eles a impressão de mais razão e organização” (Silva, 2012, p. 58).

Segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, em meados do século XVIII, os Kambeba teriam respondido que achatavam o crânio das crianças, hábito que lhes rendeu a denominação “Kambeba” (cabeça chata) para se diferenciarem e se safarem da escravidão. (Maciel, 2013, p. 13).

Além disso, para ter suprimentos tinham que resistir na luta com outros povos, “Embora sendo habitantes da várzea, os Omágua/Kambeba não deixavam de buscar suprimentos em terra firme, um dos motivos que os levava a estar em constante guerra com os povos da terra firme, como forma de defesa territorial” (Silva, 2012, p.58).

Consoante (Hall 2013 *apud* Lima 2020), se sobressaem duas perspectivas distintas sobre identidade cultural: a primeira envolve a busca pela história autêntica de uma comunidade, enquanto a segunda reconhece que o indivíduo pode se distanciar de suas raízes originais sem negar seu passado. Essa visão dinâmica da identidade reconhece que estamos em constante transformação, influenciados pelas mudanças culturais e pelas diásporas. Assim, a identidade não é fixa, mas sim um processo em crescimento, marcado por uma multiplicidade de influências e interações culturais.

2.3 A poesia indígena na sala de Aula

A leitura oral do poema na sala de aula pode favorecer uma aproximação entre a realidade do leitor e a aposta no texto. De acordo com Pinheiro (2018, p.17), “Para nós, que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre “comunicação de uma nova experiência” tem sabor especial”.

Ainda segundo Pinheiro (2020, p. 20), a função social da poesia pode estar ligada a circunstâncias as mais diversas, como a idade do leitor, as condições sociais, as diferentes experiências que teve com literatura (oral ou escrita), os suportes e o contexto em que a experiência se deu, entre outras variáveis.

Pinheiro revela que a poesia exerce diversas manifestações culturais, “o exemplo da dança foi acionado para pensar a função social da poesia porque poderíamos dizer que o ato de cantar e dançar é uma das manifestações da poesia. Portanto, a poesia não está só no escrito e no oral” (Pinheiro, 2020, p. 26).

Dessa forma, ao se deparar com a poesia indígena, o aluno permeia caminhos culturais, encontrando na escrita ancestral relevância para a sua vida, uma vez que aprendem sobre a cultura dos povos originários do lugar em que vive, relacionando hábitos e até alimentos que já vem da cultura indígena e hoje eles vivenciam em seu cotidiano, como a dança do **cateretê**, e outras situações que descobrimos através dos povos originários, como nos confirma Dorrico: “a escrita indígena é uma poética milenar individual, devido o autor se reconhecer como sujeito histórico de um processo social e coletivo, porque traz as marcas da ancestralidade, falas pelos seres materiais e espirituais”. (Dorrico, 2018, p. 115).

Levar para turma, a literatura indígena escrita pelos povos originários é relevante porque é uma forma de honrar e valorizar as vozes subjugadas e silenciadas ao longo da história, desde os tempos coloniais até os dias atuais. As obras literárias produzidas por indígenas são testemunhos de uma resistência cultural que enfrentou grandes adversidades, persistindo contra todas as probabilidades. (Lima, 2020, p. 43)

Além da lei 10.639/03 obrigar o conteúdo indígena por meio da especificação do uso em todo o currículo de artística, literatura e história, ainda tem as habilidades da BNCC que incluem o ensino de tal temática de forma reflexiva na sala de aula em várias disciplinas diferentes como artes, com as Habilidades (EF15AR25) e (EF69AR34), educação física (EF35EF01), geografia com (EF03GE03), (EF04GE01), (EF04GE06), (EF07GEO01), (EF07GE03), e história com as habilidades (EF03HI01), (EF03HI03), (EF06HI08), (EF07HI12), (EF08HI14), (EF08HI27), (EF09HI26)⁷, a cobrança do conteúdo em língua

⁷ **Artes:** (EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Educação física: (EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.

Geografia: (EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares. (EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira. (EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios. (EF07GEO01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil. (EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

História: (EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc. (EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais

portuguesa também é explicitado para ser trabalho de forma crítica na sala de aula, uma vez que apresenta três habilidades no campo de atuação artístico-literário:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo. (BNCC, 2018, p. 153/157/165).

Isso estimula uma reflexão sobre a cultura do passado, sua relevância para o presente e a importância de atitudes respeitadas para um futuro mais inclusivo e justo para todas as comunidades, sejam elas indígenas ou não. Logo, experimentar a expressão poética em sala de aula é uma forma de explorar crenças, valores e percepções de maneira profunda e significativa. Esse contato enriquece a formação dos leitores, permitindo que desenvolvam uma compreensão mais profunda e sensível das culturas ancestrais. Assim, cultivamos leitores que são versados em múltiplas culturas e capazes de interpretar textos de maneira ampla e contextualizada.

e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. (EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras. (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática). (EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas. (EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas. (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

É relevante ressaltar que, ao abordamos a literatura indígena, estamos abrindo caminho para um campo que reúne uma diversidade de vozes silenciadas, dominadas e exterminadas, sendo assim, na poesia indígena, ecoa um coro de histórias entrelaçadas, lembranças que resistiram ao tempo, sussurrando verdades além do esquecimento.

Em harmonia com o que foi dito anteriormente sobre a poesia na sala de aula, Thiel (2012, p. 13) alega que, o universo da sala de aula instiga a procurar atualização, os professores precisam se nutrir: seu alimento, neste caso, a literatura indígena pode ser o alimento que venha a fornecer novas dimensões de conhecimento.

A produção textual indígena ajuda a recontar a história do Brasil a partir de uma perspectiva diferente da narrativa oficial. A literatura tem suas raízes na tradição oral, portanto, ela é multimodal, composta por múltiplas modalidades de construção de sentido, de expressão oral, escrita, visual etc. (Thiel, 2019, p.14)

Constituem-se como contadores e contadoras de histórias que são fundamentais para a permanência da humanidade: são como um acervo vivo de um povo. Carregam nos seus corpos histórias, lendas, feitos, canções, lições de vida de toda uma população, envoltos numa magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade (Brandão, 2006, p. 36).

Desse modo, a literatura indígena contribui significativamente para o conhecimento cultural de um povo e segundo Munduruku (2012, p. 82), a leitura de poesia envolve ouvir uma voz. O leitor, ao ouvir essa voz, refaz em corpo e espírito o caminho traçado pelo poeta. Os valores exemplares surgem do uso e escuta da voz humana. Estes aparecem no dia a dia ou na comunicação informativa; a poesia expande a linguagem, elevando-a a um nível universal. Seja escrita ou não, a leitura se transforma em uma escuta, uma percepção instintiva que leva ao prazer.

Em virtude disto, acreditamos que a literatura indígena é indispensável para a sala de aula, já que, também é uma forma dos povos indígenas lutarem por seus direitos e mostrarem o seu legado, o que leva o aluno a refletir sobre o presente e o passado, constituindo-se um cidadão crítico-analítico para as situações que vivenciará no futuro.

3. A FORMAÇÃO DE LEITORES, A ESCOLA E ASPECTOS METODOLÓGICOS

A sala de aula é o espaço em que a maioria dos alunos tem a oportunidade de praticar a leitura, por isso, é o lugar de vivenciar o texto e a partir do encontro com a literatura, se entregar

a um momento de prazer que o leve a percorrer caminhos que nunca trilhou.

A leitura é uma construção entre leitor e texto, por isso, segundo Rosemblatt (2002), a literatura é um circuito vivo entre o leitor e o texto, que insere significados a partir do modo emocional que se encontra o leitor e sua carga de conhecimento, sendo assim, a leitura é um processo seletivo e construtivo da relação entre o texto e os elementos estéticos sociais de sua experiência.

El lector aporta a la obra rasgos de personalidad, recuerdos de acontecimientos pasados, necesidades y preocupaciones actuales, un estado de ánimo específico del momento y una condición física particular. Éstos y muchos otros elementos, en una combinación que jamás podrá repetirse, determinan su fusión con la peculiar contribución del texto. (Rosemblatt, 2002, p. 57)⁸

Neste sentido, a experiência leitora começa mesmo antes de fazer a leitura, na necessidade do que o leitor procura e na escolha do texto que dialogue com suas experiências, engrandecendo seu conhecimento e prazer.

Rosemblatt (2002) chama atenção para a importância do texto ser escolhido de acordo com a faixa etária adequada para determinada obra, pois a maturidade das experiências do leitor o levará a se conectar mais com o texto se estiver dentro do que busca para completar seus anseios, assim sendo, a criança, o adolescente e o adulto verão a mesma obra de formas diferentes e suas experiências, com elas resultarão em uma vivência condicionada a seu conhecimento de mundo, cultura, realidade e situações sociais individuais.

Una respuesta intensa a una obra tendrá sus raíces en capacidades y experiencias ya presentes en la personalidad y la mente del lector. Es importante recordar este principio cuando se seleccionan materiales literarios que se recomendarán a los estudiantes. No basta con pensar en lo que deberían leer. Las elecciones tienen que reflejar un sentido de los posibles vínculos entre esos materiales y la experiencia previa del estudiante, así como su nivel actual de madurez emocional. La literatura satisface una necesidad aún mayor, sobre todo para el lector adolescente. (Rosemblatt, 2002, p. 69)⁹

Segundo a autora, o texto literário pode ser visto também como um escape da realidade,

⁸ O leitor traz para a obra traços de personalidade, lembranças de eventos passados, necessidades e preocupações atuais, um humor específico do momento e uma condição física particular. Esses e muitos outros elementos, numa combinação que jamais poderá ser repetida, determinam sua fusão com a contribuição peculiar do texto. (tradução livre nossa)

⁹ Uma resposta intensa a uma obra terá suas raízes nas experiências já presentes na personalidade e na mente do leitor. É importante lembrar esse princípio quando são selecionados materiais literários que são recomendados para estudantes. Não basta pensar no que devem ler. As escolhas têm que refletir um senso de possibilidade, ligações entre estes materiais e a experiência anterior do estudante, bem como seu nível atual de maturidade emocional. A literatura satisfaz uma necessidade ainda maior, especialmente para o leitor adolescente. (tradução livre nossa)

pois oferece um descanso da tensão cotidiana, portanto, a leitura deve ser iniciada pensando na absorção do conteúdo e não no estudo do que sua estrutura ou organização pode oferecer. Um poema em que seria estudado a rima, o ritmo, a métrica, nos versos e estrofes, são aspectos identificados como importantes, mas uma compreensão secundária, na medida em que, primeiro vem a conexão entre sentir e viver esse texto.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 15), “a riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor o que não ocorre com outros textos [...] provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano”.

Logo, quando compreende o texto o leitor estabelece elos com as manifestações socioculturais que lhe são distantes no tempo e no espaço. A ampliação do conhecimento que daí decorre permite-lhe compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico. Além disso, Bordini e Aguiar (1993, p. 10), ressaltam que a leitura facilita ao leitor crescer e se desenvolver socialmente.

A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que abre para o outro. (Bordini, Aguiar, 1993, p. 10).

Por isso, a leitura não só faz parte do ser humano, como é através dela que encontramos uma ligação entre o tempo e a sociedade, a descoberta de significados por meio da interação com a leitura amplia a compreensão do mundo por meio da empatia com o outro.

Segundo Jauss (1994, p. 23), a possibilidade de uma cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores tem continuidade e se enriquece de geração em geração mostrando a qualidade da estética da obra, por isso, a recepção da literatura indígena na sala de aula é considerável porque são as gerações futuras que apresentarão novas compreensões sobre a temática indígena, ampliando para os não-indígenas o conhecimento sobre seus ancestrais, uma vez que segundo o mesmo, o método da estética da recepção é imprescindível a interpretação da literatura.

O método recepcional é baseado na teoria da recepção, que enfatiza o papel do leitor na construção de sentido da obra entre história e cultura, visto que é formado pela mutabilidade dos objetivos, assim como a obra literária é amparada no processo da história, em outras palavras, a obra transita entre as recepções que fizeram e fazem da mesma vários contextos da história estudados (Aguiar, Bordini, 1988, p. 81).

Dessa forma, a recepção é uma efetivação alusiva à disposição da obra, em relação a sua produção e sua leitura, por meio da estrutura linguístico-imaginária, pontos de indeterminação, esquemas potenciais de impressões sensoriais e transformação do trabalho estético do criador no do leitor. (Aguiar, Bordini, 1988, p. 82)

Portanto, não podemos esquecer que esta efetivação acontece por meio da interação entre o leitor e texto, levando-o a procurar nos espaços do silêncio encontrando no texto a oportunidade de interferir criadoramente, dialogando com o texto no mesmo tom, apresentando uma comunicação original. (Aguiar, Bordini, 1988, p. 82)

Desse modo, durante a leitura literária existem inferências para conceber a recepção, assim como preencher os espaços vazios na leitura, que serão baseados nas experiências vivenciadas pelos leitores ampliadas e utilizadas para compressão da obra.

Sendo assim, os objetivos do método recepcional fundamentam-se na participação do aluno com os diferentes textos apresentados, porém os outros objetivos a serem alcançados no estudo literário são: efetivar leituras compreensivas e críticas, ser receptivo a novos textos e a leitores de outrem, questionar as leituras efetuadas em relação ao próprio horizonte cultural e transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (Aguiar, Bordini, 1988, p. 85-86)

O método recepcional é estruturado em cinco etapas: a determinação do horizonte de expectativas, atendimento do horizonte de expectativas, a ruptura desses horizontes, o questionamento desses horizontes e a ampliação deles, assim como já foi enaltecido anteriormente por Roseblatt (2002 p. 69), a bagagem de experiências linguísticas, pessoais e sociais do leitor são indispensáveis para o processo de recepção literária, já que, a leitura começa antes do texto, por meio de um horizonte de expectativas que podem ser concretizadas, ampliadas ou contrariadas.

Nosso segundo método utilizado nesta pesquisa foi o performático formulado por Oliveira (2018) tendo por base tanto as reflexões de Zumthor quanto de Isar; ele está voltado para utilização da entonação e da postura do corpo em relação à leitura, por isso, durante as leituras literárias da nossa experiência foi utilizada a performance; sua origem é francesa e segundo o dicionário Aurélio, significa, “per -movimento e forma / limites exteriores da matéria que é constituído um corpo, ou seja, um movimento executado pelo corpo. Neste caso, método performático segundo Oliveira (2018, p.241) “é uma proposta metodológica para a formação do leitor literário, que leve em conta a voz e a expressão do corpo em performance no ato da leitura”. Sendo o corpo o principal atuante nesta proposta, Zumthor (2007), mostra que o corpo confere ao texto sentidos:

O que é entender aqui por esta palavra corpo? [...] é ele que eu sinto reagir ao contato saboroso dos textos que amo. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina a minha relação com o mundo [...] Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos meus apetites, de suas penas, de suas alegrias, contração e descontração dos músculos, tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra efetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio. (Zumthor, 2007, p.23-24).

Oliveira (2018, p.253), então, expõe esta percepção corporal e explica que “experimentar o texto do ponto de vista da performance é lê-lo em voz alta (e em movimento), traçando diferentes percursos com o texto na sua vocalização, de modo a ir tateando, por meio do corpo e da voz, possibilidades interpretativas revelando descobertas inéditas”.

Destarte, a obrigação de compreender o significado das palavras e seu desempenho sonoro, provocam o leitor a um ponto em que ele reorganiza em si a premissa do texto, melhor dizendo, encontra caminhos de ressignificação após se apropriar do sentido do texto, renovando-se na leitura através do corpo e voz //como afirma Zumthor (2015, p. 148), “na hora em que, em performance, o texto (que geralmente, na nossa cultura, é escrito) se transforma em voz, uma mutação global afeta suas capacidades significantes, modifica o seu estatuto semiótico e gera novas regras de semanticidade.”

A leitura se materializa em um balé de sentidos que estavam dormentes, contudo, que se abre quando existe a experimentação performática, surpresa que Oliveira (2014, p.111), explicita ao dizer: “Ler um texto em voz alta e em movimento, nesse sentido, é dançá-lo, pois o que se busca nessa leitura é justamente a indeterminação que o texto pode gerar na voz e no gesto e as surpresas que o movimento do corpo pode acender na enunciação do texto”.

Logo, Oliveira (2018), ao considerar a metodologia performática ver no experimento atuante na literatura, capaz de surpreender por entre o jogo da leitura a capacidades de novas interpretações:

Ler é jogar um jogo e o jogo pressupõe a surpresa, o inesperado, a indeterminação. Dentro dessa perspectiva, no jogo do texto, a leitura é performance (mesmo aquela silenciosa e aparentemente sem movimento do corpo), pois a instabilidade do leitor pelas veredas do texto se dá no próprio ato de atravessá-lo, o que lhe permite aventurar por (infindáveis) trilhas interpretativas, por meio de um mapa de sentidos tatuado pelas palavras do texto. (Oliveira, 2018, p. 249)

A literatura é um dos principais meios que o homem possui de registrar e aprender sobre a sociedade e cultura de um povo, seus costumes e toda herança que decorre deles. De acordo com Lajolo (2001), a leitura nos leva a explorar múltiplos universos, desde os reinos do mistério

até os domínios da razão. A literatura, então, se revela como um portal para infindáveis mundos, cujas narrativas não se dissipam ao fechar do livro ou ao término da canção. Permanecem conosco, entrelaçadas em nossa jornada de leitura, tornando-se parte de nossa própria história.

Lançamos mão, também das denominadas “conversas literárias”, um procedimento que consiste em valorizar o ouvir no leitor, aspecto já presente no método recepcional, logo observa o valor da escuta nas práticas leitoras, prestando atenção na própria leitura e na leitura dos outros, por meio dos gestos, nas palavras proferidas e também nas silenciadas, com o corpo entre outros aspectos da interpretação da compreensão da leitura e suas dimensões por meio de uma conversa literária. (Bajour, 2012, p. 17)

Segundo Bajour (2012, p. 23), pensar nas conversas literárias como centro do encontro literário de saberes entre os alunos e docentes nos sugere a reflexão sobre a literatura para os leitores e sobre o seu ensino, por isso, novas experiências docentes acontecem nas quais sondam os leitores quando falam dos livros, se tornando uma situação de construção do conhecimento.

De acordo com Aindan Chambers *apud* Bajour (2012, p. 56), o livro que escolhemos, traz em si a potencialidade de nossa conversa, temas a abordar, ideias, linguagem e imagem, avivamentos da memória, etc. Sua escolha é uma atividade muito valiosa para aqueles que escolhem estão exercendo o poder.

A escuta começa na seleção das obras escolhidas pelo professor, que busca textos desafiadores que não sejam simplistas, mas provoquem os alunos. Este foi um dos motivos de escolhermos para nossa experiência na sala de aula poemas indígenas protesto, para desafiar os alunos, inquieta-los durante as leituras, tanto em relação ao gênero textual quanto a temática abordada. Assim sendo, todos nós, leitores crescemos com as leituras dos outros e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves. Também pode ocorrer que a discussão nos leve a trocar nossas chaves por outras. (Bajour, 2012, p. 67)

A conversa literária é relevante para apresentar perspectivas que ajudam na construção do saber, mas outro aspecto importante quando falamos em sala de aula é como somos recepcionados na escola, a escolha da turma adequada para desenvolver a experiência leitora sobre o tema indígena e o apoio do professor da turma em que trabalharemos os poemas, poderemos ver isso e um pouco mais no parágrafo seguinte.

3.1 Caracterizando a escola e os alunos

A escola em que foi efetuada a investigação é ECI Virgínius da Gama Melo, localizado na rua Penedo, SN - Malvinas, Campina Grande – PB, esta oferece toda a estrutura necessária

para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus alunos, como por exemplo: internet, banda larga, refeitório, biblioteca, quadra esportiva coberta, laboratório de informática, pátio coberto, área verde, sala do professor e alimentação. (Rede Estadual, 2019)

O desenvolvimento da vivência com os poemas da nossa pesquisa aconteceu na biblioteca da escola, que contém espaço suficiente para uma ótima experiência, contando com ar-condicionado, mesas circulares que apresentam um suporte adequado para uma boa leitura, principalmente levando em consideração que as discussões sobre os poemas aconteceram por meio das conversas literárias e televisão em caso de compartilhamento de vídeos ou slides.

A escolha do colégio também não foi aleatória, nesta escola finalizei o ensino fundamental e cursei todo o ensino médio, então gostaria de levar para os alunos o conhecimento sobre os indígenas que não tive durante minha formação nesta escola.

A escola possui 16 discentes, sendo a grande maioria com grau acadêmico com no mínimo uma pós-graduação e quase todos concursados, um coordenador pedagógico e a diretora, além disso, hoje a escola deixou de ser regular e passou a ser cidadã integral, desse modo, diminuiu consideravelmente a quantidade de alunos por turma, segundo informações da diretoria, hoje a escola tem 160 alunos ao todo, sendo assim, as turmas contém no máximo 20 alunos. Segundo o Governo da Paraíba, a escola cidadã integral é um grande avanço no ensino, sendo um modelo formulado sob a BNCC, apresentando oportunidades de escolhas que ajudam na construção profissional dos alunos da rede básica.

O Programa de Escola Cidadã integral é um novo modelo de escola pública implantado na Paraíba em 2016 e que tem a proposta de organização e funcionamento em tempo único (integral). É uma política pública e está inserida no Plano Nacional de Educação [...] O programa tem como foco a formação dos jovens por meio de um desenho curricular diferenciado e com metodologias específicas. Essas escolas são organizadas com salas temáticas, laboratórios de informática, ciências e outros espaços de vivências [...] A organização curricular dessas escolas é constituída, então, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (Governo da Paraíba, 2022).

Esse modelo escolar, neste ambiente específico, pode ser visto positivamente porque uma quantidade menor de alunos dá ao professor a possibilidade de se aproximar mais de cada aluno e observar as dificuldades e também seus objetivos, todavia, terminou sendo mais complexo para mim, pois, devido tratar-se de uma escola integral todo conteúdo que é aplicado em uma turma precisa ser aplicado igualmente na outra da mesma série. Portanto, quando cheguei a escola pensei que trabalharia apenas com uma turma do 9º ano e na verdade trabalhei com duas turmas (9ºA e 9º B), a primeira turma tinha 17 alunos e a segunda turma 16 alunos.

A escola apresenta vários ambientes que poderíamos utilizar para o desenvolvimento da experiência, mas de acordo com Pinheiro (2018, p. 24), “também é indispensável o ambiente

em que se vai trabalhar a poesia. Criar um ambiente adequado, sobretudo nos primeiros anos de estudo, favorece o interesse e o gosto pela poesia”, por isso, escolhemos a biblioteca. Conforme as imagens abaixo, esse espaço é bastante acolhedor, amplo, bem iluminado.

Figura 3 - Biblioteca da escola ECI Virgínius da Gama e Melo



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024

Na biblioteca encontramos mesas redondas que facilitam a aproximação da turma durante uma boa discussão, segundo os alunos, quando estávamos todos juntos na sala parecia a mesa de Távola Redonda¹⁰. Se sentir em um ambiente propício a uma boa reflexão também ajudou durante as discussões, fugiu daquela situação em sala de aula em que o professor fala e

¹⁰ Uma das principais contribuições de Wace ao traduzir Geoffrey, foi a invenção da Távola Redonda, mesa em redor da qual se sentavam os nobres barões subordinados a Artur. A Távola Redonda serve de emblema dessa companhia heróica, e o que se dizia sobre ela reflete e ajuda a caracterizar a evolução da própria Matéria Arturiana ao longo das três fases. Afirma Wace que a forma redonda da mesa, sem cabeceira, com todos os lugares igualmente importantes, teria sido adotada para evitar disputas de precedência entre esses homens orgulhosos. (Furtado, 2002, p.17)

o aluno responde, aqui eles podiam só ficar à vontade para falar sobre os poemas como numa hierarquia de igualdade. Portanto, durante as conversas literárias o mais difícil foi manter a ordem porque todo mundo queria falar e de preferência ao mesmo tempo.

Figura 4- Quadro da sala da biblioteca



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Na biblioteca também tinha uma mensagem interessante que enaltece a importância da leitura ao compará-la com os exercícios físicos, aos quais precisamos fazer todos os dias para manter o corpo em forma e para ter uma boa saúde.

Sintetiza-se que ler é um exercício cerebral e intelectual tão importante quanto fazer uma caminhada para equilibrar a pressão ou uma corrida para baixar calorias e manter as taxas do sangue em dia, uma vez que, o ser humano quando lê se conecta a situações externas que o faz pensar sobre seu cotidiano e as vezes até abre um leque de ideias sobre determinada situação que ele está passando em sua vida.

Figura 5- Biblioteca e sua diversidade



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

A nuvem de palavras ao redor do nome biblioteca chama atenção na sala, pois estimula o leitor a compreender que o espaço que ali se encontra tem um mundo de emoções, isto é refletido por meio dos substantivos : teatro, autores, histórias, dicionário, fantasia, descobertas, ideias, silêncio, imaginação, livros, aprendizagem, criatividade, letras, jogos, vídeos, felicidade, conhecimento, crescimento, professor, acolhimento, ilustrador, recursos, pedagogia, respeito, contos, artes, diversão, literatura, atividades, curiosidade, frases, poemas, lendas, bibliotecária, textos, silêncio, livros, bem como dos verbos que mostram o que é possível fazer com este conhecimento requisitar, sorrir, estudar, ouvir, sonhar, pesquisar, pintar, desenhar entre outros. A estimulação do que é possível transborda de ações que contribuem para o crescimento, pessoal, profissional e psicológico do leitor diante da leitura.

Figura 6- A biblioteca e sua organização



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Por fim, também é possível observar que a organização da forma como estão as prateleiras, permite um espaço arejado, tranquilo e amplo para qualquer trabalho que se deseje fazer de leitura nesta biblioteca. Mas não foi tão fácil chegar aqui para desenvolver esta experiência como veremos a seguir.

A experiência foi autorizada pelo comitê de ética em dezembro de 2022, através do parecer nº 5.839.039, desse modo não pudemos adentrar na sala de aula em janeiro devido as férias e em fevereiro será o momento de contato com a coordenação da escola, bem como os responsáveis pelos alunos, devido serem de menor, dessa forma, a experiência começou no dia 06 de março de 2023 e acabou no dia 19 de abril de 2023.

Esta seção se trata do capítulo metodológico, contextualizando um pouco sobre nosso método de investigação, apresentamos aqui no primeiro momento a tipologia, em seguida mostraremos o ambiente em que será efetuada, assim como, os integrantes e por fim os instrumentos utilizados, a forma de coleta dos dados e a metodologia do desenvolvimento da experiência em sala de aula.

3.2 Discutindo os instrumentos da coleta de dados

A coleta de dados para investigação foi elaborada por meio da escrita dos alunos nos diários de leitura, bem como dos registros imagéticos como gravação de áudios, de vídeos e fotos, mas não optamos por questionários, porque segundo Pinheiro (2018, p. 41), “não é

interessante fazer questionários prévios, mas privilegiar o debate, buscando repercussão do texto sobre o leitor”, e este era o nosso objetivo.

De acordo com Gomes (2018), “o diário de leituras se apresenta justamente como um instrumento ou ferramenta para que o sujeito fale da sua experiência íntima com o leitor, para deixar traçar livremente sobre o que sente e pensa do que está lendo [...] regulando assim a ação de leitura”.

Ainda segundo Dolz *in* Gomes (2018, p.13), “em resumo, o Diário aparece como uma proposta didática potente, instrumento de mediação entre a leitura e a escrita, que permite uma apropriação de textos singulares diversos numa perspectiva interacionista”, logo, utilizar o diário de leitura para coleta de dados é muito importante porque oferece ao aluno uma liberdade sobre a escrita, colocar suas inquietações sobre o objeto de estudo.

Além do Diário de Leitura, utilizamos registros imagéticos: fotografias, gravação de áudio e a gravação das aulas, para uma visão ampla dos alunos durante as leituras. Segundo Balei (2013, p.195), “como em poucos outros métodos de coleta de dados, a filmagem permite que um participante possa rever posteriormente suas ações e comportamentos, refletindo sobre seus conceitos por meio da análise de sua prática”.

Desse modo, o mesmo autor reflete que todo pesquisador deve sempre considerar o valor de inovar, de procurar e adequar novas estratégias de pesquisa de campo, não se atendo a textos escritos na busca por respostas. Dependendo do tipo de método utilizado na coleta haverá meios de reflexão diferentes. Muitos ainda se perguntam: como a tecnologia pode ser inserida na prática do pesquisador? Ela pode ser inserida na realização de estudos, provocando interrogações sobre a própria atividade de pesquisa, abrindo caminhos para novas perguntas e ampliando o foco do pesquisador. (Balei, 2013, p. 195-196)

Essas técnicas foram importantes para instruir a percepção sobre o trabalho com a poesia indígena na sala de aula, para alcançarmos os objetivos da investigação.

3.3 Natureza da investigação

Esta pesquisa tem como temática a literatura indígena, por meio do gênero poema, e como objeto de investigação a recepção dos poemas do livro *O lugar do saber ancestral* e a *Saberes da floresta*, da poeta Marcia Kambeba, por uma turma do 9º ano do ensino fundamental II.

A nossa investigação trata-se uma pesquisa aplicada, uma vez que gera o conhecimento através de uma aplicação prática; segundo Gil (2008), “as pesquisas com esse tipo de natureza

estão voltadas mais para a aplicação imediata de conhecimentos em uma realidade circunstancial, relevando o desenvolvimento de teorias”.

Também concerne de uma pesquisa participante, que se caracteriza pela intensa interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Nessa modalidade, o pesquisador não se limita a observar os fenômenos, mas se envolve ativamente na situação estudada, participando das atividades e compartilhando experiências com os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa participante foi abordada inicialmente pelo sociólogo colombiano, Fals Borda ao desenvolver a noção de "investigación-acción" (pesquisa-ação), que enfatiza a relação entre pesquisa e ação social. Além dele um dos principais educadores que também defendia a participação popular na construção do conhecimento era Paulo Freire como pode-se observa na obra Pedagogia do oprimido.

Ainda sobre este tipo de pesquisa reflete Cecília Bajour (2012, p. 49), não se trata de um encontro idílico com o ensino da leitura literária na escola, mas de um jogo de forças entre as tendências à conservação e a mudança, tensão que caracteriza toda prática e que a reflexão teórica combinada com a ação pode contribuir para enriquecê-la, colocando-a em relevo e discutindo sua naturalização.

Quanto a abordagem, utilizamos a bibliográfica porque também investiga materiais teóricos e por meio do método qualitativo procura interpretar um objeto, neste caso a recepção dos poemas da Marcia Kambeba. A abordagem bibliográfica é muito importante para o desenvolvimento teórico, uma vez que, alicerça os argumentos conceituais do trabalho, contribuindo para compreender a temática, a partir de artigos e livros já publicados. Desse modo, é essencial para entendermos o nosso objeto de estudo, a poesia indígena.

3.4 Os planos de aula e sua prática

O planejamento das aulas foi baseado a partir das metodologias que iríamos trabalhar com os alunos; o primeiro método abordado foi o recepcional de ensino de literatura, enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço. (Bordini, Aguiar, 1938, p.86). Portanto os planos de aula que serão vistos a seguir introduziram a poesia indígena e foram amparados pelo método recepcional. No entanto, não seguimos à risca os passos que as autoras apresenta. Tomamos mais a filosofia do método, isto é, sua perspectiva interativa.

Quadro 1- Diagnóstico

<p>1-Atividade diagnóstica sobre o conhecimento prévio dos alunos a respeito da temática indígena</p>
<p>Conteúdo: Conhecendo um pouco sobre os indígenas, a autora e o livro que vamos trabalhar</p> <p>Material: Material xerocopiado e uso de televisão</p> <p>Objetivo: Proporcionar o primeiro contato com a literatura indígena, discutir sobre os estereótipos relacionados aos povos originários, ao trabalhar a crônica “É índio, não é índio” do livro Histórias de índio, relacionando posteriormente aos vídeos citados abaixo e apresentar a obra poética de nossa experiência.</p> <p>Duração: duas aulas com 45 min.</p> <p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>1º momento: a turma foi posicionada em círculo para uma conversa introdutória sobre o contexto da literatura indígena, receberam os diários, e foram orientados de como funcionaria a dinâmica do uso dos diários: colocar o nome do livro, do autor e do poema estudado.</p> <p>2º momento: em seguida, entregamos para a turma a crônica: É índio ou não é índio, (em anexo, p. 64), xerocopiada. A turma fizeram uma primeira leitura em voz alta e depois deixamos eles livres para que algum aluno se posicionasse para discutir sobre o que achou do texto, porque lhe chamou a atenção, e fizemos perguntas provocativas como: qual é o lugar do sujeito, como é visto o possível homem indígena? Como essas mulheres se posicionam em relação ao outro neste texto? Entre outras para ajudar aos alunos a pensar sobre a forma como o indígena é visto pelos, como eles imaginam que são os indígenas hoje, onde eles se encontram e qual a sua forma de viver.</p> <p>3º momento: depois de discutimos sobre a crônica para enfatizar as mudanças entre os indígenas do período da colonização, mostramos um vídeo chamado: fantasia de índio do canal no Youtube do indígena Cristian Wariu Tseremwy’wa do povo Xavante com descendência do guarani nhandewa, com o objetivo de enaltecer como os povos originários são verdadeiramente e como eles são vistos com estereótipos marcados pelos não indígenas.</p> <p>4º momento: finalizamos com o depoimento da Marcia Kambeba, gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas (2016), para que eles conheçam um pouco sobre a autora e sua construção até a escrita e o espaço político que se encontra hoje.</p>

Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

No 2º encontro, o objetivo ao estudar o poema “Ainda dá tempo de correr” foi mostrar sobre dois tempos, passado e presente, e as mudanças entre eles; nele a autora retrata a resistência indígena e descreve situações cotidianas dos povos originários e a relação com os colonizadores na primeira metade do poema, e na segunda metade ele faz uma reflexão sobre como estão os povos originários hoje.

O artista conduz os outros homens a um mundo de fantasia, onde seus anseios se libertam, [...] mobiliza-se assim um potencial de energias submersas que, por sua vez regressam ao mundo real para transformar a fantasia em realidade. (Thomson, 1977 *apud* Pinheiro, 2018, p. 19). Desse modo, a autora é uma artista que leva o leitor ao passado e depois ao presente, do mundo poético, mostrando-lhe uma imagem real, dolorosa e elaborada pelos ancestrais dos não indígenas, por meio deste poema.

Quadro 2- Recepção poética

2- Atividade de leitura e discussão com poemas indígenas
<p>Conteúdo: Poemas do livro <i>O lugar do saber ancestral e Saberes da Floresta</i> Material: material xerocopiado, lápis de quadro branco e quadro.</p> <p>Objetivo: Proporcionar ao aluno contato com poemas indígenas, com o intuito de vivenciar a poesia dos povos originários, por meio do método recepcional.</p> <p>Duração: duas aulas com 45 min</p> <p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>1º momento: a turma foi posicionada em círculo para uma conversa introdutória sobre o contexto da literatura indígena, receberam os diários, e foram orientados de como funciona a dinâmica do uso dos diários: colocar o nome do livro, do autor e do poema estudado. Neste momento começou uma leitura em voz alta coletiva, na qual cada aluno lia uma estrofe do poema em voz alta e o outros acompanhavam, em seguida era feita uma segunda leitura dos mesmos poemas pelos outros alunos que ainda não tinham lido, sendo assim, tinha em torno de duas ou três leituras do mesmo poema quando era pequeno e quando era mais extenso duas leituras em voz alta.</p> <p>2º momento: passamos agora ao momento de debate na roda de leitura no qual discutimos sobre o que eles escreveram em seus diários, observando a recepção do poema em suas inferências, uma vez que, a conversa literária é o eixo central dos nossos encontros. O poema escolhido para este momento foi ainda dá tempo de correr, (em anexo, p. 66).</p> <p>3º momento: chegamos ao momento de escrita no diário de leitura da reflexão sobre o poema debatido na sala de aula, suas impressões.</p>

Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

No terceiro encontro, dia 20 de março de 2023, ainda em relação a recepção poética dos alunos, debatemos os poemas: “Pra que serve a cultura indígena” e “Margaridas”, presentes no livro *O lugar do Saber Ancestral* de Marcia Kambeba, (em anexo, p. 67). O primeiro poema é muito importante para quem está adentrando no mundo da literatura indígena, pois o leitor tem uma noção mais clara da importância de estudar tal literatura seja indígena ou não, e o segundo

poema é muito relevante para o período em que nos encontramos, pois ele reflete sobre a luta da mulher por seus direitos, seja indígena, negra, mestiça ou de qualquer etnia. Este poema chama muito a atenção por trazer em seu contexto duas mulheres que foram brutalmente assassinadas lutando pelos direitos das mulheres (Margarida e Marielle Franco).

Quadro 3- Continuação da recepção poética

3- Atividade de leitura e discussão com poemas indígenas- continuação
<p>Conteúdo: Poemas do livro O lugar do saber ancestral e Saberes da Floresta Material: material xerocopiado, lápis de quadro branco e quadro.</p> <p>Objetivo: Proporcionar ao aluno contato com poemas indígenas, com o intuito de vivenciar a poesia dos povos originários, por meio do método recepcional.</p> <p>Duração: duas aulas com 45 min</p> <p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>1º momento: seguimos os mesmos passos do primeiro e segundo dia, até a entrega dos diários de leitura; como sempre, antes de começamos a leitura dos poemas os alunos devem colocar o nome da autora, o nome do poema que seria analisado e o livro em que estávamos estudando. os poemas entregues neste dia foi: Pra que serve a cultura indígena presente nas páginas 92-93 e Margaridas, na p. 95. Mas como se tratava de poemas com muitas palavras de origem indígena, assim como no livro, colocamos um glossário para facilitar a compreensão do poema. Dentre todos o poema Margaridas foi o mais debatido em sala, porque remete a força da mulher lutar por seus direitos através da Margarida e da Marielle, duas mulheres de origem diferentes que lutavam pelos direitos das mulheres e do seu povo. Ambos os poemas foram lidos mais de três vezes por pessoas diferentes o que levou a trazer perspectivas diferentes do poema, quando um lia achava algo para falar que o outra ainda não tinha discutido, a primeira falou sobre a Marielle, o segundo aluno focou na importância do título pensando mais nas flores do que realmente é remetido o poema a Margarida que também foi assassinada, mas a terceira na terceira leitura já estava passando para uma discussão política e tivemos que contornar para não sair do foco.</p> <p>2º momento: passamos agora ao momento de debate na roda de leitura no qual discutimos sobre o que eles escreveram em seus diários, observando a recepção do poema em suas inferências, uma vez que, a conversa literária é o eixo central dos nossos encontros.</p> <p>3º momento: chegamos ao momento de escrita no diário de leitura da reflexão sobre o poema debatido na sala de aula, suas impressões.</p>

Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

No 4º encontro, dia 27 de março de 2023, ainda continuamos com a recepção dos poemas, mas agora mudamos o livro e trabalhamos os poemas: “Consciência Indígena”, “Consciência Negra”, “A Força da Minha Flecha” e “A Garça e o Gavião”, presentes no livro

Saberes da floresta, também da autora Marcia Kambeba. Todos estes poemas também se encontram no capítulo do livro chamada de poemas manifesto.

Segundo Aguiar; Bordini (1998. p.86), “assim como se reflete sobre o fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante do processo, o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos”. Por isso, todos estes dias foram observados a recepção dos alunos em relação a literatura e cultura indígena. Quadro 2- Vivenciando poemas com o método recepcional

Quadro 4- Continuação da recepção poética

4- Atividade de leitura e discussão com poemas indígenas- continuação
<p>Conteúdo: Poemas do livro <i>O lugar do saber ancestral</i> e <i>Saberes da Floresta</i> Material: material xerocopiado, lápis de quadro branco e quadro.</p> <p>Objetivo: Proporcionar ao aluno contato com poemas indígenas, com o intuito de vivenciar a poesia dos povos originários, por meio do método recepcional.</p> <p>Duração: duas aulas com 45 min</p> <p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>A sequência do primeiro momento foi a mesma dos outros procedimentos metodológicos, mas como os poemas abordados neste dia tinham relações parecidas e conteúdos diferentes foi feita uma divisão: uns ficaram em uma mesa com o poema consciência indígena e os outros na outra mesa com o poema consciência negra. Foram feitas duas leituras de cada poema e o mais interessante é que a primeira coisa que eles procuraram foram as diferenças e semelhanças entre os dois poemas quando estavam discutindo, quanto aos outros poemas também foi feita uma divisão os alunos de uma mesa ficaram com A força da minha flecha e o outro a graça e o gavião. Quando a turma de uma mesa terminava de ler eu pedia para os alunos que escutaram na outra mesa falasse sobre e da mesma forma a turma da outra mesa com os outros poemas, assim quem lia dava sua opinião e quem escutava trazia as percepções não só sobre o poema, mas também sobre forma de leitura dos outros estudantes.</p> <p>2º momento: passamos agora ao momento de debate na roda de leitura no qual discutimos sobre o que eles escreveram em seus diários, observando a recepção do poema em suas inferências, uma vez que, a conversa literária é o eixo central dos nossos encontros.</p> <p>3º momento: chegamos ao momento de escrita no diário de leitura da reflexão sobre o poema debatido na sala de aula, suas impressões.</p>

Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

No quinto encontro, 03 de abril de 2023, começamos outra metodologia, agora focada na leitura em performance dos poemas, baseados no método performático em Oliveira (2018),

a partir do artigo **O Jogo do texto no Ensino de Literatura: Por uma metodologia performática**. Deste momento em diante até o último dia foram feitos mapas sonoros dos poemas. Contudo, antes dos alunos começarem a análise deles foi desenvolvido e apresentado para eles um modelo, ao qual deveriam se basear e cada um ficou livre para fazer o próprio mapa.

Quadro 5- Vivenciando poemas com o método performático

<p>5- Atividade de análise e interpretação com poemas indígenas- performance</p> <p>Material: material xerocopiado, lápis de quadro branco e quadro.</p> <p>Objetivo: o objetivo é que os alunos vivenciem os poemas e percebam a diferença entre uma leitura improvisada e uma leitura e uma leitura performática mapeada, que eles compreendam que a entonação, o corpo a expressão faz parte da entrega do leitor para uma leitura.</p> <p>Duração: duas aulas com 45 min</p> <p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>1º momento: a turma foi dividida em dois grupos, vamos chamá-los de grupo “A” e grupo “B” cada um deles recebeu dois poemas, primeiro eles fizeram a leitura dos poemas, então pelo método performático de mapeamento sonoro eles demarcaram no poema as estratégias para a vocalização, voz pesada, sussurro, voz alta, voz baixa ou até mesmo imitar sons, fica por conta deles.</p> <p>2º momento: O grupo (A), que já fez o mapa sonoro, se prepararam observando as entonações de acordo com o mapa, colocaram suas impressões sobre o poema analisado nos seus diários de leitura e depois apresentaram para o outro grupo vê. O grupo (B) por sua vez, observou a apresentação do grupo (A) e teceu comentários sobre o que acharam da apresentação e do mapeamento feito por eles. Em seguida colocaram suas impressões sobre o poema apresentado nos diários de leitura. No momento posterior o Grupo (B), fizeram a mesma coisa que o grupo (A) e o outro a mesma coisa que o (B) fez anteriormente durante sua apresentação.</p> <p>3º momento: Após a apresentação dos dois grupos e do registro nos diários de leitura, fomos para o nosso círculo porque chegou o momento da nossa conversa literária para discutirmos sobre o que eles acharam e sentiram em relação ao seu poema analisado o que eles acharam da experiência de fazer o mapa sonoro e apresentar para o outro grupo.</p> <p>4º momento: os alunos guardaram seus mapas para estudarem e apresentarem durante o sarau poético e fizeram a escrita no diário de leitura da reflexão sobre o poema debatido na sala de aula, suas impressões.</p>

Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

No 6º encontro, dia 03 de abril de 2023, o poema escolhido foi “Resistência Indígena” e “O Tempo do Clima”. O objetivo com o primeiro poema era que os alunos percebessem que

a resistência indígena é um tema recorrente desta autora, por isso traz algumas semelhanças com outros poemas como o poema ainda dá tempo de correr, só que agora a autora traz o eu lírico falando de uma experiência individual que representa um sofrimento vivenciado por vários indígenas, agora ela fala dos acontecimentos no decorrer do tempo, mas enfatizando situações do cotidiano como invasão, escravidão, epidemia e violências, sempre enaltecendo a importância da mulher indígena para os povos originários e também para a construção de uma nação de todos os povos.

Além disso, os versos exprimem um cunho religioso ao falar sobre o período da catequização dos Jesuítas, trazendo um cristo que eles não conheciam. O objetivo com o segundo poema foi mostrar que os indígenas também apresentam outras temáticas de manifesto, o protesto pelo meio ambiente, o lugar onde vivem, a natureza, mostrando o que os homens fizeram com o passar dos anos para criar uma civilização urbana, destruindo boa parte do que precisam para sobreviver: as árvores, o rio e o ar.

A partir de agora o foco sobre a análise dos poemas não é só a recepção e discussão da temática protesto, mas a cultura, crenças e costumes cotidianos dos povos originários. Por isso, os poemas trabalhados no dia 03 de abril de 2023, foram: “**Amor de Boto**”, expondo o mito do boto que se transforma em um lindo moreno durante a noite, sai da água e com seus encantos namora muitas mulheres e depois desaparece. Nosso objetivo com ele foi mostrar uma pouca da mitologia indígena. O outro poema a ser analisado no mesmo dia foi “**Tambor nossa Cor**”, ao discorrer a importância cultural dos instrumentos utilizados nos rituais das cerimônias indígenas.

No 7º encontro, dia 10 de abril de 2023, continuamos com poemas que retratavam a cultura e os adornos e objetos musicais da cultura indígena, primeiro com o poema: “Cocar: identidade ou fantasia”, com o objetivo de retomar sobre o estereótipo, a ideia pré-concebida dos não indígenas sobre este adorno, utilizando como fantasia no carnaval, não só no Sambódromo, mas em escolas, por professores e alunos sem saber sua real importância, um símbolo indígena sem conhecimento do significado.

Esta postura revela uma grande falta de respeito com as crenças dos povos originários. E o poema: “Você Sabe o Valor que Tem o Maracá na Cultura dos Povos Indígenas?” Este por sua vez, foi trazido com o objetivo de mostrar a importância do maracá dentro dos rituais e cerimônias, também nas apresentações poéticas.

Ainda no dia 10 de abril de 2023 foi feito o mapa sonoro de mais dois poemas pela turma do 9º B. Os poemas foram “Grafismo”, com o intuito de mostrar a relevância para os povos originários e a partir daqui estudar grafismos e seus significados de um povo para o

outro.

De acordo com Oliveira (2018), a estratégia de leitura em voz alta aplicada em sala de aula baseia-se em diferentes abordagens metodológicas, como a abordagem planejada da leitura através do mapa sonoro ou por meio da improvisação.

Há diversas estratégias possíveis usadas na leitura em voz alta a partir do texto literário, mas seria interessante pensar a leitura vocalizada a partir de, pelo menos, dois enfoques metodológicos, distintos entre si: 1) planejando a leitura previamente à vocalização; 2) trabalhando com a improvisação, com jogos em que o imprevisível seja o elemento balizador da experiência de dar, ao texto, vozes múltiplas experimentadas em processo de criação (Oliveira, 2018, p. 253).

Oliveira (2018), em seu artigo, apresenta um modelo de mapa sonoro, de acordo com esta metodologia, as variações de voz e intenções para a leitura são previamente estabelecidas, permitindo que diferentes pessoas leiam com sentimentos e entonações específicas. O grupo de leitores deve estar em perfeita sintonia, garantindo uma vocalização harmoniosa do texto como podemos o modelo que ela expõe abaixo.

Figura 7- Mapa sonoro

Legenda:	
Azul marinho:	sussurro
Vermelho:	Grito, leitura crescente
Sublinhado:	Leitura pausada
Negrito:	voz agressiva
Itálico:	cantar
Roxo:	Voz baixa
(...):	engolir seco
Verde escuro:	voz grave
Verde claro:	repetir

Fonte: Oliveira (2018, p. 254)

A partir deste modelo foi explicado para os alunos como era feito o mapa sonoro e retratado por com um exemplo de um dos poemas da Marcia Kambeba que esta no anexo “(L) ao final deste trabalho. Sendo assim, o primeiro poema a ser feito o mapa sonoro pelo grupo “A” foi o **Grafismo**, que se encontra no livro *Saberes da floresta*.

O grafismo, no contexto da arte, constitui um saber cultural [...] O grafismo indígena é uma parte importante no processo cultural não somente como um acréscimo à beleza estética,

mas também de significados sociológicos e religiosos. (Ribeiro, 2012, p.18-21). Por isso, é um aspecto muito relevante da cultura dos povos originários que os alunos precisavam conhecer.

Figura 8- Poema Grafismo com mapa sonoro feito pelos alunos

GRAFISMO TONS

Desenho grafado veste memorial > Forte
 não é tatuagem essa arte é ancestral > Média
 carrega a energia de kanata ayetu > Média
 é força, deixa a pele katu. > Suave

Para dançar o ritual > Média
 já chegou Tayassu.

Do jenipapo o sumo final > Média e forte
 que pinta corpus > Média e forte
 representa União > Firme
 identidade, sabedoria? > Firme

Chama o espírito da onça > Forte
 carregam quando a nação > Forte
 nos faz pertencentes à natureza > Média e forte
 nos dá mais beleza, fortalece a missão. > Média e forte

Registra o tempo > Média
 É nossa escrita- linguagem > Média
 aguça a visão do pajé.

Grafismo de evocação > Forte
 traz o espírito da cobra saber, > Média
 metamorfose alucinação. > Média
 Espantar arabé e enaltece Kaaeté. > Suave

Não se pinta por pintar > Forte
 o grafismo traz a força das águas > Média e Suave
 cosmologia do lugar, > Média e Suave
 grafismo vem da morada sagrada > Média e Suave
 o corpo é a tela, > Forte
 que urucum e o jenipapo > Forte
 Num mistério vão grafar > Média
 informações importantes > Média
 para a nação interpretar e guardar.

Consciência é respeito > Forte
 o grafismo merece cuidado > Média
 escrita do velho novo tempo > Média
 é a voz do antepassado. > Suave

Fonte: Mapa sonoro analisado pelos alunos do 9º ano

O último poema trabalhado foi a leitura em performance foi “A Dança do Amor”, escolhido para finalizar o ciclo de leitura poética com o intuito de enaltecer na poética indígena a temática que expõe a beleza da natureza. Depois a turma analisou vários poemas, os alunos agora já tinham condições de fazer uma leitura com outros olhos, com os olhos de alguém que conhecia um pouco da cultura e assim, finalizar com uma demonstração fiel dos passarinhos, do puro amor que encontramos na mãe natureza.

No oitavo encontro, dia 17 de abril de 2023, aconteceu a finalização das nossas aulas, neste momento tivemos dois objetivos: o primeiro foi fechar os debates das conversas literárias e o segundo foi ensaiar para as apresentações do Sarau Literário Indígena. Na verdade, as aulas eram para encerrar antes, mas os alunos pediram para levar mais poemas porque eles queriam discutir mais, então levamos dois últimos poemas e por isso foi terminado nesta data. Neste último dia de aula, foi levado para a turma um texto da Marcia Kambeba do livro *Saberes da Floresta* com o título de “**Grafismo: uião de povos**”, que retoma tudo o que foi estudado sobre a cultura, a resistência e os costumes dos povos originários durante nossas aulas.

Depois da nossa experiência organizamos um Sarau, que foi o momento de compartilhamento com as outras turmas e a comunidade os poemas que eles viram durante nossa experiência, por isso, os alunos escolheram os poemas que mais gostaram ou se tinha outro que lhes chamaram a atenção e estudaram para fazer a apresentação para toda a escola no Sarau Poético literário, que por coincidência ficou marcado para o dia dos povos originários, dia 19 de abril de 2023.

A organização do evento começou com a escolha dos poemas, dos alunos que iriam apresentar elaboramos uma programação para todos os alunos da escola, foi elaborado um convite para encaminhar aos pais dos alunos, para toda a comunidade do bairro e divulgado nas redes sociais, abrindo oportunidades para todos que quisessem desfrutar de um momento literário indígena. Além disso, para todos os alunos que participaram apresentando os poemas escolhidos, produzimos um certificado que continha a assinatura dos coordenadores do evento, no caso eu e a professora da turma, e a diretora da escola, com o objetivo de demonstrar mais rigorosidade sobre a organização do evento e a importância da presença dos alunos.

Tendo em vista a necessidade de refletir mais detidamente sobre alguns eixos do experimento, elegemos três categorias, para, a partir delas, refletirmos sobre o alcance do experimento, suas reverberações, seus limites e as possibilidades de ser retomado por outros pesquisadores e professores.

4. VIVENCIANDO A POESIA INDÍGENA EM SALA DE AULA

Neste capítulo refletiremos sobre o percurso da pesquisa na escola, destacando a participação efetiva dos alunos. Dada a impossibilidade de refletir sobre todas as nuances do experimento, procuramos formular algumas categorias visando uma aprofundamento.

As categorias que foram construídas neste trabalho, partiram da observação e da reflexão sobre os vários níveis do experimento na sala de aula e tendo em vista que a mera descrição não ajudaria a aprofundar a riqueza do experimento, elegemos três categorias para refletir sobre elas. De acordo com Calomargo, (2016), para a criação e classificação de categorias é preciso:

Em termos simples: a) é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobre conteúdos não conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo. (Carlomagno, 2016, p. 184).

Desse modo, a escolha das categorias enfatizam as temáticas que foram fortemente discutidas durante os poemas e que preservavam o foco dos mesmos, ainda que o gênero escolhido para uma abordagem geral tenha sido poema-protesto a regra utilizada para formular as categorias usamos a exclusão temática em que uma focava no preconceito, a outra na percepção da resistência e a outra na identidade. Além disso, ambas propuseram falar sobre o ponto principal entre todas, a temática indígena pela luta dos direitos e cultura dos povos originários.

A primeira categoria elaborada foi (preconceito) que apresenta uma ideia pré-concebida sobre os indígenas, levando os povos originários a serem julgados por situações de suas crenças ou da estética física em seu dia a dia. Por Talvez realçar que a discussão sobre preconceito contra os povos originários percorreu todo o caminho, da primeira à última aula e foi foco de muitas discussões.

A segunda categoria (percepção da resistência), por mais que em alguns poemas sobre o preconceito seja identificada uma resistência dos povos originários em relação a ideia pré-concebida, nos poemas em que esta categoria foi elegida o foco principal é a resistência indígena em relação aos seus direitos que são silenciados e esquecidos, como primeiro a resistência a invasão dos “brancos”, depois pela sobrevivência, depois pelos roubos e abusos físicos a suas famílias em suas terras e por fim até pela direito de exercer sua cultura.

A terceira categoria (identidade), é uma forma para os indígenas de se diferenciarem de outros povos, é encontrar entre eles uma característica, uma crença, uma situação cotidiana que são específicas deles e por isso os tornam diferentes dos outros quando feito uma comparação, uma vez que a identidade se dá a partir do espelho em relação ao que é diferente. Esta categoria é muito importante neste trabalho para enfatizar o povo estudado “Kambeba”.

Enquanto nada é ignorado procura-se enfatizar o que é mais observado, lembrando que representam algum tipo de consenso entre os alunos, para tal estudo escolhemos poemas protestos da autora Marcia Kambeba.

4.1 O preconceito identificado

De acordo com Pinheiro (2018, p.16), “textos que discutam preconceitos sociais, étnicos e questões de gênero suscitam debates às vezes calorosos e podem contribuir para a formação humana dos leitores”. Pinheiro, também diz que por ser assim, normalmente o poema protesto apresenta boa recepção, além disso pode ser interessante trabalhar com outros gêneros literários e outras artes como filmes, vídeos e documentários. O que nos levou a também trabalhar com crônicas indígenas do Daniel Munduruku e vídeos feitos por indígenas durante o experimento.

No encontro da turma com a literatura indígena, no dia 06 de março de 2023, tivemos duas aulas que foram divididas em três momentos: o primeiro foi com a crônica de Daniel Munduruku, *É índio, não é índio*, do livro *Histórias de índio*.

No segundo, após a leitura e discussão da crônica com o intuito de aproximar os leitores de uma visão sobre os povos originários, lançamos mão do vídeo *Fantasia de índio em 2021*, do canal no YouTube, de autoria de Cristian Wariu Tseremwy’wa, do povo xavante com descendência do Guarani Nhandewa. A intenção era enfatizar a visão dos não indígenas sobre os povos originários a partir da fala de um indígena. O vídeo fala sobre quem são os indígenas na contemporaneidade e das fantasias utilizadas sobre eles no carnaval, explicitando como não indígenas imaginam a representação de indígena na contemporaneidade. Entre outras discussões, Wariu retoma um pouco da história da colonização e da exploração física, sexual e psicológica sobre as meninas e mulheres das aldeias, finalizando com dados como a quantidade dos povos originários durante a colonização (8 milhões) e na atualidade, em torno de 900 mil.¹¹

¹¹ De acordo com o censo do IBGE, a população indígena do país chegou a 1.693.535 pessoas em 2022, o que representa 0,83% do total de habitantes. Além dos territórios oficialmente delimitados pela Funai, os agrupamentos indígenas identificados pelo IBGE, atingiram outras localidades indígenas, como ocupações domiciliares dispersas em áreas urbanas ou rurais com presença comprovada ou potencial de pessoas indígenas.

No terceiro momento, foi exibido para a turma o depoimento da poetisa Márcia Kambeba, gravado durante o evento Mekukradjá — Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas (2016), para que eles conhecessem um pouco sobre a autora que iríamos trabalhar durante a experiência.

Segundo Pinheiro (2018, p. 30), “depois de uma leitura individual, na maioria das vezes acontece uma resistência, todavia depois de fazer uma nova leitura, há uma mudança de opinião relativo ao sentido e a beleza do poema”. Na leitura da crônica “É índio não é índio”, de Daniel Munduruku (em anexo p.64), a partir da crônica, iniciou-se uma conversa sobre o material apreciado, os alunos discutiram sobre os dois pontos de vistas trazidos pela crônica, o primeiro que o rapaz no metrô parece um indígena e o segundo que não é indígena por portar objetos físicos dos não indígenas.

Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio - disse a primeira senhora. - É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando de branco. Acho que não é índio de verdade - retrucou a outra senhora. - É poder ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim - defendeu-me a primeira. - Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando para o tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio - argumentou a outra. (Munduruku, 2021, p. 34).

A partir da crônica iniciou-se uma conversa sobre os dois pontos de vista trazidos pela leitura. Muitos deles se perceberam, também, preconceituosos e ficaram surpresos com sua própria visão sobre os povos originários e assim enfatizaram a importância da literatura indígena durante suas aulas.

Segundo a aluna A, afirma que “até aquele momento antes da crônica ela também era preconceituosa, porque tinha a mesma visão da personagem da crônica, que acreditava que os povos originários não deviam usar roupas ou relógio, já que o indígena vê a hora olhando para o tempo, nem devia andar de metrô porque o lugar dele é na floresta”. Esse posicionamento foi acolhido por outros alunos que se sentiram da mesma forma.

O relato inicial da aluna A, ao admitir que compartilhava, anteriormente, da mesma visão estereotipada apresentada na crônica, revela uma importante autoconsciência e disposição para reconhecer e confrontar preconceitos. A partir desse posicionamento, com o qual outros alunos se identificaram, frisamos a importância do diálogo em sala de aula para a construção e desconstrução da visão sobre os povos originários. Além disso, é possível perceber a relevância do Método Receptivo de Bordini; Aguiar, que se concentra na experiência do leitor com o texto, uma vez que ele busca compreender como as expectativas do leitor são moldadas,

desafiadas e transformadas ao longo da leitura, promovendo um diálogo ativo entre o leitor e a obra à luz de suas próprias vivências, construindo significados, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico e criativo, essenciais para a formação de leitores autônomos.

Ainda de acordo com Pinheiro (2018, p.18), “como o poeta diz – e o que diz – ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as suas emoções e sua sensibilidade”. Portanto os alunos não terem quase nenhuma experiência com a temática indígena foi relevante porque abrangeu diversas dúvidas e ideias pre-concebidas o que também contribuiu para a extensão dos debates.

Alguns alunos demonstraram indignação em relação ao racismo vivenciado pelo indígena na crônica, como o aluno B: “Eu acredito que mesmo que a personagem não soubesse como são os indígenas hoje, ela não tinha o direito de ser preconceituosa, tinha que procurar se informar mais sobre como eles são e como vivem”. Após a fala de B, a aluna C entra no debate e afirma que: “para respeitar é preciso conhecer, como estamos vendo agora, e se não tivesse esta aula a gente também ia continuar sendo preconceituoso”. Porém, do ponto de vista da aluna D, “tanto a mulher da crônica quanto os alunos da turma terminam sendo preconceituosos por falta de informação, como não tem acesso a como estão os povos originários hoje, eles também acham que os indígenas ainda vivem todos na floresta, não sabem falar bem a língua portuguesa, são selvagens e perigosos”. Esta observação é da maior importância e, de certo modo, confere força à ideia e levar a voz dos povos originários para sala de aula.

Ainda sobre a discussão, a fala do aluno B ressalta a necessidade de buscar informações antes de chegar a conclusões preconceituosas; é indispensável articular uma visão que seja respeitosa e informada sobre os povos originários. A aluna C comenta sobre a necessidade do conhecimento e do respeito para utilizar abordagens educacionais que tragam conscientização e sensibilidade aos outros; e a aluna D, sobre a persistência de preconceitos devido à falta de informação, ressalta a urgência de incluir, nas práticas pedagógicas, conteúdos que ampliem o entendimento sobre a realidade contemporânea dos povos indígenas.

Depois de enfatizar o preconceito revelado na crônica, os alunos passaram a refletir sobre a forma de viver dos povos originários, entre a vida na floresta e a vida na cidade. O aluno D acrescentou “que os indígenas devem vir para a cidade ter o direito a ter boa casa, comida, um emprego com rendimentos financeiros altos e uma vida boa”. Contudo, a vida boa depende muito do ponto de vista, pois para alguns indígenas o que os faz feliz é estar na sua comunidade, onde sentem-se seguros e parte de uma comunidade com identidade própria e enraizado em sua ancestralidade, mantendo uma tradição.

Após esta fala entramos em outra discussão, o que seria uma boa vida para os povos originários: viver na floresta ou viver na cidade? Alguns alunos rebateram dizendo que viver na cidade não é bom para os indígenas, pois não sabem nada sobre a cidade e enfrentarão muitos preconceitos; já outros alunos acreditam que os indígenas têm o direito de escolher onde querem viver e isso não é motivo de preconceito. Foram posicionamentos firmes e a discussão enriquecedora porque abordou as visões dos alunos sobre os indígenas antes e depois da crônica.

Diante das colocações contrárias foi mostrado para os alunos a visão de quem poderia explicar melhor sobre vir ou não para cidade para aprender e lutar pelos seus direitos a própria Marcia Kambeba, pois ninguém melhor poderia falar sobre a situação do que alguém que já a vivenciou.

Assim sendo, foi exibido parte de um documentário em que a poeta fala sobre sua vinda para a cidade, as dificuldades que passou, o preconceito que sofreu e o resultado que obteve por meio de suas lutas e estudos, tornando-se alguém com certa autoridade que pode lutar pelos direitos do seu povo, diante as regras e palavras dos não-indígenas, só para suprir esta discussão, contudo a mediadora posicionou-se a dizer que por mais difícil que seja vir para a cidade e sofrer os preconceitos pelos não indígenas se eles não buscarem uma forma de sair da sua zona de conforto e buscar pelas mudanças, elas não aconteceram, do mesmo jeito que se eles não buscarem mais conhecimento sobre as temáticas que não são abordadas por foram como pesquisadores autônomos e se esforçarem para aprender o que é preciso para enfrentar as seleções que existem na vida, indo contra os impecilhos não conseguirão chegar a lugar algum.

Isto posto, a discussão sobre a qualidade de vida na floresta versus na cidade, iniciada pelo aluno D, evidencia a complexidade das percepções dos alunos e destaca a importância de debater diferentes perspectivas sobre o modo de vida dos povos originários.

O vídeo foi relevante para os alunos compreenderem como o estereótipo pode ter consequências que levam os povos originários a invisibilização. O aluno E afirmou que “não sabia que as indígenas tinham sido exploradas sexualmente, achava que elas se apaixonavam pelos ocidentais por serem diferentes, como na obra *Iracema*, de José de Alencar”. Dessa forma, percebe-se que o aluno E, ficou surpreso após saber sobre a exploração sexual vivenciada pelas indígenas, isso mostra a relevância da desconstrução de imagens que demonstram romance distorcido, como se vê em algumas histórias literárias. Todavia, também é necessário atentar-se ao projeto estético e ideológico do romantismo, no qual a obra *Iracema* encontra-se inserida.

O fato de trazerem uma obra literária, ícone da literatura indianista, portanto, não a visão dos próprios indígenas, revela um conhecimento do aluno e a capacidade de articular uma visão idealizada a uma nova visão, mais conforme à realidade.

No último momento a turma assistiu ao restante do depoimento da poetisa Márcia Kambeba no qual ela recita alguns poemas e conta um pouco de sua trajetória até a publicação dos seus livros, destaca a importância de sua avó na construção de sua identidade, bem como fala dos livros que publicou e de sua vida hoje. Houve alunos que não se envolveram muito, outros disseram que foi difícil a vida da autora e alguns se encantaram, como a aluna F que disse: “professora, quando ela leu o poema eu achei a voz dela linda, tão doce”. Finalizamos com os alunos escrevendo em seus diários as impressões sobre esse primeiro dia de aula, em relação à crônica, aos vídeos ou à autora.

Já a aluna F mostrou-se admirada com a voz da poetisa Márcia Kambeba, demonstrando uma conexão emocional, o que mostra a importância de levar para a sala de aula obras de autores indígenas, pois suas vivências e experiências retratadas nas obras trazem empatia e compreensão. Ademais, reflete o quanto é significativa a performance na declamação poética, em que é possível através de gestos, movimentos, sons e palavras, o indivíduo pode expressar suas emoções, ideias e sensações de forma autêntica.

O Diário confirma muitas das falas postas nos diálogos em sala de aula. Nele alguns se detêm mais, se colocam mais livremente. No diário de leitura da aluna G encontramos a fala:

sobre a aula, achei interessante porque isso agregou em nossos conhecimentos, sobre a sua cultura, etc. Isso é relevante porque a literatura e cultura indígena não é tratada nas escolas como um conteúdo essencial para a construção educacional e pessoal dos alunos, deixando de lado a oportunidade de abranger os saberes sobre os povos originários, permitindo assim, mais respeito e igualdade, auxiliando na desconstrução do preconceito que existe em nossa sociedade.

Observa-se que a fala da aluna G destaca a carência de abordagens educacionais mais amplas sobre literatura e cultura indígena, apontando para a necessidade de incluir esses conteúdos de maneira essencial para a formação educacional e pessoal dos alunos. Sua visão é que a literatura pode ser uma porta para contribuir para mais respeito, igualdade e desconstrução do preconceito.

Outros poemas que chamaram a atenção dos alunos no âmbito dos preconceitos que trazemos sobre os indígenas, foram “Consciência Indígena” e “Consciência Negra”, (em anexo p. 69), ambos os poemas falam sobre a consciência que as pessoas devem ter em relação ao respeito com o outro, em relação a sua cor, a sua etnia. Eles foram bastante debatidos em

nossa conversa literária porque um fala sobre o preconceito sofrido pelos indígenas e o outro sobre o preconceito vivenciado pelos negros. Destacamos, a seguir, dois fragmentos dos referidos poemas e que estimularam a reflexão e o debate entre os alunos.

Consciência indígena

Preciso aprender a conviver
Com as diferenças
Para poder entender
A “consciência indígena”
“Consciência negra”.

Consciência Negra

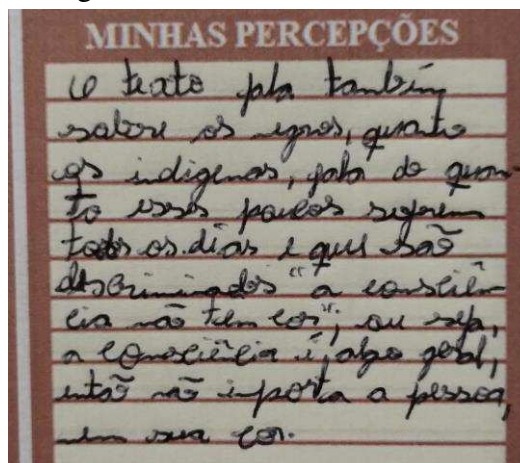
Consciência não tem cor
Mas ainda se entende
Que “indígena” para ser gente
Tem que nascer de novo
E viver no mato.

Os dois poemas foram lidos seguidamente e depois debateu-se; alguns alunos fizeram associações entre os dois poemas e outros entenderam como situações diferentes apesar dos dois falarem sobre a consciência. Segundo o aluno A, “além do preconceito estes poemas retratam também o racismo, de julgar os indígenas e os negros sem saber quem são e como vivem”.

O aluno B, por sua vez, disse que o posicionamento do eu lírico no poema Consciência Negra, mostra que todos temos que ter consciência, mas esta consciência vai ser diferente de uma pessoa para outra e o aluno C, confirmou com a pergunta: será que todos somos iguais, branco e preto temos os mesmos direitos hoje? A consciência é diferente para cada pessoa e por isso é necessário conversar sobre esses conteúdos na escola. (fala gravada durante a experiência, 2023). Já em seu diário de Leitura, a aluna D, apresentou outro ponto de vista sobre esta consciência:

O texto fala tanto sobre os negros, quanto os indígenas, fala do quanto esses povos sofrem todos os dias e que são discriminados “a consciência não tem cor”, ou seja, a consciência é algo geral, então não importa a pessoa nem sua cor. (Aluna D, 27 de abril de 2023).

Figura 9- Diário de Leitura aluna D



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

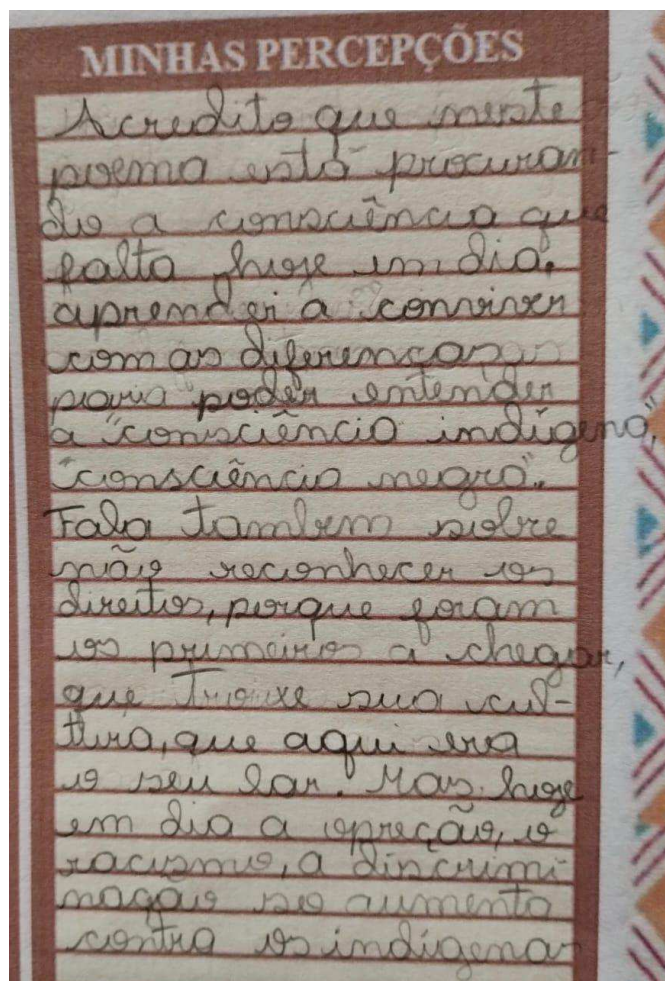
Neste caso, a aluna reflete que o correto seria as pessoas terem consciência e respeitar os outros independente de sua cor e de sua etnia. Observamos então que para um aluno a consciência está relacionada as experiências que ele teve na vida, por isso vai ser diferente para cada pessoas, enquanto para a aluna isso não deveria ser assim, as pessoas deveriam ter a mesma consciência respeitar independentemente do tipo de pessoa, indígena ou negra, ou branca entre outras. Deveria ser um consenso universal de respeito.

Desse modo compreendemos que a partir das falas dos alunos encontramos duas subcategorias alinhadas a estes e outros poemas: a discriminação e o racismo.

Outra perspectiva interessante é a visão da aluna E, que ainda sobre este poema diz em seu diário:

Acredito que neste poema está procurando a consciência que falta hoje em dia. Aprender a conviver com as diferenças para poder entender a consciência indígena, a consciência negra. Mas hoje em dia a opressão, o racismo, a discriminação só aumentam contra os indígenas. (aluna E, 27 de abril de 2023.)

Figura 10- Diário de Leitura da aluna E



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

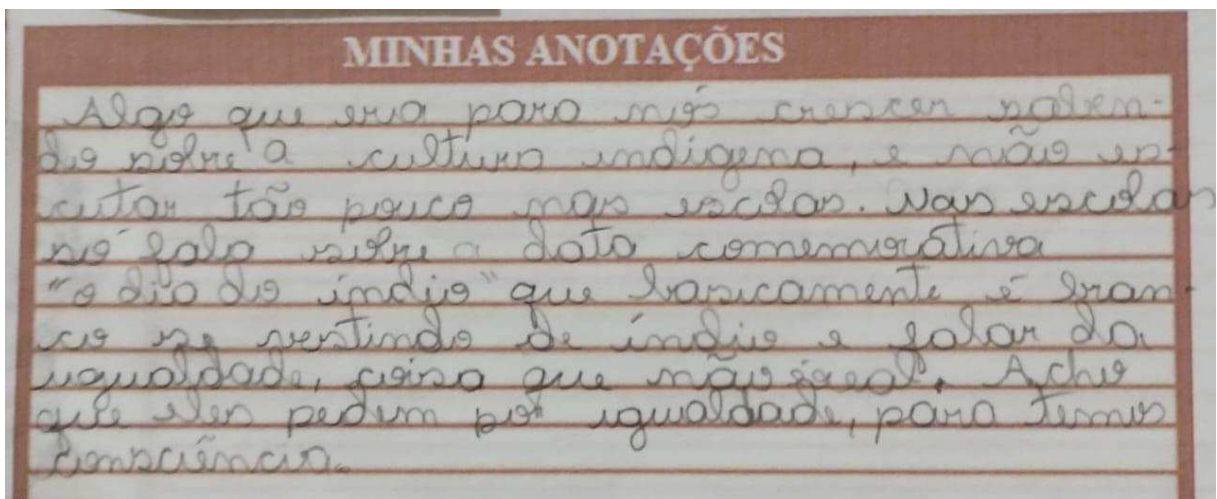
Conseqüentemente do ponto de vista dela, percebe-se que demonstra uma consciência que nos dias atuais é difícil de encontrar nas pessoas e ressalta a relevância da aprendizagem em convívio com o outro e explica que isso é complexo porque na contemporaneidade ainda é grande o racismo e a discriminação sobre os povos originários.

Durante as nossas conversas literárias sobre os poemas: “Consciência Indígena” e “Consciência negra”, encontramos três perspectivas diferentes: primeiro, a de que a consciência é diferente de uma pessoa para a outra; a de que a consciência deveria ser universal ao estudarmos sobre estes conteúdos vendo o lado do indivíduo oprimido e, por último, a de que a consciência na verdade está em falta nos dias de hoje.

São visões que retomam sobre a relevância de ter o conhecimento sobre a cultura indígena, principalmente na escola, como conclui a aluna F:

Algo que era para nós crescer sabendo sobre a cultura indígena e não escutar tão pouco nas escolas. Nas escolas só fala sobre a data comemorativa “o dia do índio” que basicamente é branco se vestindo de índio e fala da igualdade, coisa que não é real. Acho que eles pedem por igualdade para termos consciência. (Diário de leitura da aluna F, 27 de abril de 2023.)

Figura 11- Diário de Leitura da aluna F



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

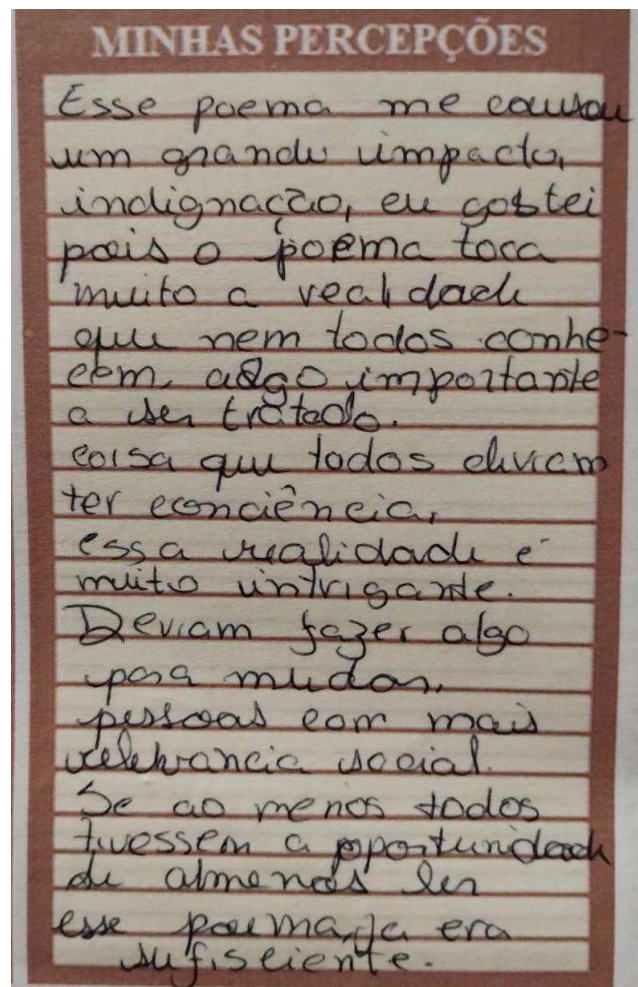
A aluna reflete sobre a relevância de levar ao conhecimento do aluno a cultura dos povos originários desde pequenos e não manter a repetição de falar sobre eles somente no dia 19 de abril, com pinturas e a utilização da pena nas cabeças das crianças. É preciso ensinar a igualdade do respeito as outras crenças e dos direitos dos indígenas em ir e vir, estudar e poder se tornar o que quiser quando crescer, como qualquer pessoa, sem tudo que faz voltado para sua cultura

ser um motivo de preconceito e até bullying na escola ou em qualquer lugar, isso é o que deveria ser ensinado na escola.

Ainda sobre o preconceito e a consciência presente nos poemas, a aluna G, apresenta em seu diário sua indignação sobre como são tratados os indígenas e como o estudo destes poemas é importante para ser discutido na sala de aula, após lermos o poema ainda dá tempo de correr, em relação ao fragmento: “1ª estrofe: desde os tempos passados os povos eram caçados. 4ª estrofe: escravizados os filhos da nação, amarrados como porção, pingos de sangue avermelhavam o chão. 11ª estrofe: e ainda somos entrave para o progresso crescer.” ela afirma:

Este poema me causou um grande impacto, indignação, eu gostei pois o poema toca muito a verdade que bem todos conhecem, algo importante a ser tratado. Coisas que todos deveriam ter consciência, essa realidade é muito intrigante. Deveria fazer algo para mudar, pessoas com mais relevância social. Se ao menos todos tivessem a oportunidade de ao menos ler este poema era suficiente”. (Aluna G, fala no diário de leitura, 13 de março de 2023).

Figura 12- Diário de leitura da aluna G



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Consideramos então, que para alguns alunos estes poemas foram significativos; segundo esta aluna, só um poema deste já seria suficiente para ampliar a visão dos não indígenas sobre esses outros povos, ao conhecer um pouco sobre a cultura, os costumes, as crenças e os seus direitos.

A partir do que foi visto até aqui, percebemos que alguns alunos já mostram uma ampliação dos horizontes em relação ao que conheciam sobre os povos originários. De acordo com Aguiar, Bordini, (1988, p. 88-91), a etapa da ampliação dos horizontes, ocorre através da tomada de consciência individual e grupal, e os poemas trabalhados seguiram essa sequência em grupo e individual.

As próximas categorias explicitarão o percurso de ampliação das percepções dos alunos sobre os povos indígenas, sempre a partir da discussão de poemas e de outros instrumentos utilizados.

4.2 Ponderações sobre a Resistência

A resistência ao opressor é uma luta desde sempre para os povos originários, essa resistência assumiu várias formas, desde protestos pacíficos e mobilizações políticas até a defesa física de territórios contra invasões, exploração e dizimação. Eles resistiram para preservar sua própria existência e identidade e os conhecimentos ancestrais, sendo um exemplo de perseverança e luta pela justiça em face de desafios contínuos.

A resistência pode ser definida como a capacidade de um material ou sistema de suportar forças externas sem se deformar ou se romper. Em termos simples, é a capacidade de resistir a mudanças ou pressões externas. Na física, a resistência é medida em ohms e está relacionada à capacidade de um material de conduzir corrente elétrica. Já na psicologia, a resistência pode ser entendida como a capacidade de uma pessoa de lidar com situações difíceis ou estressantes sem sucumbir. (casa flor, 2024)

Todas as formas de resistência, seja em um material ou psicologimante, trata-se de se impor a algo e lutar para manter sua posição em relação a pressões externas e por isso é a única forma de conseguir manter-se em pé diante da situação ou do outro, podemos dizer que é uma forma de sobrevivência.

Muitas foram as formas de sobrevivência para os indígenas, de acordo com Silva (2012, p. 70), durante o século XIX, os Omágua/ Kambeba foram marginalizados na narrativa oficial da história. Já no século XVIII, esses povos estavam reduzidos a pequenos grupos familiares. Para permanecerem nas ilhas e várzeas do alto Amazonas, tiveram que abandonar sua

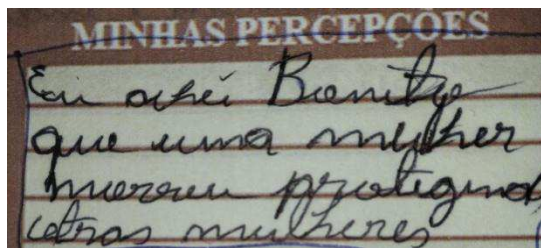
identidade étnica e se reconhecerem como caboclos, ou seja, não índios, para evitar perseguições e discriminações. Essa adaptação forçada os levou a se integrarem ao processo de civilização como uma estratégia de sobrevivência.

Kambeba, reflete muito em seus livros através dos poemas sobre estas formas de resistência do seu povo e de todos os indígenas, isto pôde ser identificado pelos alunos durante a leitura dos poemas Margaridas e a Força da Minha Flecha.

Entre todos os poemas trabalhados na turma, com certeza o poema Margaridas foi o mais debatido, isto porque a resistência presente envolve a luta das mulheres por seus direitos mesmo que isto as tenham levado a morte. A empatia dos alunos por estas vidas ceifadas foi coletiva e levou a várias reflexões.

A primeira reflexão é que é bonito uma mulher morrer protegendo outras mulheres como disse em seu diário o aluno “H”.

Figura 13- Diário de leitura da aluna H



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Neste momento foi levantado uma discussão em que as mulheres devem proteger umas às outras em qualquer situação, porque se elas não fizessem isso quem faria? Independentemente de ser indígena ou não, as mulheres para alguns ainda é um sexo frágil que precisa de proteção e as indígenas mais ainda, porque as que estão nas florestas correm o risco de serem abusadas sexualmente como alguns alunos já haviam visto no Jornal Nacional em relação ao povo Yanomami. Outros disseram que as mulheres indígenas também precisam resistir na cidade, porque o preconceito está presente aonde elas vão e por isso sempre correm risco de vida.

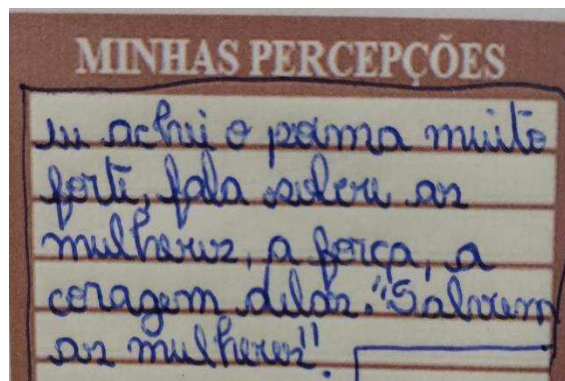
Segundo Sousa (2020, p. 96), realmente ainda hoje está resistência permanece e a mulher indígena, é sim, uma guerreira, mas também precisa de proteção principalmente por causa do preconceito.

De fato, a história marcada pela violência a que os indígenas foram vítimas, e que ainda sofrem, é invisibilizada. No entanto, é preciso destacar que ainda mais

invisibilizadas e naturalizadas são as violências das quais as mulheres indígenas são vítimas. Por somar as duas características, de ser mulher e ser indígena, se tornam ainda mais vulneráveis e visadas a serem violentadas. Discriminação, preconceito, violência física, sexual e moral, fazem parte de situações que as mulheres indígenas estão ainda mais suscetíveis a passar do que a mulher branca, por serem estereotipadas como selvagens e irracionais. Além disso, a mulher indígena sofre muito com o processo de transição da aldeia para a cidade, e o silenciamento e a invisibilidade fazem com que as experiências violentas vivenciadas por elas não emerjam para conhecimento da sociedade. Ou seja, ficam impunes os agressores. (Souza, et, al., 2020, pag. 96)

As discussões permearam desde as impressões sobre o poema até a sensação diante da leitura, alguns alunos acharam um poema forte que causou um impacto quando leram a primeira vez, contudo, outros disseram que o poema era interessante porque não tratava apenas da resistência de uma mulher, mas várias mulheres diferentes quando a autora generaliza dizendo “juntas, negras, indígenas, brancas, mestiças unam suas mãos pela vida das mulheres, como pode-se ver no diário do aluno “I: “Eu achei o poema muito forte, fala sobre as mulheres, a força, a coragem delas. Salvem as mulheres!”

Figura 14- Diário de leitura da aluna “I”

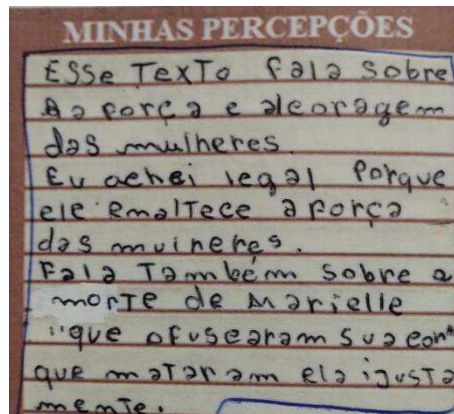


Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Na reflexão eles compararam a resistência dos povos indígenas em relação a resistência dos negros, mais especificamente mulheres indígenas e negras, falaram sobre a resistência ser política em várias situações, porque os direitos das mulheres sempre foram negados desde sempre, que é uma luta antiga e lenta perante a justiça, e os governantes como a luta por receber o mesmo valor salarial dos homens nos dias de hoje. (Palavras dos alunos gravadas em áudio, 2023). Uma reflexão muito presente foi sobre a luta e morte de Marielle de que a autora traz no poema como símbolo de resistência ao opressor .

“Esse texto fala sobre a força e a coragem das mulheres. Eu achei legal porque ele enaltece a força das mulheres. Fala também sobre a morte de Marielle que ofuscaram sua cor, que mataram ela injustamente “. (Diário de leitura da aluna “I”, 2023).

Figura 15- Diário de leitura da aluna “J”



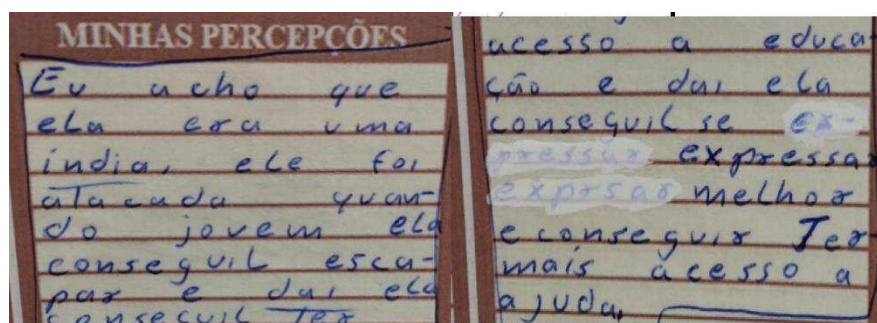
Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

A partir deste e outros, o debate sobre a Marielle foi riquíssimo pois muitos alunos conheciam a história do assassinato de Marielle Franco e quase ninguém conhecia sobre a Marcha das Margaridas, apenas um aluno.

Ainda sobre a resistência indígena houve o debate sobre o poema a força da minha flecha, este mostrou um embate entre a força da luta física dos guerreiros indígenas com a luta por meio da educação e isto terminou por chegar até a relevância deles estarem ali, na escola, estudando e tendo uma oportunidade que muitos não tem, tanto a de estudar, quanto a de refletir sobre a poesia indígena no ensino fundamental II.

A aluna “K” falou sobre a significância da educação para a autora mudar a forma de resistir a partir do que ela compreendeu no poema. “Eu acho que ela era uma índia, ela foi atacada quando jovem e conseguiu escapar, e ela conseguiu ter acesso à educação e daí conseguiu se expressar melhor e conseguiu ter mais acesso e ajuda”. Ou seja, a força da resistência em “ser indígena”, não está na arma física (flecha), o que estaria repetindo a violência do pressor, mas no acesso à educação para a partir daí, torna-se símbolo de resistência.

Figura 16- Diário de leitura da aluna “k”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

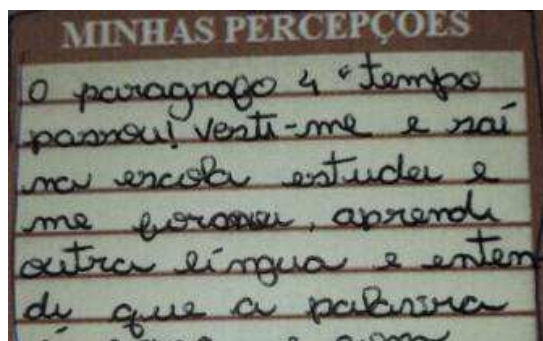
A partir da fala da aluna “L” foi quando os alunos começaram a discutir a importância de estudar, de saber como ser uma pessoa crítico-reflexivo diante das situações cotidianas. A aluna fala sobre o poema fazer esta distinção entre atingir pessoas com uma flecha no sentido denotativo da palavra e acabar com várias vidas, sendo assim, uma vitória que não deve nem ser celebrada já que vende à custa das mortes de várias pessoas e o poema traz que a seguir o eu-lírico passa a estudar e enfrentar as situações de crise e imposição do outros por meio da palavra, no caso dos Kambebas, por meio da escrita. (Fala da aula “L” durante a aula, 2023).

A luta para estudar, sair da invisibilização, não é só uma resistência da Marcia Kambeba, mas também de muitas indígenas que saem de suas aldeias e vão para a cidade na contemporaneidade, enfrentando os desafios do preconceito e da falta de segurança como confirma Souza (2020).

Um lugar muito importante que as indígenas estão passando a ocupar, mesmo que em quantidade ainda muito ínfima, são as universidades. E, lamentavelmente, até nesse espaço de diversidade de raças e culturas, nós, mulheres indígenas sofremos com o preconceito. Algumas pessoas chegam até a dizer que nosso lugar é na selva e não ali, na universidade. Questionam nossa capacidade intelectual e dizem que as indígenas estão “roubando” uma vaga de outra pessoa (Souza, et, al., 2020, pag. 97)

Veja o que a aluna “L” escreveu em seu diário de leitura. “O parágrafo 4º tempo passou! Vesti-me e sai da escola, estudei e me formei, aprendi outra língua e entendi que a palavra é força e com ela me defendi” me chama atenção por falar que palavras é força”.

Figura 17- Diário de leitura da aluna “L”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Nas palavras da aluna “L”, a força é o símbolo da resistência indígena presente neste poema, que foi assim que vários autores indígenas passaram a lutar contra o preconceito, a desinformação e a opressão na cidade. Assim como as mulheres viram através da educação e da palavra uma forma de aprender e vencer.

Segundo Souza (2020, p. 97/100), as mulheres indígenas estão em busca de mais uma arma de luta para que seu povo comece a ter voz em outros espaços. Nós acreditamos muito na mulher indígena, pois ela carrega o povo, a natureza, a geração de cultura, mantendo-os em harmonia.

No fluxo da história, desde tempos ancestrais até os dias atuais, o papel da mulher é enatecido como guardiã da vida e dos sagrados territórios. Na teia da luta, homens, crianças e anciãos se entrelaçam, unidos pela violência e pelas cicatrizes de séculos de opressão, tecendo um manto de resistência contra um dos maiores genocídios da humanidade. Nessa dança da união, a força da luta se ergue, transcende fronteiras, e não há divisões de gênero, apenas a harmonia de vozes entrelaçadas em um cântico de esperança e renovação. (Souza, et, al., 2020, pag. 95)

4.3 **Identidade**

Segundo Castells (2018, p. 61), entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo, o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

De acordo (Hall 2014, *apud* Lima 2020), a concepção de identidade muitas vezes é simplificada, buscando categorizar quem pertence ou não a determinado grupo, como algo estático e inflexível. Em alguns casos, ela é vista como uma característica inata, ligada à raça e herança genética. Contudo, nas pesquisas dos Estudos Culturais, prevalece uma abordagem mais essencialista, que remete a um período histórico passado e imutável, estreitamente ligado à identidade do indivíduo.

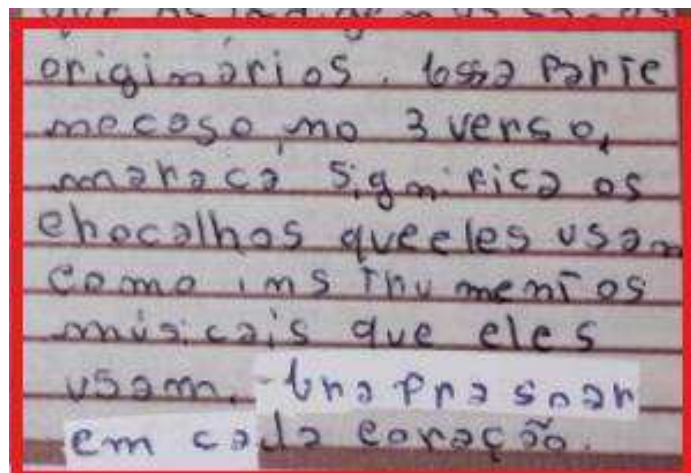
Para Rutherford (1990, p. 19-20), a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora. A identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.

Assim, para afirmar uma identidade, como a indígena, não basta apenas contrastá-la com outras identidades; é preciso também reivindicar uma autenticidade que permaneceu constante ao longo do tempo. Isso implica encontrar uma identidade indígena genuína, baseada nas diversas características que compõem cada indivíduo, para os Kambeba a identidade reside na ancestralidade através da memória que seu povo carrega.

No Brasil existem vários povos indígenas diferentes, por isso, não é incomum ver que eles tentam sempre enfatizar sua identidade e se diferenciar uns dos outros. Sendo assim, encontramos em vários poemas da Autora, contextos, situações implícitos ou explícitos que tratam sobre a identidade.

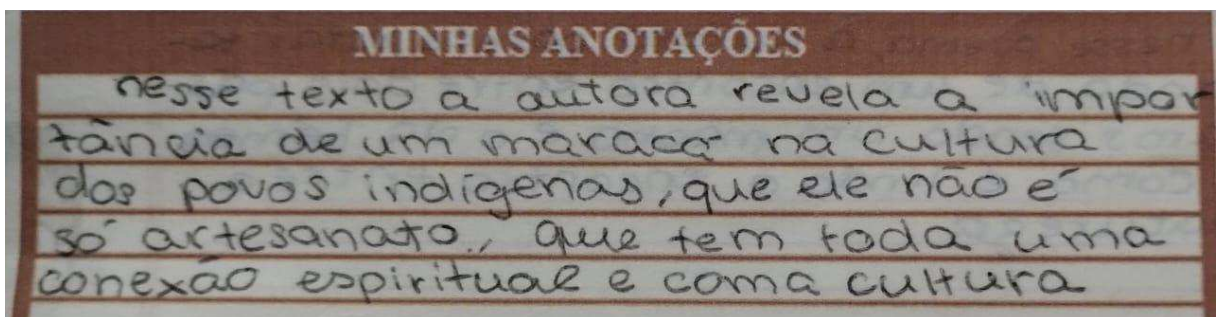
Durante as aulas, vários alunos se atentaram para isto e registraram em seus diários, o que trouxe reflexões plausíveis para a sala de aula. Alguns alunos começaram a compreender o significado dos povos originários por identificar partes da cultura que refém os conhecimentos dos indígenas. Por exemplo a Aluna “M” e a aluna “N”, que falaram em seu diário sobre o uso dos Maracás ao debruçarmo-nos sobre o poema Consciência Indígena.

Figura 18- Diário de leitura da aluna “M”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Figura 19- Diário de leitura da aluna “N”



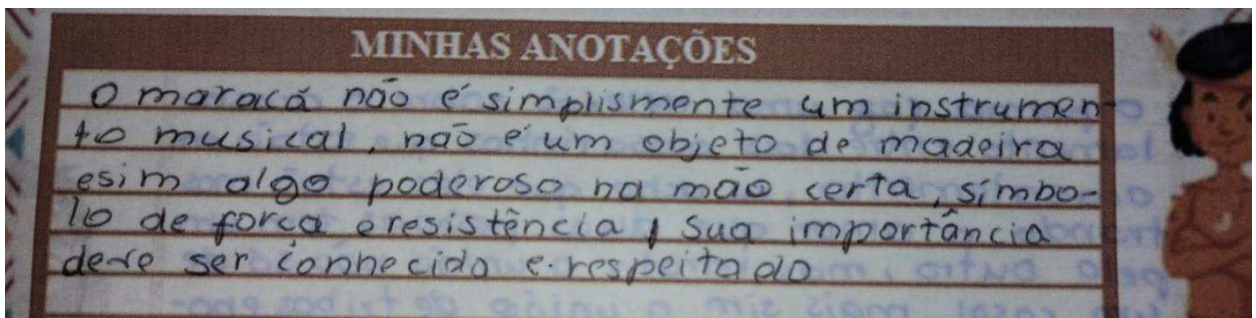
Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Segundo a aluna “M”, no terceiro verso “o maracá significa os chocalhos que eles usam como instrumento musical que eles usam pra soar em cada coração”. Enquanto para a aluna

“N” “o maracá não é só artesanato, que tem toda uma conexão espiritual e com a cultura”. Eles começaram a ler sobre partes do cotidiano dos povos originários e que os instrumentos utilizados nos rituais indígenas são parte de sua identidade, porque seguem regras e toques específicos, que são utilizados de modo diferente para cada povo.

Já para a aluna “O”, o maracá também se trata de um símbolo de resistência, pois mantém até hoje, uma tradição dentro da cultura dos povos originários, carregado de expressões artísticas, práticas sociais e costumes que são transmitidos ao longo do tempo dentro de um povo, como podemos ver abaixo.

Figura 20- Diário de leitura da aluna “O”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

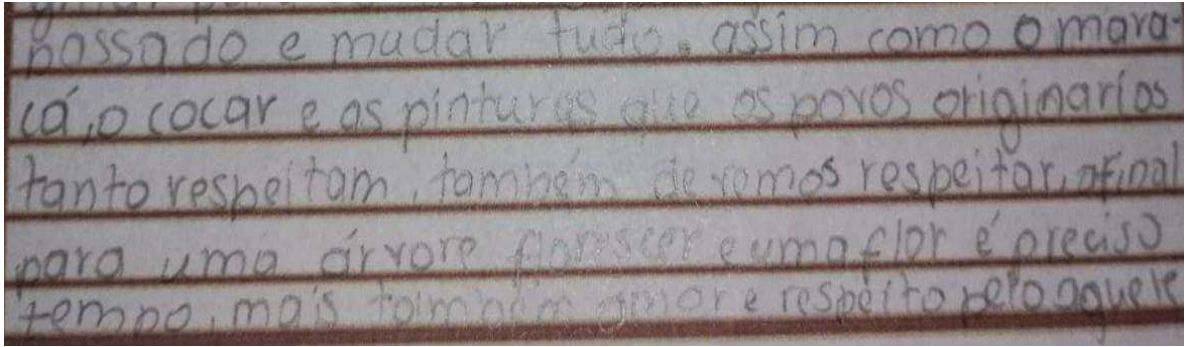
Para Castells (2018, p. 62), “a identidade é formada por fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas. Pode-se dizer que identidades organizam significados, e a principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece”. Logo, a utilização do maracá da forma que é expressa pela autora do poema e identificado pelos alunos, está relacionado a uma fonte de conhecimentos ancestrais, utilizado como marca de resistência e quem tem um significado para o seu povo e em sua própria individualização, na construção de sua identidade.

De acordo com Marcia Kambeba, (2021, p. 12), o lugar do saber ancestral “é um rio de memórias que correm dentro dela”. Ainda de acordo com Munduruku (2021, p. 8), “tudo está dentro de nós e que somos guardiões da memória de nossos ancestrais”.

Outros alunos por intermédio de interpretar o poema “Consciência Indígena”, identificaram a relevância da cultura dos outros povos para esta identidade e que é preciso conhecermos e respeitarmos sua identidade. Contudo, segundo o aluno “P”, para que isso

aconteça é preciso tempo e conhecimento sobre a outra cultura do outro povo, para isso ele fez uma comparação entre o respeito e o florescer de uma flor.

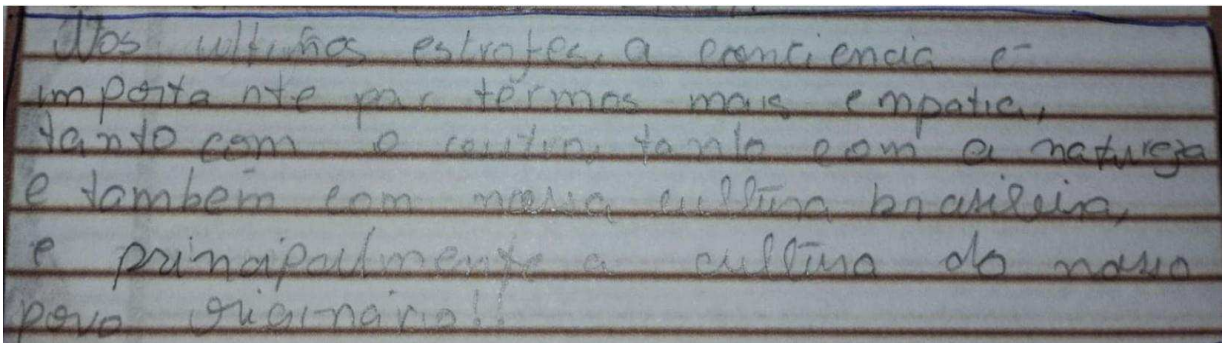
Figura 21- Diário de leitura da aluna “P”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

“Assim como o maracá, o cocar e as pinturas que os povos originários tanto respeitam, também devemos respeitar, afinal para uma árvore florescer e dá uma flor é preciso tempo, mas também amor e respeito”. A aluna “R”, complementou dizendo que para isso acontecer é preciso que nós tenhamos empatia com o próximo e com a cultura dos povos originários.

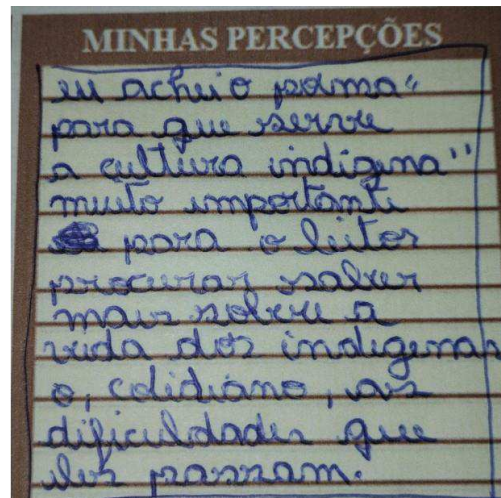
Figura 22- Diário de leitura da aluna “R”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Do ponto de vista dos alunos, o poema “Pra que serve a cultura indígena”, é relevante para quem está de fora daquela comunidade compreender um pouco sobre o outro povo. Podemos observar isso na escrita do aluno “o”: “Eu achei o poema: para que serve a cultura indígena” muito importante para o leitor procurar saber mais sobre a vida dos indígenas e o cotidiano, as dificuldades que eles passam”. (Diário do aluno “S”, 2024).

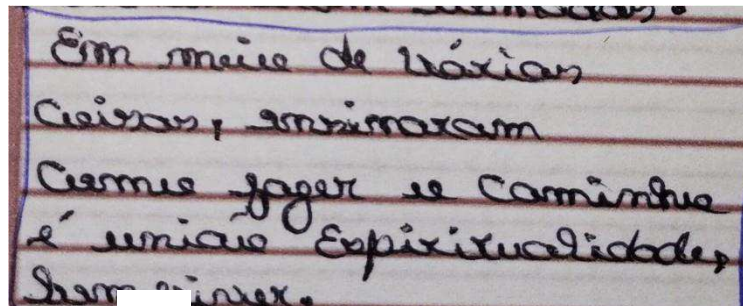
Figura 23- Diário de leitura da aluna “S”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Já a aluna “T”, trouxe que por meio do estudo de novas culturas é possível aprender e declarou o que ela aprendeu com o poema sobre os ensinamentos para a vida. “Em meio de várias coisas ensinaram que o caminho para viver bem é a união, espiritualidade e o bem viver”.

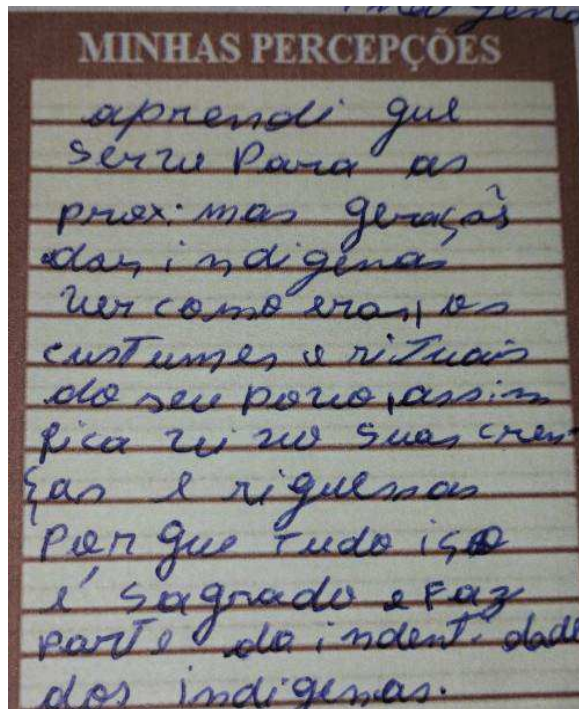
Figura 24- Diário de leitura da aluna T “



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

O aluno “U”, compreendeu de uma forma diferente, enquanto a aluna “P” observou a importância para aprendermos com eles, o aluno “R” identificou a relevância do conhecimento cultural para os povos originários quem vem depois destes. “Aprendi que serve para as próximas gerações dos indígenas ver como eram os costumes e rituais do seu povo, assim fica vivo suas crenças e riquezas, porque tudo isso é sagrado e faz parte da identidade dos indígenas”.

Figura 25- Diário de leitura do aluno “U”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

O posicionamento desses alunos mostra como é necessário levar a cultura indígena para a sala de aula, de preferência por meio de livros que são escritos pelos próprios povos originários, pois permite uma aproximação entre culturas e amplia os conhecimentos dos alunos evitando uma visão estereotipada e preconceituosa.

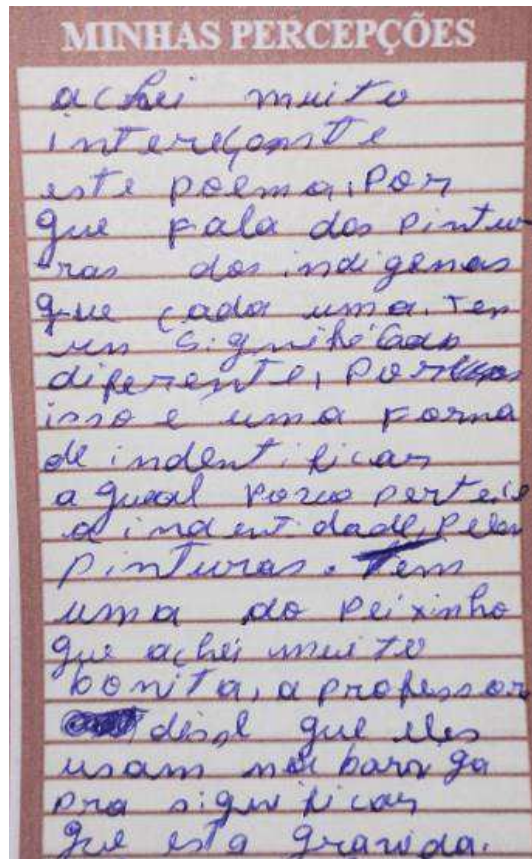
A visão do aluno “U”, reflete sobre a importância de preservar a identidade indígena, percebemos que não se trata apenas de manter tradições antigas, mas de garantir um legado cultural para nossos descendentes. Aprender com os indígenas não só enriquece nosso conhecimento, mas também nos ensina a valorizar a diversidade e a conexão com a natureza.

Ao preservar suas tradições, estamos protegendo uma parte essencial da história humana. Assim, ao preservar a identidade indígena, estamos, na verdade, protegendo uma parte essencial da história da humanidade e construindo um caminho de respeito para os nossos filhos.

Ainda sobre a identidade, o aluno “s”, desenvolveu sua apreciação a partir do poema “Grafismo”, no qual ele percebeu como o grafismo é essencial para o marco da identidade de um povo indígena.

Achei muito interessante este poema, porque fala das pinturas dos indígenas, que cada uma das pinturas tem um significado diferente, por isso é uma forma de identificar a qual povo pertence. A identidade pelas pinturas. Tem uma do peixinho que achei muito bonita, a professora disse que eles a usam na barriga pra significar que está grávida. (Diário do aluno “V”, 2024).

Figura 26- Diário de leitura do aluno “V”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

A identidade é a noção de quem somos como seres humanos, formada pela percepção que um indivíduo ou grupo tem de si mesmo, moldada por uma variedade de influências, como origens étnicas, experiências de vida, educação e interações sociais.

Ao estudarmos sobre os povos originários, por meio das análises dos poemas e por meio de sua história, é possível identificar que para os povos originários, a identidade está ligada à preservação da cultura, língua e história ancestral, se reconhecendo como parte de uma teia interconectada de relações, tanto com suas comunidades quanto com a natureza que os cerca.

Sendo assim, por meio disto, encontram a coragem para resistir à assimilação cultural e defender seus direitos e reafirmando sua existência. Ou seja, a identidade pode ser individual, relacionada a uma pessoa específica, ou coletiva, relacionada a um grupo de pessoas que compartilham características comuns.

No primeiro capítulo do livro: O poder da identidade, Castells (2018) apresenta três formas de identidade: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto, ambas trazem aspectos relevantes para compreendermos a construção da identidade indígena.

Do seu ponto de vista, a Identidade legitimadora é aquela construída por imposição de instituições dominantes, utilizada para fortalecer o poder do estado. Na situação de colonização sobre os povos originários esta seria a forma de construção de sua identidade e para alguns foi durante um tempo, pois muitos indígenas foram catequizados e obrigados a aprender um novo idioma e seguir os costumes dos portugueses, porém na construção ao longo do tempo os indígenas retomaram suas origens e expõem sua própria identidade, sendo assim, a identidade dos povos originários não se encaixa nesta formação.

A segunda forma de construção da identidade exposta por Castells é Identidade de Resistência, nesta a construção a formação da identidade é baseada em indivíduos desvalorizados ou estigmatizados, que constroem identidades de resistência para desafiar ativamente as normas e estruturas existentes, buscando sobreviver e contestar a dominação. Parece que tudo o que foi explicado nesta forma de construção da identidade se remete aos povos originários, humilhados, explorados, assediados, dizimados e ainda assim construíram sua identidade resistindo ao opressor e contestaram a dominação pelos colonizadores.

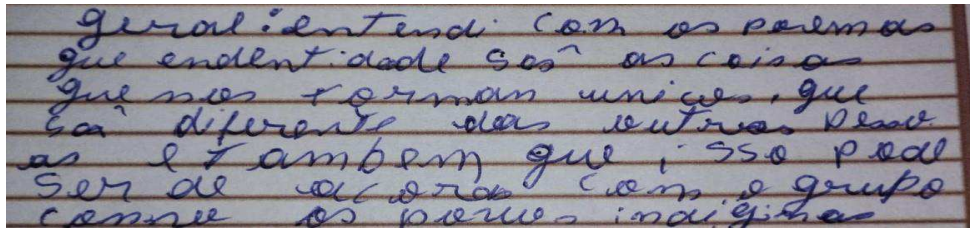
Na terceira formação da identidade expressa por Castells, Identidade de Objeto, os indivíduos buscam sua posição na sociedade construindo uma nova identidade que visa transformar toda a estrutura social e como os indígenas não tem a intenção de construir uma nova identidade, mas sim elevar a sua a público, não se encaixaria na formação dos povos originários que conhecemos hoje.

Portanto, de acordo com as teorias de Castells, a forma de desenvolvimento da identidade dos povos originários seria por meio da identidade de resistência.

Assim, para afirmar uma identidade, como a indígena, não basta apenas contrastá-la com outras identidades; é preciso também reivindicar uma autenticidade que permaneceu constante ao longo do tempo. Isso implica encontrar uma identidade indígena genuína, baseada nas diversas características que compõem cada indivíduo, para os Kambeba a identidade reside na ancestralidade através da memória que seu povo carrega.

O aluno “W”, resume bem sobre a formação da construção da identidade ao dizer: Entendi com os poemas que identidade são as coisas que nos tornam únicos, que são diferentes das outras pessoas e também que isso pode ser de acordo com o grupo, como os povos indígenas em que cada povo é um grupo diferente, que tem suas próprias músicas, danças e jogos.

Figura 27- Diário de leitura do aluno “W”

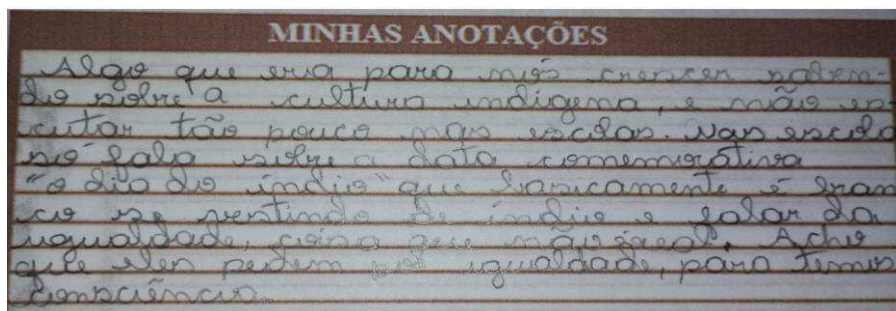


Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Depois de terminarmos a apreciação dos poemas, os alunos escreveram em seus diários o que acharam das aulas da relevância de ter o conteúdo da literatura indígena na sala de aula, com materiais escritos pelos próprios indígenas e o que eles aprenderam com estas aulas. Dois diários de leitura chamaram a atenção, o primeiro é do aluno “X”, porque a fala dele retrata a realidade das escolas contemporâneas em relação ao ensino da literatura indígena não só no ensino fundamental II, mas durante toda a educação básica.

“Algo que era para nós crescer sabendo sobre a cultura indígena, e não escutar tão pouco nas escolas. Nas escolas só fala sobre a data comemorativa “o dia do índio”, que basicamente é branco se vestindo de índio e falar da igualdade, coisas que não são real. Acho que eles pedem por igualdade, para termos consciência”. (Diário do aluno “X”, 2023).

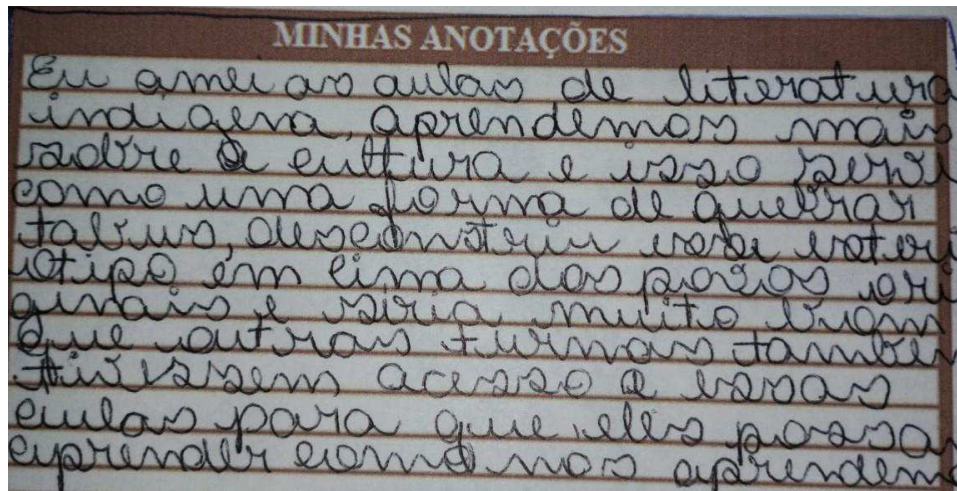
Figura 28- Diário de leitura do aluno “X”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

A aluna “Z”, enfatiza sua opinião sobre a importância de várias pessoas terem acesso a outras culturas e os conhecimentos sobre a cultura indígena. “Eu amei as aulas de literatura indígena, aprendemos mais sobre a cultura e isso serve como uma forma de quebrar tabus, desconstruir esse estereótipo em cima dos povos originais e seria muito bom que outras turmas também tivessem acesso a essas aulas para que eles possam aprender como nós aprendemos.

Figura 29 - Diário de leitura da aluna “Z”



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

É importante ressaltar que foi após estas falas dos alunos que começamos a discutir sobre o sarau literário que aconteceu no dia dos povos originários, dentro da escola, com abertura para toda a comunidade ter acesso.

4.4 O Sarau Literário: um marco escolar

A ideia de desenvolver um Sarau Literário partiu de um dos alunos quando estávamos finalizando os últimos encontros, então a professora da turma gostou muito e pediu autorização a direção da escola para desenvolvermos o evento, todos aceitaram e se impenharam para que tudo saísse bem durante a exposição literária.

Na produção do Sarau, a primeira atividade a ser feita foi a separação dos grupos que apresentariam os poemas no dia; em seguida foram selecionados os poemas que eles iriam recitar; eles escolheram de forma livre aqueles que mais gostaram e os que mais foram debatidos durante os encontros: “Índio eu não sou”, “Grafismo”, “Cocar: identidade ou fantasia”, “Tambor nossa cor”, “Você sabe o valor que tem o maracá na cultura dos povos indígenas?”, “Margaridas”, “Consciência indígena”, “Consciência negra”, “Resistência indígena” e a “Força da minha flecha”.

Alguns poemas exigiram recursos para chamar a atenção do público no dia do evento, como o poema cocar: identidade ou fantasia; para apresentação deste poema utilizou-se um cocar para mostra as pessoas no sarau. No entantos foi fácil de encontrara em Campina Grande e também não tinha verba para buscar em outro lugar, depois de uma incessante busca

encontramos um senhor que faz cocar com material artificial na Vila do artesão de Campina Grande. Ele nos cedeu emprestado, para ajudar na construção do evento, ou seja primeira parte conquistada.

Figura 30 - Cocar indígena



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

O segundo poema, o do grafismo, ofereceu algumas dificuldades porque as alunas que iriam recitar tiveram a ideia de se pintar para a apresentação com os grafismos, uma vez que elas tinham o conhecimento sobre a relevância deles e o significado para cada povo.

No dia do evento a pintura nas meninas começou às 07:00h com duração até às 09:00h, momento em que começou o evento, mas valeu muito apenas pois elas ficaram lindas, o que chamou a atenção dos alunos e convidados que estavam assistindo. Abaixo segue a imagem das meninas, contudo com o rosto borrado para preservar suas imagens, mesmo que todos os alunos assinaram um termo autorizando o uso de suas imagens no trabalho, estas pinturas

constam no desenho em anexo explicando o significado de cada grafismo.

Figura 31 - Apresentação do poema Grafismo



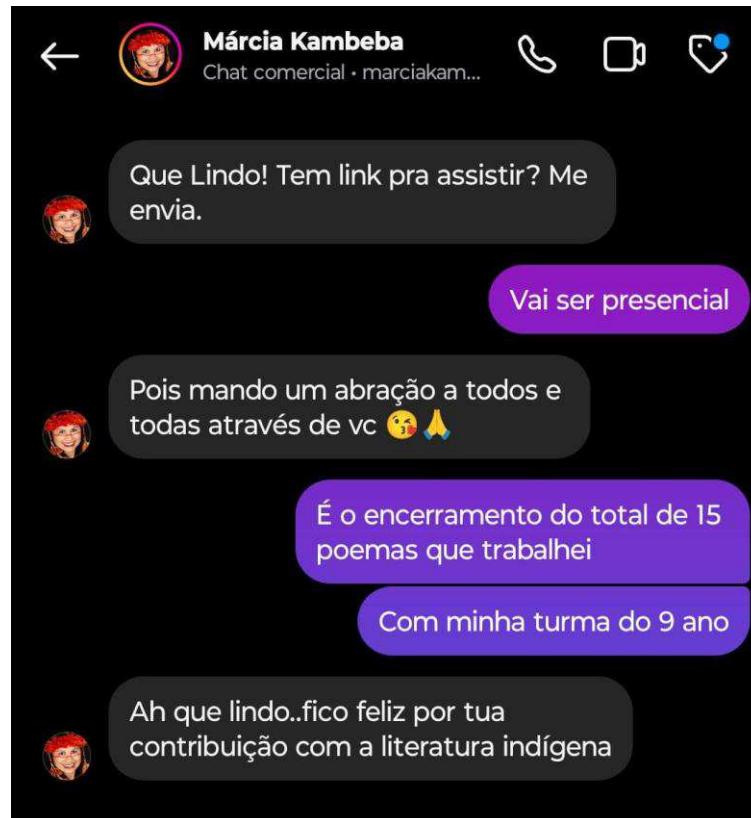
Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

Durante o evento foi entregue aos convidados a programação, iniciou-se com a abertura feita pela professora da turma, em seguida a professora pesquisadora falou um pouco sobre a relevância do acesso ao conteúdo indígena em sala de aula e da experiência com a turma. Agora iniciou-se as apresentações e ao final todos os alunos, professores e direção da escola receberam um certificado de participação elaborado pela pesquisadora que se encontra em anexo.

Uma situação interessante foi ter conseguido contato com a autora do livro Marcia Kambeba que ficou encantada com o evento e a homenagem com a utilização de sua obra, ela

queria participar ao vivo do evento acompanhando por live, mas a internet da escola não comportava esta situação, então ela agradeceu e depois enviamos algumas fotos para ela.

Figura 32 - Contato com a Marcia Kambeba



Fonte: Arquivo de pesquisa na escola, 2024.

O evento foi muito comentado pelos professores da instituição e por toda a comunidade durante a semana e os alunos pediram para que houvesse outros eventos como este. Diante de todos os empecilhos que apareceram, primeiro a dificuldade de conseguir a biblioteca devido já ter outros professores com horários preenchidos, depois levar um conteúdo pouco abordado na sala de aula e por fim a construção de um sarau literário, acredita-se que a experiência foi enriquecedora não só para os alunos da turma do 9ª ano, mas para todos os alunos da escola e também professores que confessaram não ter muito conhecimento sobre tal temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia na sala de aula, segundo Pinheiro (2018, p; 11), de todos os gêneros literários, provavelmente é o menos prestigiado no fazer pedagógico. Pesquisas mais antigas e também recentes apontam sempre certo distanciamento entre o leitor escolar e o gênero lírico. Ao refletir sobre esse período de investigação e da experiência na sala de aula, chegamos à conclusão de que abordar poemas na escola, não é uma tarefa fácil, por isso, muitos professores optam por não abordar este gênero literário, devido a sua complexidade de análise e compreensão, este foi um dos motivos que me levou a escolha deste gênero, por ser desprovido no ambiente escolar, bem como, a literatura de temática indígena.

O estudo com a poesia indígena de Marcia Kambeba destacou-se como significativo no contexto do ensino fundamental II. Isso porque, foi evidenciado que a abordagem de temas relacionados à literatura indígena ainda é escassa, apesar de ser obrigatória por lei. Essa lacuna revela a necessidade urgente de incluir tais conteúdos no currículo escolar, proporcionando uma educação mais inclusiva e alunos crítico-reflexivos. A pesquisa buscou responder questões importantes sobre a relevância da poesia indígena para a formação de leitores e para contribuir na diminuição visões preconceituosas sobre os povos originários.

Em relação a historicidade da construção dos Kambeba, é possível identificar que existe uma resposta em relação a opressão do colonizador. O exemplo de Valdomiro Cruz, líder Kambeba, ilustra a capacidade do povo de se adaptar às circunstâncias adversas, ao mesmo tempo em que preserva sua identidade étnica e cultural.

Outro aspecto importante nesta construção é o papel fundamental na formação da identidade proporcionado pela territorialidade, servindo como espaço de socialização, transmissão de conhecimentos e práticas culturais, como por exemplo, a organização das aldeias, a língua, os rituais e os costumes, que contribuem para a valorização memória ancestral, sabedoria transmitida oralmente pelos anciões, desempenhando um papel essencial na preservação da identidade e na formação da consciência coletiva.

Ao analisarmos a contribuição de Kambeba e de outras autoras indígenas citadas, percebemos que a poesia se torna uma poderosa ferramenta de resistência e de reconstrução identitária. Por meio de seus poemas, Kambeba não apenas desconstrói estereótipos e preconceitos, mas também busca resgatar a memória e a história de seu povo, compartilhando com o mundo suas experiências, sua cultura e sua visão de mundo. Ao apresentar uma perspectiva própria sobre a realidade, ela nos convida a refletir sobre questões importantes, como identidade, resistência e racismo. São poemas valiosos para a sala de aula porque

apresentam uma linguagem acessível e temáticas relevantes, além disso, tem duas características peculiares, como o caráter performático e pedagógico, que algumas pessoas podem considerar como falta de estética, mas que na verdade são diferenciais da escrita da autora.

Alguns poemas se destacaram durante o estudo escolar no ECI Virgínius, "Margaridas", "Resistência Indígena", "A força da minha flecha", "Ser indígena — Ser Omágua", "Chão Kambeba", "Identidade" e "Povo Flutuante", enfatizando uma narrativa contínua de luta, resiliência e afirmação da identidade dos omágua.

Em "Margaridas", Kambeba celebra a força das mulheres indígenas, destacando sua capacidade de resistência e transformação diante das adversidades. A referência à lenda do boto e às figuras de Margarida Alves e Marielle Franco adicionam camadas de significado à mensagem de solidariedade e justiça. Já em Resistência Indígena, a poetisa evidencia a luta dos povos indígenas ao longo da história, com foco na força das mulheres como guardiãs da cultura e da identidade. O poema denuncia as injustiças enfrentadas e reafirma a importância da resistência coletiva. "A força da minha flecha" apresenta uma jornada de empoderamento e resistência individual, destacando a palavra como uma arma poderosa na luta contra a opressão. Kambeba enfatiza a importância da educação e da solidariedade na construção de um futuro mais justo.

Os poemas "Ser indígena — ser Omágua" e "Chão Kambeba" exploram a relação entre identidade e resistência, destacando a importância da memória e da ancestralidade na afirmação cultural dos povos indígenas. A autora reivindica o direito de existir e ser reconhecida em sua plenitude. Identidade revela os desafios enfrentados pelos indígenas na cidade, ressaltando a importância da resistência cultural e da expressão artística como formas de preservar a identidade e combater o preconceito. Por fim, o poema Povo Flutuante retrata a ligação profunda entre o povo Omágua e seu território, destacando a importância da relação harmoniosa com a natureza na preservação da identidade e na luta pela sobrevivência.

Acredita-se que no conjunto de sua obra, a autora emerge como uma voz importante na representação e defesa dos povos indígenas, principalmente na representação feminina. Suas palavras ecoam como um cântico ancestral, inspirando mobilização, conscientização e ação em prol dos direitos e da justiça para os povos originários. Ao ler seus poemas, somos convidados a enxergar com os olhos do coração, a compreender a complexidade de sua existência e do seu povo.

A contextualização do ambiente escolar, a escolha da instituição e a descrição das condições oferecidas aos alunos fornecem um pano de fundo importante para compreender o

cenário em que a pesquisa foi realizada. Neste caso, a ECI Virgínius da Gama Melo, identifica-se por apresentar uma estrutura adequada, com o essencial apoio do grupo docente, da coordenação e direção, que se disponibilizaram para o que fosse necessário. A professora da turma sempre demonstrou carinho pela temática e abertura para novos conhecimentos deixando-se a disposição e a diretora que estava de prontidão para todas as necessidades da turma e do projeto, como a liberação da biblioteca para a aplicação das aulas.

A biblioteca foi relevante como espaço para a realização da experiência, pois propicia o contato com a poesia indígena, favorecendo o interesse e o gosto pela leitura, nele a pesquisa foi conduzida com duas turmas do 9º ano do ensino fundamental II, totalizando 33 alunos, em um ambiente de cooperação entre pesquisadores e participantes, caracterizando-se como pesquisa-ação.

Durante o desenvolvimento do projeto, foram identificadas três categorias principais: preconceito, percepção da resistência e identidade. A primeira categoria foi relevante para que os alunos pudessem desconstruir ideias pré-concebidas sobre os indígenas, confrontando os estereótipos e compreendendo a complexidade das realidades indígenas, já a segunda evidenciou a luta contínua destes povos por seus direitos e reconhecimento, por meio da escrita indígena e de outras formas de expressão, traçando para os alunos um panorama de força e a resiliência diante das adversidades históricas e contemporâneas. Por fim, a terceira categoria, revelou-se crucial para a compreensão da diversidade e singularidade do povo Kambeba, ao explorar seus aspectos culturais, crenças e vivências cotidianas, passando a valorizar mais a riqueza da identidade indígena. Contudo, é necessário destacar que estas categorias não são excludentes, são complementares porque permitem uma abordagem mais abrangente desta literatura.

Portanto, estas categorias foram fundamentais para compreender a recepção dos alunos em relação à poesia indígena e para promover reflexões sobre questões de identidade e diversidade cultural. As reflexões sobre a poesia indígena de Márcia Kambeba abriram caminhos importantes para os alunos compreenderem não apenas a riqueza cultural dos povos originários, mas também a necessidade urgente de valorizar suas vozes e narrativas dentro da escola e em seus cotidianos.

O desenvolvimento e execução dos planos de aula voltados para a exploração da literatura indígena demonstraram ser uma experiência enriquecedora e transformadora para todos os envolvidos, tanto alunos quanto professores. Ao adotar uma abordagem metodológica baseada no método recepcional e na leitura performática dos poemas, foram essenciais para transmitir conhecimento sobre a cultura e os povos originários, promovendo reflexões

profundas sobre estereótipos, resistência, identidade e o racismo que os indígenas sofrem até hoje.

Ademais, ao longo dos diferentes dias de aula, foi possível observar o engajamento dos alunos na desconstrução de preconceitos e na ampliação de suas visões sobre os indígenas, através de atividades como discussões em círculo, leituras compartilhadas, análise crítica dos textos e produção de mapas sonoros, os quais permitiram aos estudantes compreender os poemas em um nível mais profundo, conectando-se com os temas abordados. Ao final, ainda foi efetuado a culminância por meio de um Sarau Literário Indígena, proporcionando uma oportunidade para os alunos compartilharem suas descobertas e expressarem suas interpretações de forma criativa e coletiva, com os outros alunos da escola, bem como, com toda a comunidade, uma vez que o evento foi aberto ao público e divulgado com as pessoas locais.

Perante este panorama em que nossa investigação se concretizou, acreditamos que o conteúdo indígena tem sido pouco trabalhado na sala de aula, apenas do ponto de vista histórico, deixando a parte a literatura dos povos originários.

O resultado do processo investigativo foi positivo, vimos a sementinha plantada nos corações da turma, já que os mesmos procuraram até livros indígenas na biblioteca da escola e alguns começaram a pesquisar na internet e me mostraram que estavam começando a ler outros livros da temática indígena. No entanto, é importante ressaltar que o resultado desta experiência ocorreu graças ao comprometimento e dedicação dos alunos e dos professores envolvidos, assim como ao apoio da escola e da comunidade, permitindo alcançar os objetivos curriculares e diante da comunidade escolar, expor uma temática sensível que merece destaque para valorizar e respeitar as diferenças culturas e identidades na diversidade dos povos originais, presentes na literatura e no cotidiano contemporâneo do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Jakson de. **A terra sem males**. São Paulo: Paulus, 2009.
- ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada**: Experiência literária em terra indígena. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BELEI, R. A. et al. “O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **“Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 30, p. 187-199, jan./jun. 2008. Disponível em: < <https://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/11/O-uso-de-entrevista-observa%C3%A7%C3%A3o-e-videogra%C3%A7%C3%A3o-em-pesquisa-qualitativa.pdf>> . Acesso em: 18 set. 2023
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2017: História – Ensino fundamental anos finais**. Brasília: MEC, 2016.
- CAGNET, Sueli de Souza. **Trilhas literárias indígenas para a sala de aula** / Sueli de Souza Cagnet, Alcione Pauli. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.
- CASA FLOR. **O que é: Resistência**. Ponta Negra, 20 de abril 2024. Disponível em: < <https://casafior.art.br/glossario/o-que-e-resistencia/> >. Acesso em: 15 de junho de 2024.
- CONDE, Podcast. Grupo Prerrogativas. **O lugar do saber ancestral**, com Márcia Kabemba. YouTube, 05 de abril de 2022. data da publicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TSJrIv8OhTA>.
- DAFLON, Inês, DAFLON, Maria Lucia. **Orfãos de Haximu/** Ilustração Joãocaré. I. ed. – São Paulo: FTD, 2010.
- DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrigo; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- DORRICO, Julie. **A literatura indígena contemporânea no Brasil**: a autoria individual e a poética do eu-nós. (Tese Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2021.4
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira;

- FORTE, Bruna. Mulheres que gestam a terra: escritoras indígenas cartografam vivências femininas. OP+, 18 de abril de 2021. Disponível em:. Acesso em: 10/08/2022
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1997.
- FURTADO, Antonio. **Aventuras da Távola Redonda**: estórias medievais do Rei Artur e seus cavaleiros/ organização e tradução de Antonio L. Furtado; prefácio de Gilberto Mendonça Teles. _ Petrópolis, Vozes, 2002.
- GOMES, Gean. BARRICELI, Ermelinda. **O Diário de leituras na escola e na universidade**: estudos do gênero e práxis pedagógicos. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil / Graça Graúna**. - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014, p. 103-130.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HOLANDA, Antonio Euclides ; SIQUEIRA, A. M. A. ; GIUSTI, J. **A crônica como ferramenta de debate cultural, machado de assis e história de quinze dias. estação literária**, v. 24, p. 177-191, 2020.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KAMBEBA, M. W. **Ay Kakyritama**: eu moro na cidade. 2. ed. São Paulo: Polén, 2018.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. - São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. 2.ed.– São Paulo: UK'A, 2021.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001
- MELLO, Flávia Cristina. **Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã**: entre deuses e animais – xamanismo, parentesco e transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani. 322 f. Tese (Doutorado) PPGAS/ UFSC, 2006.
- MOREIRA, Tássita de Assis. **Força e sutileza nas palavras das mulheres guerreiras**: a autoria das mulheres indígenas. Livraria Maracá.2021. Disponível em: < <https://www.livrariamaraca.com.br/autoria-das-mulheres-indigenas>> Acesso em: 10/08/2022
- MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando. **Participação especial de Ceíça Almeida**. São Paulo: Uka Editorial, 2010.

- MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: Roda de conversa com educadores**. São Paulo: Uka Editorial, 2017.
- NUNES, Sônia Maria Serrão. **O vídeo na sala de aula: um olhar sobre essa ação pedagógica**. Monografia - Curso de Especialização em Mídias na educação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012.
- OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **O Jogo do Texto no Ensino de Literatura: Por uma Metodologia Performativa**. In: CARVALHO, Aluska Silva. et al. (Orgs.). *Literatura e outras artes: interfaces, reflexões e diálogos com o ensino*. João Pessoa: Editora da UFCG, 2018.
- PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos** / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.
- PINHEIRO, Helder. **O preço do jumento: poesia em contexto de ensino/Helder Pinheiro**.- Campina Grande, 2020.
- POTIGUARA, Eliana. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro, RJ. 3. ed. revisada. Grumin, 2019.
- PRODANO, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROSENBLATT. **Lá literatura como exploracion**. coleção: Espacios para la lectura. Fondo De Cultura Economica USA. 1. ed. San Diego. 2002.
- RUTHERFORD, J. (org.). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishmt, 1990.
- SEMMA, Disponível em <https://semma.belem.pa.gov.br/samaumeira-a-arvore-sagrada-da-amazonia/>. Acessado em 12 de abril de 2024.
- SILVA, Márcia Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Omágua- Kambeba na aldeia Tururucari- Uka**. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org)**. Stuart Hall, Katryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SINTIFRI, Marcia Kambeba. **Pelos direitos das mulheres indígenas no Brasil**. Sindicato dos Trabalhadores do Instituto Federal Do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: . Acesso em: 10/08/2022.
- SOUZA, A. U. et al. A mulher indígena e o protagonismo da sua própria história de luta e resistência. *Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais* - UFG/CAC, 17(1), 94-104, 2020.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora:** a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte:Autêntica Editora, 2012.

VIRGINIUS; Rede Estadual. **Melhor Escola**, 2019. Disponível em: <Eefm Escritor Virginius Da Gama E Melo - Campina Grande PB - Informações, Bolsas de estudo e mais (melhorescola.com.br)>. Acesso em: 01/02/2023.

WARI'U, Cristian. **Fantasia de índio em 2020**. YouTube, 2020. Disponível em: < (8) FANTASIA DE ÍNDIO EM 2020 - YouTube. > Acessado em 01/02/2023.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2. ed. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão _____, residente e domiciliado na _____, portador do CPF _____, nascido(a) em ____ / ____ / ____ , concordo de livre e espontânea vontade com a participação do meu filho (a) _____ como voluntário(a) do estudo “Título” (VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA). Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Natureza da pesquisa: Esta pesquisa de caráter etnográfico tem como objetivo investigar, a partir do método recepcional de ensino, possíveis reações e reflexões dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental, através da leitura e interpretação de poemas indígenas da Marcia Kambeba, de modo a contribuir para a formação de leitores de poesia.

Sobre os participantes da pesquisa: Para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes alunos do nono ano do Ensino Fundamental da Escola ECI Virgínius da Gama e Melo, localizada na cidade de Campina Grande.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: Os dados serão coletados por meio de

um diário de leitura, que é necessário para as anotações a partir da observação do participante e funciona como um instrumento que pode ajudar a guardar detalhes do grupo e do processo de intervenção. Assim como o diário de leitura, lançamos mão também da técnica de gravação de algumas aulas. Utilizaremos essas técnicas com o objetivo de obtermos respostas que possam iluminar nossa compreensão acerca do trabalho com a poesia em sala de aula e, dessa forma, atingir os objetivos de nossa pesquisa.

O *corpus* da pesquisa será composto por uma antologia de poemas indígenas. Além da antologia, nosso *corpus* contará com um diário de leitura que servirá para momentos eventuais em que surja a necessidade, por parte dos alunos, de colocar no papel as percepções que venham a ter dos poemas. Nele, poderão escrever sobre o que compreenderam ou não de determinado poema, sobre as sensações advindas do momento da leitura bem como sobre os sentimentos e ideias que podem surgir durante o processo de apreciação dos textos literários. Os relatos orais manifestados a partir das discussões realizadas com as leituras também farão parte de nosso *corpus*.

Riscos: Em relação aos riscos, lembramos que durante as atividades e comentários orais feitos em sala sobre os poemas, os alunos participantes poderão sentir talvez algum tipo de constrangimento, por exemplo. Por isso, a fim de diminuir esse risco, afirmamos que é essencial adotarmos estratégias que possam proporcionar um ambiente de respeito e de consciência em relação ao universo do outro. Por ser uma pesquisa com a participação de seres humanos, sempre há algum risco; por essa razão, garantimos que preservaremos os dados que, por ventura, possam vir a identificar os participantes. Dessa maneira, é primordial afirmarmos que é garantida a privacidade dos mesmos; atrelado a isso, asseguramos que os resultados finais que obtermos com a realização de nossa pesquisa serão registrados na Plataforma Brasil. Assim, os participantes podem ter acesso a eles. Além disso, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Benefícios de participar da pesquisa: No que se refere aos benefícios de nossa pesquisa para os participantes, afirmamos que podemos vir a contribuir com impactos significativos na formação de leitores de poesia, pois lhes apresentaremos autores brasileiros e trabalharemos com uma temática obrigatória, mas pouco utilizadas em sala de aula. Assim, acreditamos que podemos contribuir para o enriquecimento reflexivo analítico da poesia escrita pelos povos originários, dessa forma, possamos causar uma aproximação com a poesia e a cultura indígena.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I) Serão utilizadas, por Catharie Brandão de Souza, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: meus escritos no diário de leitura sobre minhas impressões acerca dos poemas lidos e apreciados em sala bem como os relatos orais que podem surgir a partir das discussões realizadas com as leituras.

II) Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.

III) Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pela pesquisadora que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e seu orientador poderão identificar os meus dados.

IV) É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V) Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude.

VI) Estou ciente que, eventualmente, durante as leituras, comentários orais e ao escrever no diário de leitura, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei a liberdade de escrever em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também de que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos

Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, _____ de _____ de 2022.

Nome do responsável

Assinatura do responsável

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do orientador

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves, professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. Endereço: Rua Engenheiro Lourival Andrade, nº 309, Bairro Bodocongó. CEP: 58430-030. Campina Grande – PB. Telefone: (83) 9 9972-6617.

E-mail: helder.pinalves@gmail.com

Pesquisadora: Catharie Brandão de Souza, aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. Endereço: Rua Francisco Queiroga de Alencar, nº 400, Bairro Bodocongó III. CEP: 58433-535. Campina Grande – PB. Telefone: (83) 9 8115-1098.

E-mail: cathariemestrado@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande-PB. Telefone: (83) 2101-5545.

APÊNDICE B

Programação do Sarau (parte externa)

<p>ANA BEATRIZ DA R. RODRIGUES VITÓRIA BEZERRA LISBOA RENATA NATÁLIA C. DE L. BRITO AYRLLA MONICK G. MEDEIROS HELLEN K. NASCIMENTO DE V. S MAYARA MACEDO MAIA HELOÍSA PEREIRA DE FRANÇA HENRIQUE VICTOR DO NASCIMENTO ALICE DINIZ AZEVEDO KALYNE LIMA GUEDES YASMIN GABRIELLE S. OLIVEIRA DARYELLE SOARES DE CARVALHO</p> <p>PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: ANUBIA CORDIANO MENDES</p> <p>AGRADECIMENTOS: PAULO ROBERTO @PAULLOROBEERTTO</p> <p>APÊNDICE C</p> <p><small>ESCOLA</small></p>	<p>DIREÇÃO: TÁSSIA GABRIELLY DE MELO TERTO COSTA</p> <p>COORDENAÇÃO: ALESSANDRA MAGDA DE MIRANDA CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA</p> <p>ALUNOS PARTICIPANTES: ANDRYESLLA LIMA DO NASCIMENTO MELYSSA YORANA C. DA SILVA MIQUEIAS JOAQUIM R. F DANIEL VIDAL DE SOUZA JOÃO GABRIEL M. CRUZ NATAN ROBERT GOMES E SILVA EVVELYN LARISSA DOS S. COSTA LAÍS EDUARDA N. SILVA ANA SABRINA SILVA DIONÍSIO LUIS MIGUEL NUNES DA SILVA MARIA EDUARDA MENDES SILVA JÚLIA DE ALCÂNTARA COSTA</p>	 <p>ESCOLA CIDADÃ INTEGRA ESCRITOR VIRGINIUS DA GAMA E MELO</p> <p>SARAU LITERÁRIO INDÍGENA <i>Vivências com a poesia de Marcia Kambeba</i></p> <p>PROGRAMAÇÃO</p>  <p>DIA 19 DE ABRIL DE 2023</p>
--	--	--

Programação do Sarau (parte interna)

MANHÃ	POEMAS	
<p>ABERTURA: LEI Nº 11.645, DE MARÇO DE 2008 (OBRIGATÓRIO O CONTEÚDO DE CULTURA INDÍGENA E AFRP-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. (PROF.(A) ALESSANDRA</p> <p>INTERVEÇÃO DA POESIA INDÍGENA NA SALA DE AULA DE L.P – (PROF. (A) CATHARIE).</p> <p>ABERTURA DO SARAU LITERÁRIO: MÚSICA: AMARELO, AZUL E BRANCO DE ANA VITÓRIA E RITA LEE, INTERPRETADA POR: ADRYESLLA E MELYSSA. ACOMPANHAMENTO MUSICAL: MIQUEIAS E DANIEL.</p> <p>SOU YANOMAMI: MINHA CULTURA, MEU COTIDIANO, MEU POVO. (ANUBIA)</p> <p>CHAMADA PARA OS POEMAS: (PROF.(A) ALESSANDRA</p>	<p>ÍNDIO EU NÃO SOU (JOÃO GABRIEL E NATAN).</p> <p>GRAFISMO (EVELLYN E LAÍS)</p> <p>COCAR: IDENTIDADE OU FANTASIA (SABRINA E LUIS)</p> <p>TAMBOR NOSSA COR (MARIA EDUARDA, JÚLIA E ANA BEATRIZ).</p> <p>VOCÊ SABE O VALOR QUE TEM O MARACÁ NA CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS? (VITÓRIA E RENATA).</p> <p>MARGARIDAS (AYRLLA)</p> <p>CONSCIÊNCIA INDÍGENA (HELLEN)</p> <p>CONSCIÊNCIA NEGRA (MAYARA)</p> <p>RESISTÊNCIA INDÍGENA (HELOÍSA E HENRIQUE).</p> <p>A FORÇA DA MINHA FLECHA (ALICE, KALYNE, YASMIN E DARYELLE)</p> <p>ENCERRAMENTO</p>	 <p>Marcia Wayna Kambeba</p> <p>É indígena, do povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões (AM). Nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna. Mora hoje em Belém (PA) e é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Escritora, Artista, professora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista.</p> <p>Seus livros são:</p> <p><i>Ay Kakyri Tama- Eu moro na cidade Kumiça Jenô: Narrativas poéticas dos Seres da floresta.</i> <i>Saberes da Floresta</i> <i>O Lugar do Saber Ancestral</i> <i>O Povo Kambeba e a gota D'água</i></p>

APÊNDICE D

Certificado do Sarau Literário Indígena



ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL ESCRITOR VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO

Sarau Literário Indígena: Vivências com a poesia de Marcia Kambeba

CERTIFICADO



Certificamos que ANDRYESLLA LIMA DO NASCIMENTO participou do Sarau Literário Indígena: Vivências com a Poesia de Marcia Kambeba, evento realizado na Escola Cidadã Integral Escritor Virgínius da Gama e Melo - Campina Grande/PB, no dia 19 de abril de 2023.

Carga horária: 2 horas.

Coordenadoras

Direção

APÊNDICE E

Convite do Sarau literário Indígena



ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL
ESCRITOR VIRGINIUS DA GAMA MELO

CONVIDA VOCÊ E SUA FAMÍLIA PARA PARTICIPAR DO NOSSO

Sarau Literário Indígena.

*Vivências com a poesia de
Marcia Kambeba*



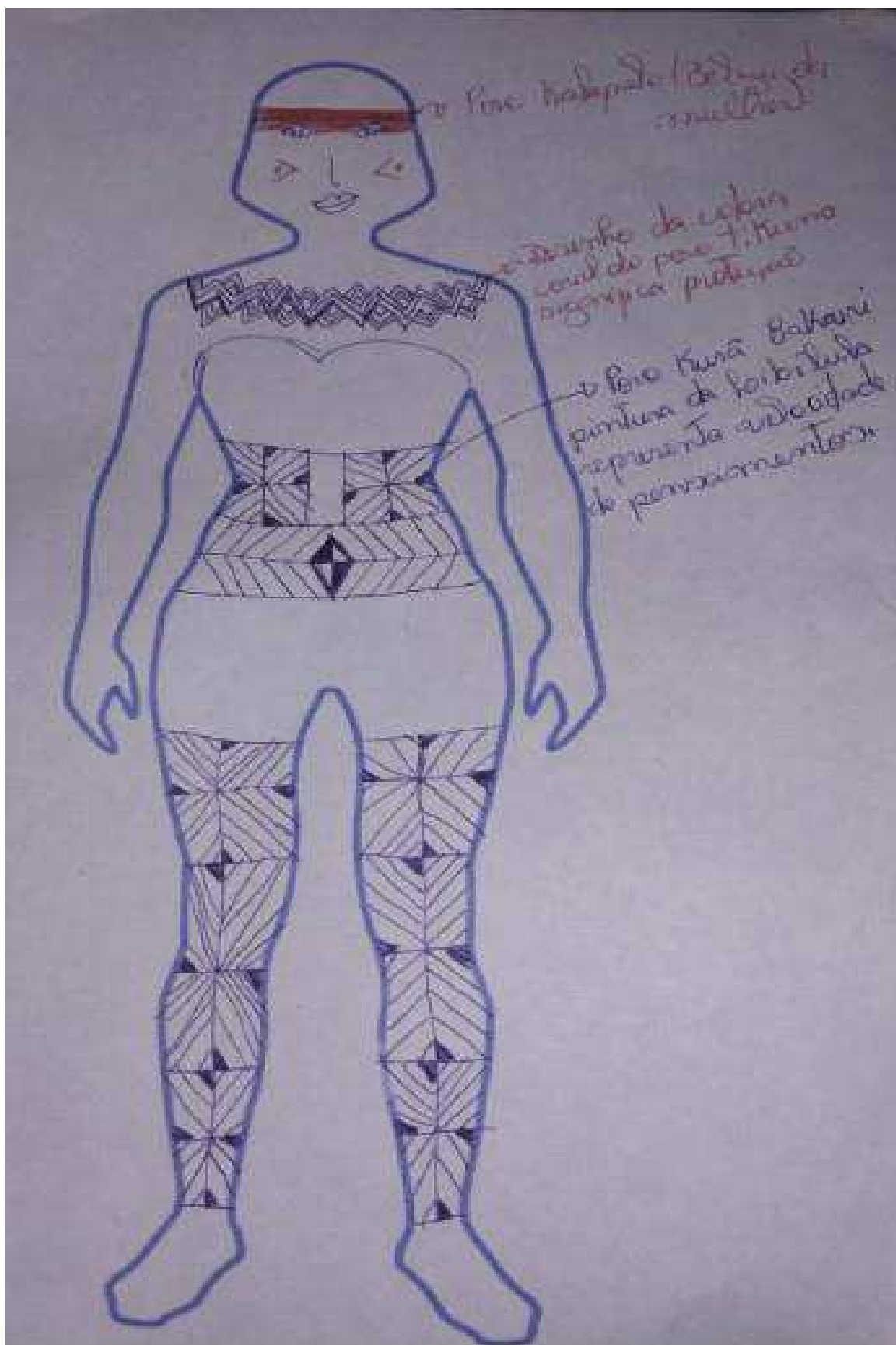
DIA 19 DE ABRIL DE 2023

09:30

R. PENEDO, SN - MALVINAS, CAMPINA GRANDE

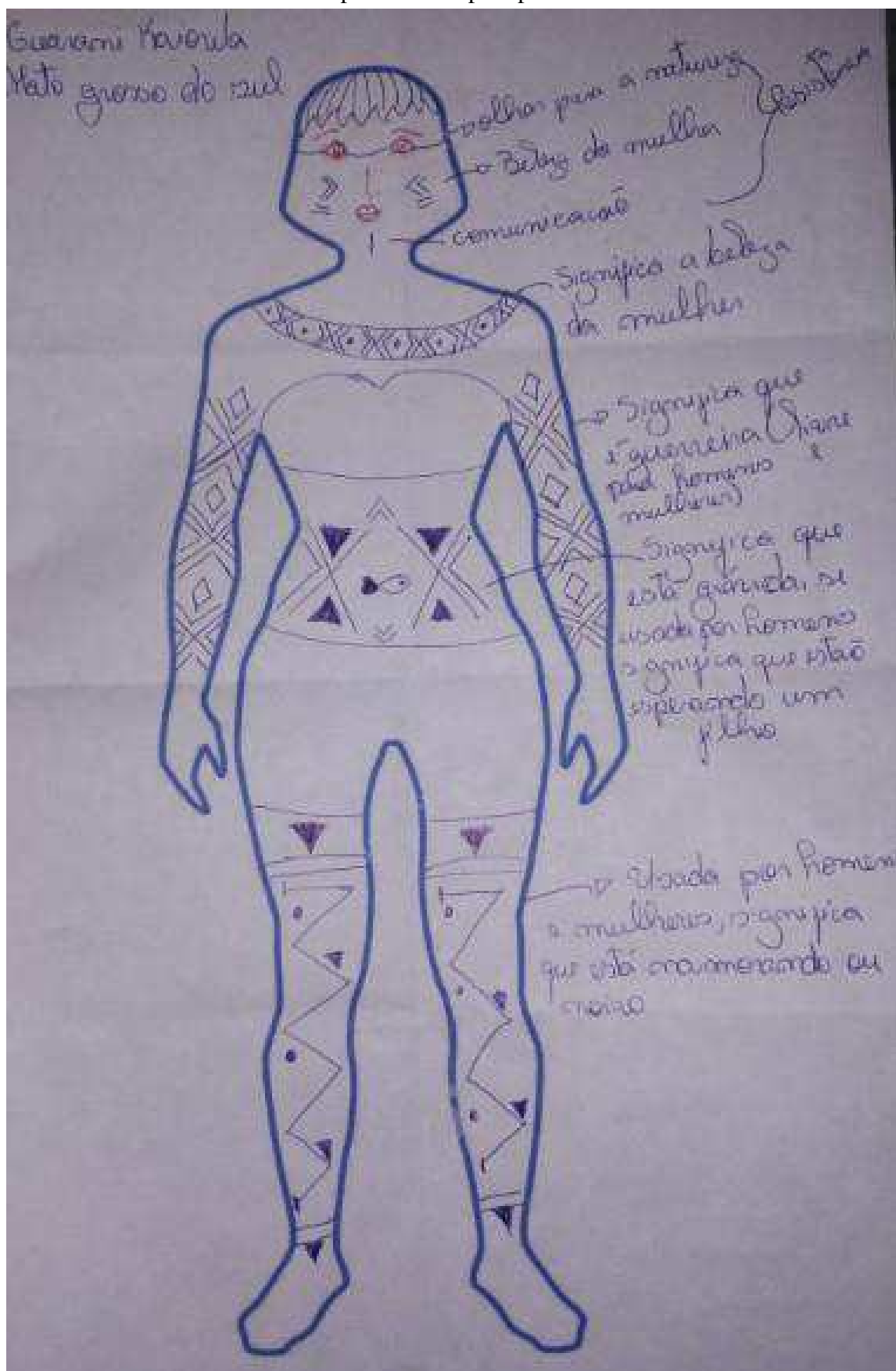
APÊNDICE F

Grafismo escolhido pelas alunas para pintá-las no dia do Sarau literário



APÊNDICE G

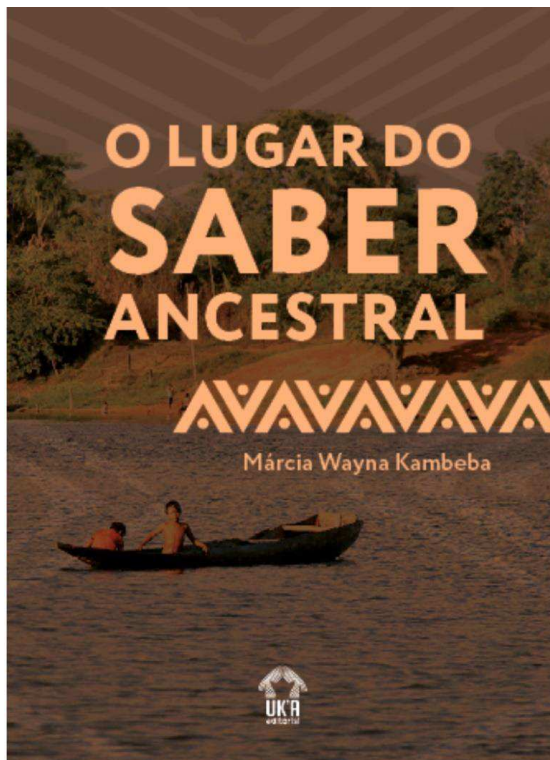
Grafismo escolhido pelas alunas para pintá-las no dia do Sarau literário



ANEXOS

ANEXO A

livro utilizado no experimento da sala de aula



ANEXO B

livro utilizado no experimento da sala de aula



ANEXO C

Termo de anuência institucional

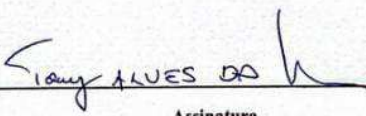


GOVERNO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
3ª GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
ECI ESCRITOR VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Tonny Alves da Mata, diretor da escola ECI Virgínius da Gama e Melo, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “VIVÊNCIAS COM A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA SALA DE AULA” na rua: Penedo, SN - Malvinas, na cidade de Campina Grande – PB, que será realizada no mês de Novembro de 2022, tendo como pesquisadora a mestrand: Catharie Brandão de Souza e acompanhamento do orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

Cidade, Campina Grande 27 de 09 de 2022


Assinatura

Tonny Alves da Mata
DIRETOR ESCOLAR
Aut. 11.945 - Matr. 190082-0

ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL ESCRITOR VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO
Decreto de Criação: 06113862017 INEP: 25072412
CNPJ: 01860072/0001-71 UFB: 211307800
ENDEREÇO: Rua Penedo, SN, Malvinas, Campina Grande - PB, CEP: 56.433-146
E-mail: ecolvgn@gmail.com | Instagram: @ecivirginiusdagamamelo

ANEXO D

Diário de Leitura



ANEXO E

Crônica é índio, não é índio

É ÍNDIO OU NÃO É ÍNDIO?

Certa feita tomei o metrô rumo à praça da Sé. Eram meus primeiros dias em São Paulo, e eu gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. Queria poder ter a certeza de que as pessoas me identificavam como índio a fim de formar minha autoimagem.

Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas senhoras que me olharam de cima a baixo quando entrei no metrô.

— Você viu aquele moço? Parece que é índio — disse a senhora A.

— É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Não viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando roupa de branco. Acho que ele não é índio de verdade — retrucou a senhora B.

— É, pode ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim — defendeu-me a senhora A.

— Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando pro tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio — argumentou a senhora B.

— Mas ele tem o olho puxado — disse a senhora A.

— E também usa sapatos e camisa — ironizou a senhora B.

— Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios têm o rosto desse jeito.

Não, ele não nega. Só pode ser um índio a parecer dos outros.

— Não acredito. Não existem mais índios pretos — afirmou cheia de certeza a senhora B. — Afinal, como um índio poderia estar andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arco e flecha, sapo e pesca e planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma.

— Você viu o colar que ele está usando? Parece que é de dentes. Será que é de dentes de gente?

— De repente até é. Ouvi dizer que ainda existem índios que comem gente — disse a senhora B.

— Você não disse que não achava que ele era índio? E agora parece que você está com medo?

— Por via das dúvidas...

— O que você acha de falarmos um dia?

— E se ele não gostar?

— Paciência... Ao menos nós seremos informações mais precisas, você não acha?

— É, eu acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele. Você pergunta? — disse a senhora B, que a essa altura já se mostrava um tanto constrangida.

— Eu pergunto.

Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando ria com vontade. De repente senti um leve toque de dedos em meu ombro. Viri-me. Infelizmente elas demonstraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando.

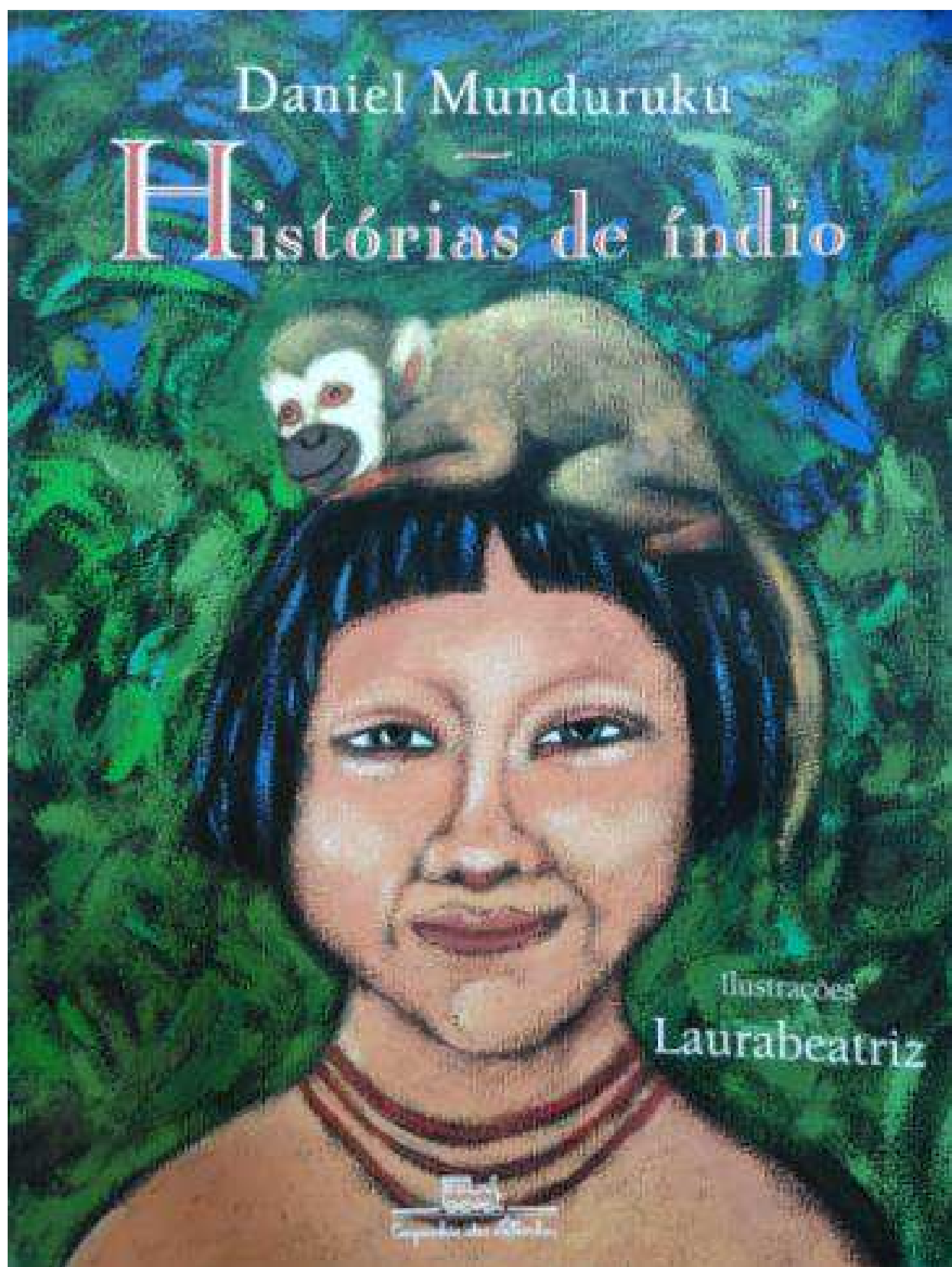
Olhei para elas, sorri e disse:

— Sim!



ANEXO F

. Livro Histórias de índio



ANEXO G

Ainda dá tempo de correr



AINDA DÁ TEMPO DE CORRER

Desde os tempos passados
Os povos eram caçados
Como onça ou animal do mato
Queriam forçar a amizade
Judiar com perversidade
E com a aldeia celebrar.

Na mão a espada da glória
Na outra a cruz para dizer
Que o povo tinha um deus
Para adorar e defender.

Receber um nome decente
Nome bonito, nome de gente.
Obedecer às ordens do rei ou presidente
Com a ameaça de que dançariam
O próximo ritual da lua crescente.

Foram tempos de aflição
Escravidados os filhos da nação
Amarrados como porção
Pingos de sangue avermelharam todo o chão
Que pisavam e lutavam na bala de canhão.

E os povos ensinavam
Saberes que aprenderam dos seus
Das conversas com a natureza
Das deusas da realeza
Que se calaram para não morrer.
Mas que sina mais cruel
Mesmo caladas o "branco" derrubou
E com sua madeira até hoje faz papel.

O banho de rio aprendera então
Lavar o corpo com espuma de sabão
Medicina da mata os salvou
Doenças em troca deixou
E o povo dizimado se calou.

Aprenderam a remar, a pescar
Na mata sobreviver
A sentir a natureza
E no ritual conhecer
Que a aldeia tinha seu sagrado
Não precisava se converter.

Mas que contato cruel
Prometia mostrar o céu
Mas mostrou foi a bala de carabina.
Triste sorte! Será nossa sina?
Ser do governo um escravizado
E ele ser nosso algoz?

E chegamos em um novo tempo
A luta continua acirrada
Nossas terras são tomadas
Nossa gente esfaqueada
Arma branca, arma de fogo
O que continua em jogo
É a terra produtiva
Cultivada e cuidada
Por longos tempos de vida.

E ainda somos entrave
Para o progresso crescer
O peje sumiu na nave
Da igreja sem saber
Que a aldeia sem ele
Só teria a perecer.

E eis que a bíblia vem dizer:
Deus quer te ver feliz na prosperidade
Quer te ver ter carro, mansão na cidade
Teu território vale ouro e preciso saber:
Onde estão tuas pedras preciosas?
Deixa a gente conhecer?

Mas me pergunto constantemente
Ter Ferrari é bom para quê?
E esse valor vem à custa de quê?
Do fim do teu sagrado
Do extermínio dos teus encantados
Do abandono de tua cultura
Do aceite de uma negação
De viver feito indigente pedindo no calçadão.

De te ver caminhar sem rumo
Com vergonha de tua afirmação
Da extinção de sua língua
Da mãe que te pariu
Da dor que um dia sentiu
De ver seus filhos jogados
Mortos, decompostos, maltratados.

Querem te mostrar a cultura da grana
Para dizer: "índio é tudo sacana"
Preguiçoso, só quer comida e cama
E que para ter soja precisa do desmatamento
Já falaram que o branqueamento está em nós
Caminhantes, não estamos a sós,
Precisamos viver, resistir, reaprender
Ainda dá tempo de correr e se defender.

Os guerreiros do passado
Ensinaram como fazer
O caminho é união
Espiritualidade, bem viver
O agora é a hora
Amanhã quem vai saber?

ANEXO H

Pra que serve a cultura indígena e Margaridas



PRA QUE SERVE A CULTURA INDÍGENA?

A vida nasce da fecundação
E renasce em cada olhar
Renasce em cada sonho
Nas entrelinhas escritas do caminhar.

A cultura é lembrada
Construída no entrelaçar das mãos.

No conhecimento de gerações
Guardados na alma e no coração.

Na cultura indígena
Que é rica e sagrada
Encontra-se a beleza
Que o branco cobizou.
Na luta por muitas vidas
O preconceito é opressor.

Conhecer a cultura do outro
É respeitar sua vivência,
Conhecer a sua dor.

Nossa cultura vem de gerações
E é família
Não se prostitui e é espiritualizada
Não quer maldade
Traz na alma o ser irmão
E no peito a multiculturalidade.

"Pra que serve a cultura indígena?"
Para que possa renascer e florir
Para que as nações
Possam ter razões para resistir.

"Pra que serve a cultura indígena?"
Para que dessa concepção
Venham nascer *kurumins* e *kunhantás*
Com a força dos *muraquitás*.

É nessa relação de amor e desejo
Possa ter mais compreensão
Pela vida, pelo outro, pela cultura
Com humanidade é o que desejo.

"Pra que serve a cultura indígena?"
Para gerar o amanhã que almejo
Gestando amor, paz, nesse mundo que vejo.
"Pra que serve a cultura indígena?!"

MARGARIDAS

Força, garra, coragem, leveza
É bendita, filha da natureza
De teu seio sai o leite
Que alimenta e faz viver.

No teu colo, o acalanto
É luz, encanto
Desencantou o boto
Apaixonado ao luar.
Tens a altivez de uma sarnaumeira
Espalhando sabedoria
Feito flores ao ar
Memória viva, deusa, água
Sedutora no olhar.

Que teu grito, tua dor
Eleve a *Nhanderu* a oração do amor
Juntas negras, indígenas, brancas, mestiças
Unam as mãos pela vida das mulheres
Que morreram nesse chão.

Pelo sangue das Marielles
Que ofuscaram sua cor.
Salve as mulheres!
Margaridas, violetas, rosas em flor.

ANEXO I

GLOSSÁRIO

Ajari: grande reunião de pessoas para um trabalho coletivo	Tawari: casca de árvore do tawarizeiro, usada para fumo e em ritual do pajé.
Anawé: vival	Tupã: Deus
Arabé: doença	Tupana: o mesmo que Deus
Boiaçu: cobra grande	Uka: casa
Curimbó: instrumento musical	Uka tana: nossa casa
Iaçá: foi uma bela guerreira indígena que fez surgir o fruto do açaí. Dela originou a lenda do açaí	Urucari: um tipo de palha usada na cobertura de casas
Igara: canoa	Waimí: anciã
Kamarampi: nome de um ritual	Wayna knyra: menina pequena
Karuana chuyra: espíritos da floresta	Yacy: lua
Karuana(s): espírito(s) da floresta	Yawareté: onça
Kunhã: moça, jovem mulher	
Kunbantã: menina	
Kurumim: menino	
Mawá: espírito guerreiro que aparece com o chamado do pajé	
Nhandecy: esposa de Nhanderu	
Nhanderu: o mesmo que Deus	
Rapé: pó de pião branco e tabaco utilizado na medicina indígena	
Seyzara: insetos	
Tana rytama: nossa aldeia	
Tepiri: casa indígena feita de palha	

ANEXO J

Consciência Indígena e Consciência Negra

CONSCIENCIA INDIGENA

Consciência, cadê você?
Onde está que não te vejo?
tu és, qual tua cor?
Quero te conhecer.

Preciso aprender a conviver
Com as diferenças
Para poder entender
A “consciência indígena”
“Consciência negra”.

Numa terra que deveria reconhecer
A importância de ser originário
A cultura que pisou o chão
O maracá que te fez Brasil
Era para soar em cada coração.

Esquecidos do calendário
Invisibilizados no direito de viver
E preciso que as escolas ensinem
O que a consciência deveria saber.

Consciência ambiental
Consciência social
Consciência do respeito
Nessa terra Brasil
Que já foi colônia de Portugal.

Consciência indígena
Pedimos em louvação
Para não ver nossa terra
Ser palco de devastação
Para não ver nossas crianças
Se envergonharem de sua nação.

Protagonismo é de todos
Na força da união
Na partilha da coletividade
No sorriso do curumim.

No canto que soa forte
Na pisada suada no chão
No abraço e aperto de mão,
Amor amando cada irmão.

Consciência é ver você no outro
E ver o outro em você
E olhar com cuidado para ver de onde vem
O cheiro de cobra grande
O cheiro que a aldeia tem.

CONSCIENCIA NEGRA

Dizem que consciência não tem cor
Nem cheiro, nem sabor
Mas às vezes faz a alma sentir dor.

Consciência não tem cor
Mas o mundo cultiva desamor
Logo negro é “bandido”, “fedido” Fica aí, irmão!
Mão na cabeça!
Larga tudo ou tá perdido!

A consciência não tem cor
Olha o “índio”!
De “sem alma” ele o chamou
Expulso de sua terra
Uma bala o matou.

Consciência não tem cor
Mas Galdino foi queimado
Dormindo na estação
Abusaram da menina
E ainda a chamaram de “nega do cão”.

Consciência não tem cor
Mas ainda se entende
Que “indígena” para ser gente
Tem que nascer de novo
E viver no mato.

Usar flecha e não caneta
Morrer sem fazer careta
E para os afro-indígenas?
A coisa tem que ficar sempre preta?
E consciência não tem cor.



SABERES
DA
FLORESTA

MÁRCIA WAYNA KAMBERA

ANEXO K

Figura 13. poemas: A força da minha flecha e A Garça e o Gavião

A FORÇA DA MINHA FLECHA

Andei por terras distantes
 Cacei e fui caçado aos montes
 Arrancaram-me dos braços da terra
 Amarraram-me como animal pra morte.

Gritei me debati e soltei-me
 Corri me esquivei e livre-me
 A bala, minha pele não olhou
 Para mata ligeiro voltei.

Meu arco e flecha peguei
 Sua ponta arrumei, afiei
 Com raiva a flecha lancei
 Esperei, acertei, mas não venci.

tempo passou! Vesti-me e sai
 Na escola estudei e me formei
 Aprendi outra língua e entendi
 Que a palavra é força e com ela me defendi.

Argumentar desse jeito nunca pensei
 Liberdade para a nação sempre busquei
 Hoje a flecha é a palavra
 Que encontrei, afiei e lancei.

Milhares de pessoas
 Com um só lance acertei
 Não machuquei, não sangrei e não me esquivei
 Abraços e apoio recebi

Com liderança vivi e aprendi. E a paz?
 Essa vem no abraço
 Que dos amigos pedi
 Porque já é hora de se achegar, reunir e se unir!

A GARÇA E O GAVIAO

No meio do lixo Entre fedor e poluição
 A batalha estava travada
 Da garça com o gavião.

Pássaro que transmite suavidade
 Pelas penas já promove a paz
 Suave como uma bailarina
 Caminha entre os animais.

Pousou perto do rio
 Parou para refletir
 No mal que o homem vem causando
 Logo pode se extinguir.

Voando por entre lixos
 Alimento foi procurar
 Faminto, bravo e aflito
 gavião estava a esperar.

Pegou a garça com suas garras
 Seu instinto de sobrevivência apitou
 Lutou com o gavião e com um grito avisou: Não
 venham pra essas bandas
 Não há comida, só pavor!

A garça foi se calando
 Abafando sua dor
 Nas garras do gavião
 Sumiu na imensidão
 E a luta terminou.

ANEXO L

MAPA SONORO

CHÃO KAMBEBA

**tom médio e
mais lento ao final**

No canto que sai de ti,
Sinto o amor fluir,

Vem ser o meu bem-querer,
Sou Kambeba resisti.

**tom doce e um pouco
lento convidativo**

tom normal

Minha dança guardei para mostrar,
Essa terra, meu chão é meu ar,
Sou Kambeba e não vou negar

Eu voltei para lutar. **tom mais forte**

Pela cultura da minha nação,
Minha luta é de paz e união,
Minhas mãos desarmadas estão,
Busco minha afirmação.

tom médio da voz

Na união com os povos eu vou,
Nas pinturas revivo quem sou,

tom mais forte

No meu canto, encanto de amor,
Sou Kambeba sonhador.

tom mais suave

Minha história se cristalizou,
Minha língua em silêncio ficou,
Minha aldeia o progresso tomou,
Resisti ao opressor.

tom suave

tom mais baixo

tom médio

tom mais forte

**tom mais suave
tom médio
tom médio
tom firme**

Hoje canto e danço para ver
Esse povo voltar a dizer,
Sem vergonha de ser o que é
Sou Kambeba e tenho fé.

ANEXO M

Resistência Indígena

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Quando as expedições aqui chegaram
Nesse solo meus pés já haviam tocado,
Meus cabelos cobriam meu corpo,
Com as palhas fazia um trançado.

Tom medio e
mais lento ao final

Homens altos, vestidos,
Com arma na mão,
Meu povo correu, se escondeu,
Que confusão!

Tom
mais forte

Como mulher sofri
Vendo o povo lutar,
Vejam só que invasão,
Invadidos sem pensar

Tom
medio
Tom
mais forte

E numa conversa estranha,
Começava um perde e ganha,
Nossas casas invadidas
Pela espada da ambição.

Tom
mais suave
e baixo

Que o sofrimento ora sentido
la por anos se arrastar.

Tom
suave

Resistimos a uma guerra
De dizimação e epidemia,
Escravidão e exploração,
Maus tratos que covardia.

Tom medio
Tom mais forte

Os abusos e violências
Não ficaram para traz,
Vários anos se passaram
Ainda ecoa nossa voz.

Tom
mais forte
Tom suave
Tom Baixo

Falavam em nome de um Cristo,
Qual Cristo? Não se via.

Tom mais suave

Sou indígena tenho alma,
Sou a riqueza, sou a nação,
Não sou enfeite, nem objeto,
Sou a barriga da gestação,

Tom forte
Tom me-
dio
Tom fo-
rte

Que gestou em ti cultura,
Contribuindo com a miscigenação

Tom
suave

Na minha alma feminina,
Trago a letra da canção,
São vozes que gritam alto,
Com suavidade e beleza.

Tom suave
Tom nor-
mal

Sou mulher, sou povo,
Sou rio, sou natureza.

Tom doce
e um pouco
lento

Cada canto em sua lingua,
Identidade que em mim ressoa,
Sou cultura, ancestralidade,
Sou sabedoria, eu sou pessoa.

Tom
suave

Tom forte

ANEXO N

Figura 16. Poema: O tempo do Clima

OL
O LUGAR DO SABER

O TEMPO DO CLIMA

tem forte

E houve um tempo
Onde dançavam as borboletas,
Na grama verde pousavam para descansar
E ouvir o canto do vento ecoar.

tem forte

Houve um tempo em que o sol
Brilhava mais forte,
Clareando o caminho com paz e bem,
Amadurecia o fruto,
Não prejudicava ninguém.

tem forte

Houve um tempo
Em que a terra no seu esplendor,
Alimentava o mundo com alegria e amor,
Dela brotava a planta, tinha respeito e valor.

tem forte

Houve um tempo
Em que a lua virava Naiá,
E o sol se escondia para essa dama brilhar,
Na noite escura ela chamava as encantarias,
Protetores da mata, rio e mar.

tem forte

Mas o homem, filho da terra,
Que por ela foi moldado,
Escravidado na arrogância,
Dinheiro, um pecado,
Secou o rio, retalhou a terra,
Deixou tudo mudado.

tem forte

Espantou os animais,
Enganou os encantados,
Arrancou a samaumeira,
E os pássaros desesperados,
Procuraram uma morada,
Só viram um descampado.

forte

O sol ficou furioso,
A pele fez arder,
A lua entristecida
Num eclipse se escondeu.

forte

A água não teve pena
De quem dela se esqueceu,
Deixou de correr
E em uma barragem envelheceu.

forte

A inteligência humana
Não parou de atacar,
A queimada e derrubada
Afetaram até o ar,
Respirar é um problema,
A fumaça não vai parar.

forte

O clima foi alterado,
Meu rio mudou o rumo,
Minha roça secou no verão,
Perdi até meu fumo,
A aldeia não viu mais peixe.
Cadê o pirabutão?

forte

A macaxeira não criou raiz,
Minha aldeia virou sertão,
Da fonte que eu bebia
Restou a recordação.

forte

Sinto cheiro de poluição
Envenenando a nação,
Para ajudar o clima
Precisamos do tempo
Só o velho ancião
Pode controlar a máquina da destruição.

O LUGA

ANEXO O

Figura 17. Poema: Amor de Boto

38

AMOR DE BOTO

É no chuá, chuá.
 Vem no luar, luar.
 Boto faceiro navega
 Suave no meu rio mar.

fom normal

Bonito, charmoso, sempre solteiro,
 Todo de branco
 De chapéu é seresteiro,
 No seu gingado faz a moça apaixonar.

fom mais suave e lento pausado
claramente

Surge da água, da cidade encantada,
 Vem todo prosa encontrar sua amada,
 Sabe o que quer e seduz com olhar.

fom forte

A wayna cuyra logo é ensinada,
 Que nesse rio o boto pode estar,
 Escondido, espiando a pequena se banhar.

fom Doce

Seus olhos faróis,
 Parecem o luar,
 Que reluz com o desejo de amar,
 Amor de boto rodopia para encantar.

fom Suave

ANEXO P

Figura 18. Poema: Tambor Nossa cor

TAMBOR NOSSA COR

Menina vem cá! Já vou já! Tam mais forte
 O que queres que dance? Tam médio
 O sagrado do lugar. Tam suave

Pelos rios e igapós,
 Nosso canto caminhou. } tam normal
 E do tronco da sapopema, } tam mais baixo
 Meu tambor assim ecoou. } tam firme

Chegou a cunhã filha de Tupã, tam firme/normal
 Até o terreiro cantou. tam forte
 Ao som do curimbó Iaçã se aproximou, tam médio
 Escutou, alegrou e a saia balançou. tam suave

Chamou os povos e ancestrais, tam mais baixo
 A força e resistência no amor. } tam forte
 No terreiro ou no quintal }
 O tambor é nossa cor. }

ANEXO Q

Figura 19. Poema: Cocar: identidade ou fantasia?

COCAR: IDENTIDADE OU FANTASIA?

O cocar para o indígena não é só adorno,
 Representa a nação que ele carrega,
 Cada povo tem sua representação,
 Que se vê na beleza da confecção.

As penas que nele é usado,
 É coletado com todo cuidado,
 A lua faz a ave trocar de pena,
 E o indígena colhe e armazena.

Em um cesto tecido com palha,
 Essa pena é muito bem guardada,
 Para adorno e flecha é usada,
 Que embelezará a bela morena.

Cocar não é fantasia,
 É elemento cultural,
 A pena representa a liberdade,
 Do ser, da identidade.

Como o pássaro que voa aonde quer,
 O indígena também se vê igual,
 Na aldeia ou na cidade,
 Afirma-se sem perder seu ideal.

Sejam elas pequenas ou grandes,
 Tem em si um significado de valor,
 Com suas penas e grafismos,
 O indígena mostra que é mestre e doutor.

Quando usado pelo povo,
 O cocar tem valor sem igual,
 Seu peso está na responsabilidade
 De levar o conhecimento ancestral.

Se usado de qualquer maneira,
 Sem conhecer o seu real valor,
 O cocar perde a magia,
 Aí se torna adereço de fantasia.

Não se usa uma pena por usar.
 O cocar concentra energia
 Por isso é sagrado e tem magia.
 Dos mais velhos aprende-se respeitar e zelar.
 Salve a força do cocar.

ANEXO R

Você Sabe o Valor que Tem o Maracá na Cultura dos Povos Indígenas?

**VOCÊ SABE O VALOR QUE TEM O
MARACÁ NA CULTURA DOS POVOS
INDÍGENAS?**

Maracá não é só artesanato
Tão pouco se resume
A um instrumento musical...

-TOM NORMAL

Na mão do pajé ^{PAUSA} tem poder de cura
Espanta energias ruins
Afugenta todo mal
Carrega a força
Da conexão ancestral
Quando usado no ritual

-MÉDIO

Na música] PAUSA

Tem a função instrumental
Sonoridade que anuncia

-MÉDIO

O valor de um saber memorial]

-SUAVE

A música indígena
Demarca territórios
Educativos, políticos,
Sociais, sagrado...

-FIRME

Relacionando várias formas
De ver, sentir e compreender
As nossas lutas.

-SUAVE

Por isso, ele também é...
Símbolo de luta e resistência.

ANEXO S

Figura 21. poema: Grafismo

GRAFISMO TONS

Desenho grafado veste memorial > Forte
 não é tatuagem essa arte é ancestral > Média
 carrega a energia de kanata ayetu > Média
 é força, deixa a pele katu. > Suave

Para dançar o ritual > Média
 já chegou Tayassu.

Do jenipapo o sumo final > Média e forte
 que pinta corpus
 representa União > Firme
 identidade, sabedoria?

Chama o espírito da onça > Forte
 carregam quando a nação
 nos faz pertencentes à natureza
 nos dá mais beleza, fortalece a missão. > Média e forte

Registra o tempo > Média
 É nossa escrita- linguagem
 aguça a visão do pajé.

Grafismo de evocação > Forte
 traz o espírito da cobra saber, > Média
 metamorfose alucinação.
 Espantar arabé e enaltece Kaaeté. > Suave

Não se pinta por pintar > Forte
 o grafismo traz a força das águas > Média e Suave
 cosmologia do lugar,
 grafismo vem da morada sagrada > Suave
 o corpo é a tela, > Forte
 que urucum e o jenipapo
 Num mistério vão grafar
 informações importantes > Média
 para a nação interpretar e guardar.

Consciência é respeito > Forte
 o grafismo merece cuidado > Média
 escrita do velho novo tempo > Média
 é a voz do antepassado. > Suave

ANEXO T

A Dança do Amor

A DANÇA DO AMOR

Lá vem o passarinho → normal
 Com passo bem miudinho → tom lento
 E vem de lado, de ladinho, → tom lento.
 Estufando o peito para dançar. → normal.

A dança do amor,
 Que na beleza de sua cor, } tom lento
 Vê-se uma dança sensual, }
 O ritual do macho, } tom normal
 Num esforço fenomenal. }

A fêmea chega de mansinho, → tom convidativo
 Observa o passarinho, → normal
 Canta pedindo carinho, → normal
 E um beijo sedutor. → lento.

Começa a dança da conquista, → normal
 E no dois para lá e dois para cá, → baixo lento
 Um piruetas e um canto → normal
 Demonstram a magia desse encanto. → tom afirmativo

Até para o passarinho } normal
 O amor requer um tempinho, }
 Um esforço para conquistar, → normal
 E o acasalamento iniciar. → lento

O mistério da natureza }
 Deve ser admirado, } normal.
 O encontro entre dois passarinhos }
 Precisa ser respeitado, }
 Na pureza do amor, }
 Esse enlace é revelado. }

ANEXO U

Grafismo: União dos povos

Aula de poesia indígena

Professora Catharie

Grafismo: União dos povos

Os grafismos são marcas do espaço-tempo em nós. contam histórias, e desenhá-los na pele é dar espaço para a história falar. Existe um grafismo que representa asas de borboleta; seu desenho lembra uma sequência de w. Simboliza toda a metamorfose da lava para se tornar uma borboleta. Assim, os Omágua Kambeba percebem esse grafismo como representação de uma evolução, de um crescimento.

Vivemos um novo tempo, com novos pensamentos, novas estratégias de resistência e sobrevivência, em que os elementos da cidade podem ser encontrados na aldeia. Conhecemos e utilizamos celular, televisão, computador, estudamos na escola da aldeia e na da cidade. Adentramos as universidades, produzimos literatura, música, arte plástica, cinema. Mas a cultura indígena também precisa ser percebida pelo olhar de quem dará continuidade a esse legado. É preciso fazer ciência sem esquecer a ciência ensinada pelos anciões, a contribuição dos povos originários para os saberes da cidade, a base civilizatória para a formação do Brasil:

A língua majoritariamente falada no país, criada de três bases (o português falada pela colonizador europeu, as línguas indígenas e as diversas línguas africanas aqui introduzidas) e difundida em todo o país pelos constantes deslocamentos das populações escravizadas; a religiosidade popular em toda sua diversidade, com a encantaria ou pajelança e os elementos indígenas presentes, por exemplo, no catolicismo popular e mesmo, segundo Prezzia (2007), em movimentos evangélicos contemporâneos, na umbanda e no candomblé (os caboclos e caboclas); a medicina popular, com o conhecimento da manipulação de ervas, raízes, plantas, animais, diversas manifestações rítmicas e de expressões corporais, envolvendo música, dança e luta; uma estética diferente, um modo diferente de ser belo (a). Para além dessa base civilizatória para nossa sociedade, os conhecimentos indígenas acerca da Flora nativa também se prestaram a contribuir, de forma mais ampla, com a humanidade como no caso do manejo do látex da seringueira. essa riqueza que a autoria foi roubada.

Hoje, muito do que nos transmitem os anciões não podem ser levados a pesquisadores; são conhecimentos que precisam continuar em segredo, sendo transmitidos ela oralidade, porque é dever de cada nação zelas por suas memórias ancestrais sagradas.

Atualmente, nós, povos originários, buscamos manter nossa cultura viva através de elementos que carregamos em nossa uka sagrada, nosso território ancestral, o próprio corpo, a alma, a memória. O conhecimento adquirido com os mais velhos não se perde com a vivência em área urbana. Mesmo vivendo em uma selva de pedra, na convivência acelerada no ir e vir de carros e aviões, os indígenas residentes fora da aldeia conseguem fazer a ponte entre o saber ancestral e o saber da cidade. Liga mundos, ser ponte para outra tarefa que requer amor, humildade, sabedoria, caridade, vontade de partilhar saberes de importância certa na caminhada e na escolha sobre o caminho a seguir rumo ao novo Horizonte, sempre além do imaginável, um novo nascer do sol e da lua nova.

A sabedoria dos povos originários nos fez grandes, no sentido de busca estratégias de não usar somente a força física, mas de fazer da sua ciência e da sua flecha com ponta de taquaraçu letras e mensagens, que, proferidas serão certas, atingindo o alvo na parte mais importante que é o pensamento crítico e reflexível; atingindo a mente para chegar ao coração. Assim caminham os povos da floresta, buscando a demarcar seus territórios, lutando contra o sistema que quer vê-los desapropriados em suas terras produtivas, ricas em minérios, madeira de lei, onde entendem que precisa ser construída uma hidrelétrica ou uma hidrovía. Se há “índio” no caminho deve ser retirado. Para onde vão? Não se sabe ao certo. O que se pode dizer é que, na cidade seu endereço será a favela, a periferia, terão dificuldade de adaptação e, conseqüentemente passaram fome. Na aldeia quem chega tem abrigo, comida, e um belo lugar para desfrutar a paisagem. É pensando no bem comum dessa casa de todos que os povos que vivem debaixo do manto sagrado da natureza cuidam dele como se o fizessem a si mesmos, porque tudo está interligado.